

WILSON VALENTIM BIASOTTO

**CRÔNICAS:
EDUCAÇÃO,
CULTURA E SOCIEDADE**

WILSON VALENTIM BIASOTTO

**CRÔNICAS:
EDUCAÇÃO,
CULTURA E SOCIEDADE**



Dourados

2013

Universidade Federal da Grande Dourados

COED:

Editora UFGD

Coordenador Editorial : Edvaldo Cesar Moretti

Técnico de apoio: Givaldo Ramos da Silva Filho

Redatora: Raquel Correia de Oliveira

Programadora Visual: Marise Massen Frainer

e-mail: editora@ufgd.edu.br

Conselho Editorial - 2009/2010

Edvaldo Cesar Moretti | Presidente

Wedson Desidério Fernandes | Vice-Reitor

Célia Regina Delácio Fernandes

Luiza Mello Vasconcelos

Marcelo Fossa da Paz

Paulo Roberto Cimó Queiroz

Rozanna Marques Muzzi

Revisão:

Milenne Biasotto e Ramiro Soares

Impressão:

Editora UFMS

Crônicas revistas e atualizadas, em casos incontroversos, em consonância com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor a partir de 2009.

Não se padronizou o uso do tempo verbal. Em algumas crônicas o autor usa o plural majestático - sua preferência - em outras a primeira pessoa e, ainda que raramente, o impessoal.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central - UFGD

378.8171 Biasotto, Wilson Valentim.
B579 Educação, cultura e sociedade / Wilson Valentim Biasotto –
v. 1 Dourados : Ed. UFGD, 2013.
 265 p.

ISBN: 978-85-8147-014-6.

Possui referências.

1. Educação – Dourados. 2. Universidades públicas. 3. Ensino superior. 4. Universidade Federal da Grande Dourados. 4. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. I. Título.

DEDICATÓRIA

À Helena, companheira inseparável,
pelo amor, compreensão, auxílio e incentivo.

Aos filhos Mirella, Etienne e Milenne,
pelo amor e pelo compartilhamento
de experiências nessa
contínua relação de ensino e aprendizagem.

Ao meu irmão Jair e à minha cunhada Fátima,
pelo que são na essência, mas também
pelo carinho e dedicação dispensados aos
meus pais, Maria (*in memoriam*) e Valdomiro.

AGRADECIMENTOS

À minha mulher, Helena, que ao longo de todos esses anos, recortou e arquivou uma por uma todas as crônicas que escrevi.

Aos jornais O Progresso, Diário MS, Dourados Informa e Dourados News pelo generoso espaço cedido para a publicação dessas crônicas.

À Editora da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD – pela possibilidade da publicação e pela dedicação especial na formatação desse livro.

À Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – por facilitar a impressão dessa obra.

A Milenne Biasotto e Ramiro Soares pela minuciosa revisão.

SUMÁRIO

Apresentação	11
A título de Introdução	15
1. Educação: Fábulas italianas	17
Fábulas Italianas: a mãe de São Pedro	17
Fábulas italianas: o peso da cruz	19
Fábulas italianas: <i>varda que te vedo</i> - (guarda che ti vedo)	21
Fábulas italianas: um desafio entre Deus e o diabo	25
Fábulas Italianas: o homem mais justo do mundo	27
Fábulas italianas: a velha que enganou o diabo	29
Fábulas italianas: o homem que deu a alma ao diabo	31
Fábulas: aonde vai marido meu? / a morte em forma de peruca	33
Fábulas italianas: eu não quero estar aqui	35
Fábulas italianas: um chapeuzinho no céu	37
Fábulas italianas: o sapo e o boi	39
Fábulas italianas: o menino que gostava de mentir	40
Fábulas italianas: as comadres e o bolo de trigo	41
Fábulas italianas: o teste do bom coração	42
Fábulas italianas: a <i>quanquantricola</i> – óleo de rícino / sardinha dependurada / aqui se faz, aqui se paga / um filho bem educado	43
Quantas <i>fettas</i> ?	47
2. Educação: Cidade Universitária	49
CEUD/UFMS: 25 anos (Tópicos de sua história I: apresentação)	49
CEUD/UFMS: 25 anos (Tópicos de sua história II: primeiros cursos)	51
CEUD/UFMS: 25 anos (Tópicos de sua história III: os pioneiros)	53
CEUD/UFMS: 25 anos (Tópicos de sua história IV: os cursos de ciências)	55

CEUD/UFMS: 25 anos (Tópicos de sua história V: o curso de Agronomia)	57
CEUD/UFMS: 25 anos (Tópicos de sua história VI: o curso de Agronomia)	59
CEUD/UFMS: 25 anos (Tópicos de sua história VII: Ciências Contábeis)	61
CEUD/UFMS: 25 anos (Tópicos de sua história VIII: o curso de Pedagogia)	63
CEUD/UFMS: 25 anos (Tópicos de sua história IX: o curso de Geografia)	65
Agronomia: quantas decepções para 32 vagas	67
Agronomia é intransferível	69
Eleições na UFMS	71
Um cursinho solidário para o vestibular	73
Cidade Universitária: fecha-se um círculo	75
A Cidade Universitária de Dourados	77
Cidade Universitária de Dourados: algumas questões pontuais	81
Educação solidária	85
Vestibular especial da UFMS	87
Vestibular especial: “Saúde Dourados”	89
Esboço para uma história do curso de Medicina de Dourados/UFMS	92
A migração do autoritarismo para a Universidade Federal em MS	95
Nossa alegria com a Cidade Universitária não pode acabar	98
Hospital Universitário de Dourados	100
O destino da Santa Casa de Dourados (I)	103
O destino da Santa Casa de Dourados (II)	106
A primeira faixa do curso de Medicina da UFMS/Dourados	108
Quando o Reitor Chacha disse sim para a Medicina	110
As cotas para estudantes universitários (parte I)	112
As cotas para estudantes universitários (parte II)	115
As inaugurações na UFGD	119
Em torno da criação da UFGD	122
Pequena história da História	126
Uma crônica para Ledenice	129
Daiane, Nando e a primeira turma de Medicina/Dourados	132
A UEMS e os compromissos do governador	134
Algumas metas para o Projeto Cidade Universitária	136
A UFGD e os limites da tolerância	139
A tutoria para a implantação da UFGD	143

A hipocrisia dos nomeadores de dirigentes de ensino superior	146
UFGD: quantas pedras ainda faltam para removermos?	148
3. Educação: Associação Douradense de Professores	151
Primeiro mês da ADP	151
20 ANOS DE SIMTED	153
Nasceu o “Quadro Verde”	155
Inicia-se uma nova história dos professores	157
O movimento reivindicatório do magistério em Dourados	159
4. Educação: Crônicas diversas	163
Sobre o ensino pago	163
Grêmio estudantil, escolinha de líderes	165
Festas escolares: faca de dois gumes	167
O professor e a Consolidação das Leis do Trabalho	169
Ao mestre com carinho	171
Impropérios de jovens estudantes	174
Aprendizado doloroso	176
Meus primeiros (e insólitos) encontros com Darwin	178
5. Educação: Dourados - Cidade Educadora	182
Dourados e as cidades educadoras: mais um sonho coletivo	182
Cidade Educadora: a pressa e a qualidade de vida	184
A simbologia da logomarca de nossa Cidade Educadora	187
6. Cultura	190
Sociedade Comunitária Cultural Tereré	190
TUD: nenhum desânimo, nenhum apoio oficial (I)	191
TUD: nenhum desânimo, nenhum apoio oficial (II)	193
Para o TUD grande prejuízo e maior satisfação	195
Dourados é pela paz	197

O triste adeus às estátuas	199
Dourados necessita da Casa de Cultura	201
Encontro de corais	203
Você é nosso convidado	205
A bailarina médica	207
A bailarina que vai ser médica	210
A fábula da coruja e a cidade de Dourados	212
O CAM e o MUSEU: uma cajadada, dois coelhos	215
O patrimônio histórico-cultural de um povo	218
Livres de carros	221
O ervateiro: a deposição simbólica de uma obra artística	223
7. Sociedade	226
Por uma terra sem males: romance de Walter Spada Bettoni	226
A música como fonte de reflexão	230
Marchemos	233
O anacronismo do MST	235
Rainha e o Radialista	237
Os baderneiros	239
Sem terra e sem aldeia	241
A complexidade da questão indígena (I)	243
A complexidade da questão indígena (II)	247
Meu reconhecimento à inteligência do Deputado Gabeira	251
Quem gosta de greve?	254
Greve e violência	256
Tempos Modernos	258
E quando for o exército?	260
Greve de fome	262
Se todo brasileiro fosse um craque...	264

APRESENTAÇÃO

O livro ora apresentado é um apanhado de 104 crônicas, algumas de 1978 e a maioria escrita a partir de 1995 até a presente data. O tema Educação compõe-se de 56 crônicas, outras 16 são relatos descrevendo fábulas ou estórias oriundas da cultura italiana, e os temas Cultura e Sociedade compreendem, cada um, 16 crônicas.

Elas falam de Dourados e de Mato Grosso do Sul. O tema Educação é dominado por comentários sobre o desenvolvimento do ensino superior público em Dourados. Contam detalhes do desenvolvimento do antigo Centro Pedagógico de Dourados (CPD), 1971, um dos pólos da Universidade Estadual de Mato Grosso até chegar à atual Universidade Federal da Grande Dourados, 2005. A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul também ocupa o seu lugar. Há ainda muitos flagrantes do magistério estadual, das instituições escolares e dos múltiplos problemas da cidade de Dourados.

As fábulas podem ser lidas à parte. É um tributo em homenagem a ascendência italiana do Autor. Basta uma rápida leitura para comprovar o óbvio: os temas das fábulas são universais. O tema da Cultura abrange o teatro douradense, estátuas públicas, balé, corais; e da Sociedade versa sobre literatura, música, movimentos sociais, questão indígena, greves docentes, entre outros.

Se a crônica, como escrito cotidiano postado sob forma de artigo de consumo para leitores diários de um jornal, é a sua unidade de composição, a obra está longe de ser uma coleção de abordagens dispersas. Ao contrário, na maior parte das vezes, as crônicas foram premeditadas e obedeceram a uma sequência programada. Outras versando sobre os

mais diversos assuntos têm suas conexões centradas nas preocupações de cada etapa da vida do Autor.

Para que servem essas crônicas? Não são apenas arquivos de dados e informações que se não registradas poderiam cair no esquecimento. Dentre as múltiplas leituras, elas podem ser consideradas como narrativas que se constituem não somente em uma busca histórica, mas também em uma construção e (re)construção crítica dos fatos dentro do jogo da memória e do esquecimento. Isso porque o passado não está pronto e acabado; ele precisa ser repensado e refeito, recebendo novos significados, à mercê das contradições sociais.

Nestas circunstâncias e nas condições históricas do gênero humano, o Autor não pôde fugir das correlações de forças que existem entre a ênfase em alguns aspectos e a omissão de outros. Estas crônicas são assim, visões pessoais testemunhadas e reconstruídas pelo Autor, e como tais, carregam muito de sua subjetividade. De qualquer modo, expressam as descobertas e as criações de um personagem que ocupou vários papéis de grande destaque nos últimos 30 anos em Dourados.

Uma viva curiosidade é o seu guia para lançar questões que a dura realidade resiste em ser desvelada. Mas não se trata de uma curiosidade unicamente intelectual; em vez disso, é uma busca que deságua na prática e no agir. Aposta na superação de sua subjetividade, quando afirma em uma das crônicas ter compreendido, ao longo de sua existência, “já não tão curta, que não adianta quereremos colher se for época de semeadura ou plantar se for hora de ceifar.”

É, além disso, um olhar que pretende ser da esquerda ideológica. Às vezes, vai além, assumindo vocabulário próprio das paixões extremadas, naturais nas acirradas lutas político-partidárias. Muitas vezes, são permeadas de emoções espontâneas e simples, aliando vitalidade e sabedoria.

É bom deixar claro que a perspectiva de esquerda não tem o monopólio da verdade, porém, tem mais receptividade para abraçar a realidade com maior escala de objetividade. Por que a luta pela intervenção no social exige que se conheça bem essa realidade. E, ao contrário, nos embates sobre desigualdades e injustiças sociais, as elites hegemônicas tendem a tomar posições de direita para camuflar a realidade, porque precisam manter as aparências e disfarçar seus privilégios sociais.

Estas crônicas assumem uma maior legitimidade porque são elaborações de uma personalidade marcada pela perseverança. Perseverança que não chega à rigidez da teimosia. E não é uma perseverança cega, porque há um insistente capricho na aplicação do método. É uma perseverança de quem enxerga longe e movido por fundas convicções.

Conheci-o em 1974, vindo de Catanduva (SP), admitido como mais um colega no então Centro Pedagógico de Dourados. Acompanhei de perto seu trabalho como professor, como diretor do Teatro Universitário de Dourados, dirigente da Associação Douradense de Professores e da Federação dos Professores de Mato Grosso do Sul, sua titulação de mestrado (1983) e doutorado (1995), viajando semanalmente de ônibus para a USP, e também como diretor do então CEUD. Mais de longe, acompanhei seus trabalhos como vereador e outras postulações pelo Partido dos Trabalhadores.

Quem acaba conhecendo alguém de muito perto termina por conhecer os detalhes que são as suas qualidades e também os seus defeitos. Defeitos inerentes ao ser humano, enquanto ser contingente. Defeitos, muitos dos quais o jovem impetuoso soube contornar com a temperança conquistada com a maturidade.

Uma observação do próprio Autor para finalizar. O Wilson, para os mais antigos, e o Biasotto, para quem o conheceu como político, tem sua identidade associada a Dourados e a tudo que se liga a ela. Referin-

do-se aos avanços da sociabilidade européia, ele escreveu, serenamente: “Não quero migrar para lá, quero que a minha terra mude, sempre para melhor, até alcançarmos aquele padrão de vida e de comportamento de civilidade.”

Kiyoshi Rachi

Professor aposentado pelo CEUD/UFMS

A TÍTULO DE INTRODUÇÃO

Nunca me importei em ser chamado de irreverente. Compreendo e aceito com tranquilidade que para o bem ou para o mal sou mesmo um cidadão irrequieto. Ao longo de minha existência, fui mudando apenas o foco de minhas preocupações. Na infância, o meu pensamento viajava pelo delicioso mundo da fantasia, do lúdico. Criava personagens e dialogava com amigos invisíveis. Com carretéis de linha, chuchus, batatinhas e palitos de sorvete ou quaisquer pauzinhos, montava carros e carroças, estruturava fazendas com vacas, cavalos, carneiros, porcos e galinhas. Na juventude, os sonhos pueris cederam lugar a uma dura labuta pela subsistência, no entanto, não me faltou espaço para sonhar com um futuro melhor, especialmente por meio dos estudos. Ainda na juventude, mas principalmente na idade madura, enxerguei na educação, na história, no teatro, no sindicato e na política, as ferramentas de construção de um mundo mais justo, mais solidário e mais igual. Vivi intensamente as minhas convicções. Agora, passado dos sessenta anos, entrando no crepúsculo da existência, sem renegar nenhuma das convicções que tive, acrescento que acredito na escrita como forma de avançar em conquistas. É necessário escrever, registrar experiências, (re)contar histórias e narrar fábulas para que não se percam, para que acalentem nas futuras gerações a esperança de dias ainda melhores.

Esse trabalho, que ora apresento ao público, reflete de certa maneira essa minha irreverência, em outras palavras, significa o meu olhar crítico diante dos acontecimentos que se sucedem no dia a dia. Se há lacunas, tanto temporais quanto temáticas, é porque nunca tive disponibilidade apenas para escrever crônicas. Minha falta de assiduidade

significa que tive atividades profissionais que me absorviam em outros afazeres.

As crônicas, por se constituírem em matéria jornalística, redigidas sem compromissos científicos, muitas vezes se perdem, o que é lamentável, pois elas podem ser de grande importância como auxiliares da história. Gosto de crônicas sejam elas as narrativas medievais, chamadas enormes escritos normalmente por arquivistas especialmente contratados para contar os feitos reais e principescos, sejam as crônicas modernas, nas quais se pode pinçar de uma narrativa do cotidiano o fio de uma meada para o historiador desvelar modos de vida, arte, educação, política, religião, enfim, trabalhar com método científico aquilo que é apenas superficialmente abordado pelo cronista por questão de espaço nos órgãos de comunicação, ou mesmo trabalhar aquilo que o cronista fornece apenas como pistas.

Esse livro, em dois volumes, composto de crônicas escritas principalmente nos últimos quinze anos, substancia essa minha crença de que é preciso deixar registros. Trata-se de um trabalho de recuperação e seleção de crônicas, algumas escritas em 1978, quando colaborei durante três meses para o “Jornal de Notícias” de Dourados, outras escritas entre 1995 e 2009, cobrindo, portanto, um período de quinze anos, publicadas em sua maior parte no Jornal “O Progresso”, mas também no “Diário MS”, e, mais recentemente, com o advento do jornalismo eletrônico, no “Dourados News” e “Dourados Informa”.

No primeiro volume o leitor encontrará uma seleção de 99 crônicas, sendo 26 sobre globalização e neoliberalismo e 73 sobre política. No segundo volume, a coletânea – de 104 crônicas – versa sobre Educação (72), Cultura (16) e Sociedade (16).

1. EDUCAÇÃO: FÁBULAS ITALIANAS

Fábulas italianas: a mãe de São Pedro¹

Sempre, ao me lembrar de algumas histórias que meus avós, pais e tios contavam-me, vinha-me a ideia de as (re)contar, escrevê-las, publicá-las. Cheguei até mesmo a pensar em um título para o trabalho: chamar-se-ia “histórias de minha avó”, por tratar-se de historietas de fundo moral ouvidas de geração em geração, sabe-se lá desde quando.

O tempo foi passando e eu adiando esse projeto. Belo dia, ano passado, numa Feira do Livro, deparo-me com um título sugestivo: “Fábulas Italianas”, de Ítalo Calvino. Leio a obra, razoavelmente volumosa, praticamente de um só fôlego, pois, para a minha surpresa, lá estavam várias das “histórias de minha avó”.

Roubaram-me um sonho, pensei no início, mas logo me reconfortei, em primeiro lugar porque as fábulas italianas são muito bonitas, em segundo porque me avivou o desejo de escrevê-las, pois nem todas as fábulas que sei estão lá e muitas possuem versão diferente. O sonho, portanto, continua, e, hoje, já tenho umas fitas cassete, gravadas com muitas histórias, lembradas por minha mãe, que um dia desses ainda virão à luz.

Por ora desejo contar-lhes apenas uma dessas fábulas, que vem a propósito.

¹ Escrita em 1999 é certo que foi publicada em “O Progresso”, numa sequência de fábulas italianas que escrevi nesse referido ano, no entanto, não encontrei comprovante.

É sabido que São Pedro é o guardião da chave do céu. Lá ninguém entra sem passar pela sua autorização. Em compensação sua mãe, mulher avara amargava duras penas nas profundezas do inferno.

São Pedro inconformado, certo dia, falou com Deus a respeito. Ponderou que não lhe parecia justa aquela situação, ele, portador da chave do céu, portanto homem de confiança do Senhor, ter a sua própria mãe no inferno.

Deus aquiesceu. Disse que daria a Pedro a oportunidade de descer ao inferno e retirar de lá a sua mãe.

E lá se foi São Pedro inferno abaixo e conferiu que pelas profundezas onde se encontrava, sua mãe deveria ter feito poucas e boas. Mas ele não se importou, estava pronto para salvá-la. Estendeu-lhe a mão e iniciou o caminho de volta.

Na medida em que São Pedro ia subindo, muitas almas se agarravam aos pés de sua mãe buscando a salvação. Formou-se um longo cordão, com muitas almas dependuradas umas nas outras, sequiosas em aproveitar aquela oportunidade única de saírem do inferno.

Tudo ia muito bem até o momento em que São Pedro chegou à porta de saída. Sua mãe, pretendendo salvar-se sozinha, chacoalhou os pés de modo que todas aquelas almas, que estavam agarradas a ela, caíram novamente.

Por castigo Deus fez com que ela também se soltasse das mãos do filho e voltasse para as profundezas do inferno.

Fábulas italianas: o peso da cruz²

Esses dias atrás afirmei nesse espaço que na medida do possível contaria algumas fábulas italianas que me foram ensinadas, especialmente pela minha mãe. Essas histórias de cunho moral tinham, com certeza, alguma finalidade educativa.

Provavelmente nos dias atuais elas não terão idêntica finalidade, todavia, em caso de dúvida, desejo informar que, ao menos de minha parte, não pretendo que sejam para incentivar o conformismo como solução para os nossos problemas.

A que segue, por exemplo, penso que deve ser utilizada para que as pessoas reclamem menos de forma que haja tempo para aproveitar melhor a vida, seja através do trabalho produtivo seja através do ócio.

Vamos à história.

Um homem, não sei ao certo com quantos anos, mas não deveria passar dos trinta, vivia reclamando de sua sina. Lamentava-se dizendo que a sua cruz era muito pesada, que não a suportava, que estava cansado e coisas desse tipo.

Nosso personagem tinha o perfil de pessoa que, com certeza, nosso leitor já conhece. Era desses que quando tem algum trabalho queixa-se que trabalha demais, quando está folgado lamenta-se porque não consegue ficar sem fazer nada. Nunca estava perfeitamente sadio, mesmo porque, caso estivesse, sua mente, acostumada a ver tudo de forma negativa, daria conta facilmente de inventar algum mal-estar.

² Publicada em “O Progresso”: 04/06/1999

Claro que não era um homem feliz. As pessoas que muito reclamam não têm tempo para a felicidade, precisam estar sempre procurando alguma coisa errada aqui outra acolá, enfim, sempre encontram um motivo para deixar as coisas boas da vida irem passando a galope, sem que ao menos percebam.

Pois bem. Certo dia nosso personagem chorava as suas mágoas para um velhinho que mal conhecera. Caminhavam por uma bela estrada que recortava montanhas. Num determinado momento o velhinho parou e segurou o seu companheiro de viagem pelo braço.

- Venha cá, entremos nessa gruta, nela existem centenas de cruces. Você experimenta para encontrar uma que lhe seja mais leve.

O homem, satisfeito com a oportunidade que se lhe abria, depositou a sua cruz logo na entrada da gruta e pôs-se a caminhar pelo seu interior, experimentando uma a uma todas as cruces, com o objetivo de encontrar a de menor peso.

O velhinho o esperava à porta de saída.

Três voltas deu o homem pela gruta, talvez sem que o soubesse, experimentou todas as cruces existentes. Finalmente encontrou a mais leve e saiu.

- Pronto, disse ao velhinho, finalmente encontrei uma cruz mais leve que a minha.

Sorrindo, o velhinho chamou a atenção de seu companheiro de caminhada:

- Meu filho, essa cruz mais leve que você pegou é a sua. Você experimentou tantas que não se deu conta quando pegou a sua própria cruz.³

³ Em outra versão dessa fábula o homem reclamava de sua cruz e resolveu serrar-lhe um pedaço. Continuou o seu caminho satisfeito, com a cruz mais leve, no entanto, mais adiante se deparou com um precipício que não conseguia pular. Resolveu então deitar a sua cruz sobre o enorme buraco quando verificou que a cruz era pequena, faltava exatamente o pedaço que havia cortado.

Fábulas italianas: *varda que te vedo - (guarda che ti vedo)*⁴

Esta é a terceira de uma série de fábulas que anunciei contar. Como as demais, baseio-me em versão relatada por minha mãe, Maria Secagno Biasotto, e que tive o cuidado de gravar em cassete. A expressão “varda que te vedo” significa “olha que te vejo”.⁵

Disfarçado em moço, muito bonito, o Diabo foi à casa de um casal que possuía três filhas. Pediu uma delas em casamento e teve o seu desejo satisfeito, foi-lhe concedida a mão da filha mais velha.

Realizado o enlace e celebrada as bodas, a moça acompanhou o marido para a sua morada. Era um palácio enorme que logo foi sendo apresentado para a esposa. Deslumbrada, a moça foi conhecendo todos os encantos da nova morada, cada ponto mais bonito que o outro. Mas, num determinado momento, o moço parou diante de um aposento e disse para a esposa que aquele local era o único do palácio onde ela jamais poderia olhar, sequer poderia abrir a porta.

No outro dia, bem cedo, o moço se despediu dizendo que ia trabalhar e que voltaria tarde. Colocou-lhe uma flor nos cabelos e se foi.

Ah! Maldita curiosidade! A moça não conseguia pensar em outra coisa que não fosse abrir aquela porta proibida. Fazia uma coisa, admi-

⁴ Publicada em “O Progresso”: 10/06/1999

⁵ Varda que te vedo é italiano macarrônico dos nossos descendentes, os *oriundi*, radicados no Brasil, e deveria ser traduzido por olha que te vejo. Na língua oficial a expressão deve ser algo como “guarda che ti vedo” ou “guardate ti vedo”, ou seja, “eu vejo você olhar.”

rava outra, tinha todo o palácio para ver e conhecer melhor, mas a sua ideia fixa era conhecer o que havia dentro do aposento proibido.

Mal passara a hora do almoço, não aguentou, foi abrir a porta. Era o inferno, uma fornalha quente onde as almas imploravam misericórdia. Fechou aquela porta apavorada e somente se deu conta da hora quando o marido estava chegando. Tentou recompor-se, mas não adiantou. A flor murcha nos cabelos denunciara a desobediência. O marido, implacável, jogou-a para o inferno.

Passado uns dias o Diabo voltou à casa do sogro. Disse que a esposa tivera um mal-estar e que ele gostaria de levar uma das irmãs para ajudá-la nas tarefas do lar.

Lá se foi outra filha. E o Diabo procedeu da mesma forma que fizera com a outra; mostrou-lhe o palácio, falou do aposento proibido e arrumou uma desculpa para não dizer onde estava a esposa. Da mesma forma, no outro dia, bem cedo, saiu colocando uma flor nos cabelos da cunhada.

Ao voltar, a mesma história. A moça abriu a porta, vira o inferno e, inclusive, a própria irmã lá dentro. Também quando o marido chegou tentou se recompor, mas a flor a denunciava. Foi atirada ao inferno.

E o Diabo, matreiro, voltou à casa do sogro. Argumentou que as suas duas filhas estavam passando mal e que precisava levar a outra para ajudá-las naquele momento de doença. O pai aquiesceu e lá se foi a filha mais nova.

Chegando ao palácio tudo se repetiu como houvera sido com as outras duas irmãs e, no outro dia, bem cedo, o moço colocou uma flor nos cabelos da moça e se foi para o trabalho.

A moça, da mesma forma que as irmãs, não se aguentou de curiosidade, abriu a porta proibida, viu o inferno e lá as suas duas pobres irmãs, mas, para a sua sorte, havia retirado a flor dos cabelos e

colocado num copo com água, somente recolocando-a quando o moço estava chegando.

Percebendo a flor intata, o Diabo perguntou apenas por perguntar se ela havia aberto a porta. A moça, evidentemente, disse que não e o diabo ficou convencido de que, finalmente, encontrara alguém em quem pudesse confiar.

Passados uns dias, a moça, muito esperta, retirou do inferno uma das irmãs. Fez uma caixa bem feita e colocou-a dentro e combinou que quando o Diabo tentasse abaixar a caixa ela deveria dizer “varda que te vedo”. Quando o moço-Diabo, no outro dia cedo, se despediu para sair para o trabalho, com muito jeito, pediu-lhe que levasse para os pais aquele pacote com roupas e advertiu-lhe: não deveria se deter por nenhum motivo, muito menos tentar abrir o pacote. E, mais, não adiantaria nem tentar abaixar a caixa, pois ela tinha um poder muito grande: enxergava longe.

Pacote nas costas o Diabo seguiu o seu caminho. Com o tempo a caixa lhe parecia mais pesada e isto, misturado à sua curiosidade, fez com que tentasse várias vezes colocá-la no chão para ver o que tinha dentro.

Percebendo a manobra, a moça que estava dentro da caixa, fez voz procurando insinuar que estava longe e disse: “varda que te vedo”. O Diabo reergueu a caixa e seguiu viagem. Mais adiante, nova tentativa e, outra vez a moça, de dentro da caixa alertou: “varda que te vedo”.

Quando pensava estar longe o suficiente para não ser visto o Diabo tentava descer a caixa que carregava sobre os ombros, mas a voz lhe reprendia: “varda que te vedo”. E assim foi, até chegar à casa onde depositou a encomenda e se foi para o seu trabalho.

Passados uns dias, a moça retirou a outra irmã do inferno, colocou-a numa caixa bem fechada e pediu para que o moço levasse para a casa dos pais. Da mesma forma como acontecera com a encomenda

anterior, quando o Diabo ia baixar a caixa para ver o que havia dentro, a moça fazia uma voz como que estivesse bem longe e dizia “varda que te vedo”. O Diabo tentou, tentou, mas, como da outra feita, deixou a encomenda sem que pudesse ver o que era.

Paciente, para evitar desconfiança, a moça esperou mais alguns dias e na hora de ir dormir disse ao Diabo: “Olha, amanhã você deve levar uma outra caixa de roupas para os meus pais, eu vou dormir até mais tarde e nem vou me despedir de você, mas lembre-se, eu enxergo longe, nem tente ver o que tem na caixa, pois da mesma forma que eu não abro a porta proibida você também há de me obedecer”.

E tudo se repetiu como das outras vezes, a cada tentativa do Diabo, de descer a caixa, a moça ameaçava: “varda que te vedo, vaarda que te vedo, vaaarda que te vedo”. E, também desta feita, o Diabo deixou a caixa sem saber o que levava.

Ao abrirem a terceira caixa, e reaverem também a filha mais nova, a alegria voltou a reinar naquela casa, e o Diabo, não sei dizer quantos socos se deu na própria cabeça, quando percebeu que fora enganado.

Fico pensando se nós, cidadãos, fôssemos todos espertos como a filha mais nova daquele casal e, a cada ato de nossos governantes, estivéssemos prontos a dizer: “varda que te vedo”.

Fábulas italianas: um desafio entre Deus e o Diabo⁶

Nesses tempos em que os ventos neoliberais continuam soprando nesses rincões tupiniquins, para a felicidade do capital internacional, temos que nos apressar, temos que correr muito para sermos o mais esperto, o melhor, o mais isso, mais aquilo. Se bobearmos o cachimbo cai. Não se fala mais em papel social da indústria, do comércio, da própria terra. A competição é assombrosa!

Não pense, entretanto, o leitor, que a competição é coisa de nosso tempo. Na verdade, como já dizia o velho rei Salomão, “não há nada de novo sob o sol”. Confira, com a leitura de mais essa fábula italiana, a quarta que conto, se a expressão não está, de fato, correta.

O Diabo, certa feita, fez um desafio a Deus para ver quem fazia, mais depressa, um sapatão, quer dizer, um par. Tudo pronto para a disputa, os dois começaram a empreitada.

Deus, com toda a calma do mundo, cortava pedaços pequenos de barbante, passava pelo buraco da agulha e, ponto a ponto, ia confeccionando a sua obra. O Diabo, na ânsia de acabar primeiro, cortava pedaços enormes de barbante e, na hora de dar os pontos, complicava-se todo, pois o fio enredava-se e, quanto mais depressa queria ir, mais se atrapalhava.

Claro que Deus, com a sua paciência, venceu o Diabo. Seus sapatões ficaram prontos e muito bonitos. O Diabo, por sua vez, nem deu conta de acabar a tarefa, mas não se conformou, imediatamente lançou

⁶ Publicada em “O Progresso”: 29/06/1999

novo desafio: fazer um moinho. Venceria quem terminasse primeiro o melhor e mais bonito moinho.

Na região em que se encontravam fazia muito frio, o rio estava congelado, então, Deus, teve um trabalho enorme para ir a um monte próximo carregar as pedras, encaixá-las uma a uma e ir dando forma a sua obra. O Diabo, não querendo perder outro desafio, e imaginando-se muito esperto, foi construindo o seu moinho com as pedras de gelo que retirava do próprio local onde estava.

Acabada a obra sentou-se e ficou triunfante, a espera de Deus, que fora buscar outra pedra. Gozava antecipadamente a sua vitória.

Quando Deus apontou distante, também despontou o sol e, impiedoso, derreteu o moinho do Diabo. Mais uma vez, sem muita pressa, mas pensando em fazer bem feito, Deus ganhou a disputa.

Talvez por causa dessa fábula é que meu pai tenha me ensinado, certa feita, para não fazer as coisas mal feitas só para acabá-las rapidamente. No futuro ninguém saberá se eu estava apressado, ao fazer determinado trabalho, criticarão a obra em si, como ela se encontra.

Fábulas italianas: o homem mais justo do mundo⁷

Não sei exatamente para quem conto essa fábula. Talvez ela sirva ao público em geral, mas, creio, servirá particularmente àquela mãe, ou pai, que puniu severamente o filho, por um pequeno desvio. Quem sabe essa história possa interessar àquele juiz que atribuiu pena pesada ao pequeno delito, ou ao professor que, muito cômico de seu dever, reprovou o aluno por um décimo apenas.

Pensando bem creio que ela deveria servir-me para consumo próprio, para que eu pudesse refletir melhor sobre muito do que fiz e do que faço. Se não a guardo só para mim é porque prometi contar aos leitores algumas fábulas italianas, então, vai mais essa, a quinta da série.

O casal era pobre, trabalhava na roça. Não digo que tivesse consciência política de sua pobreza, todavia, bem sei, a situação material não impedia que tivesse dignidade e esperança no futuro.

Nascido o primeiro filho, a mãe quis logo batizá-lo e já foi providenciando a madrinha. O pai, que deveria escolher o padrinho, alertou que somente batizaria o filho quando encontrasse o homem mais justo do mundo.

Imbuído desse propósito, o que mais fazia era ficar pensando no perfil das pessoas que eventualmente pudessem satisfazer-lhe o desejo. Pensou no vizinho, no compadre, no vigário e até no bispo, que vira uma única vez na vida. Nada feito, em cada um encontrava um óbice.

O que não se pode negar é a obstinação desse bom homem. Ape-

⁷ Publicada em “O Progresso”: 20/07/1999

sar da dificuldade que encontrava em achar um homem justo, continuava a insistir em sua busca.

Belo dia caminhava de volta do trabalho para casa, quando encontrou um velhinho. Conversa vai, conversa vem, disse ao desconhecido que estava à procura do homem mais justo do mundo. Então, disse-lhe o velhinho, pode cessar a sua preocupação, você está falando com o homem mais justo do mundo.

Feliz, já pensando no batizado, o homem acompanhava o velhinho; maravilhado, não notava o local onde andavam; claro que percebia as lindas paisagens que se sucediam, mas não se dava conta de nada.

Finalmente algo lhe despertou a atenção. Em determinado local havia milhares de velas acesas, umas maiores, outras menores, mas todas acesas. Andavam que andavam e aquelas velas foram intrigando o homem que não resistindo à curiosidade perguntou o que era aquilo.

O velhinho explicou que aquelas velas mediam a duração da vida das pessoas, quer dizer, determinavam o tempo de vida dos indivíduos. Se a vela estivesse grande significava que seu dono viveria ainda muito tempo, se estivesse pequena, ao contrário, o seu infeliz proprietário morreria logo.

Impressionado, o homem quis saber qual era a sua vela. O velhinho mostrou-lhe um toquinho, uma vela com a chama tênue, praticamente em extinção. Assustado, o homem regateou dizendo se não dava para pegar um pedacinho, pequeno que fosse de uma vela maior, para acrescentar à sua.

Lamento, disse-lhe o velhinho: você encontrou o homem mais justo do mundo.

Fábulas italianas: a velha que enganou o Diabo⁸

Muitos se julgam espertos demais. Alguns, inclusive, vivem matutando a melhor forma de passar os outros para trás. Os espertalhões que se cuidem, entretanto, não devem se julgar insuperáveis, ao menos não antes de conhecerem essa história da velha que enganou até o Diabo com a sua astúcia.

Chovia muito. O casamento seria no dia seguinte e a noiva estava desesperada. Naqueles tempos, não havendo asfalto, os caminhos, com as chuvas, ficavam intransitáveis. O casamento seria um fracasso.

Em seu desespero a moça recorreu a todos os santos, mas, pelo visto, ninguém lhe dedicou atenção, pois acabou apelando para o Diabo. Se a chuva parasse, quando fosse chegada a sua hora, entregar-lhe-ia a alma.

O Diabo, interesseiro, apareceu disfarçado em um belo moço para fechar o acordo. Faria parar de chover e, em troca, levaria a alma da moça. Esta, meio atordoada com aquela aparição, ainda teve clareza de raciocínio para negociar: daria sua alma ao Diabo se ele fizesse parar de chover e, quando viesse buscá-la, realizasse três tarefas que ela determinaria na hora.

Como que por encanto a chuva parou. Os caminhos, no dia seguinte, estavam bons. O casamento foi um sucesso.

Passados muitos anos, veio a velhice para aquela mulher e, num belo dia apareceu-lhe aquele moço que negociara com ela e que na ver-

⁸ Publicada em “O Progresso”: 13/07/1999

dade era o Diabo disfarçado. Sem muita cerimônia foi lhe dizendo que chegara a hora.

A velha, tranquila, pediu ao Diabo que subisse em um morro que havia ali perto, logo estaria lá. E assim fez. Chegando ao topo, disse ao Diabo que lhe daria a primeira tarefa, e abriu um saco que estava cheio de penas. Ao chacoalhar o saco, as penas, ao vento, espalharam-se por todos os lados, mas o Diabo, muito esperto, pulava daqui, pulava dali e mesmo fungando de cansaço conseguiu recolher todas as penas.

Ato seguinte, a velha abriu outro saco, que estava cheio de pulgas, e chacoalhou. As pulgas se espalharam pelo morro, mas o Diabo, mesmo fungando como ele só, foi pegando uma a uma até que conseguiu prender todas novamente dentro do saco.

Muito bem, disse a velha. Falta-lhe uma única tarefa. Sentou-se então no cabo de uma cesta que também havia levado e soltou um belo pum. Pega esse, disse ela. O Diabo ergueu a cesta e o cheiro se espalhou. Pulava de um lado e de outro, fungava desesperado e dizia: sinto o cheiro, mas não vejo, sinto o cheiro, mas não vejo. E, achando-se vencido, o Diabo aproveitou o embalo de seus pulos e desapareceu esmurrando-se na cabeça.

Fábulas italianas: o homem que deu a alma ao Diabo⁹

Um homem alimentava a sua família com a atividade de pescador. Belo dia estava ele a pescar e não conseguiu pegar absolutamente nada. Tantas vezes lançou a rede e ela voltou vazia que o homem foi se desesperando. Pensava na família que deixara sem nada para comer. Implorou a todos os santos que conhecia e não obteve resposta satisfatória; apelou então para o Diabo. Se enchesse a rede daria a alma para o Diabo.

Lançou a rede e retirou-a cheia de peixes. A família fartou-se.

Passados uns tempos o homem começou a ficar triste tão triste que a mulher obrigou-o a contar a história toda. O dia que prometera a alma para o Diabo estava próximo e ele não tinha mais nada a fazer se não se arrepender de ter feito aquilo.

A mulher, querendo ser muito esperta, tranquilizou o marido. Pediu-lhe ela que abrisse um buraco na sala e que quando o Diabo chegasse, ele se meteria lá e ela faria o resto.

Dito e feito, no dia combinado o Diabo bateu à porta. O marido enfiou-se no esconderijo e a mulher, depois de tampar bem buraco, deixando apenas um pequeno orifício para que ele respirasse, atendeu.

O Diabo, que estava disfarçado em um moço, perguntou se o marido dela estava ao que imediatamente a mulher respondeu que não esperando que o visitante indesejável fosse logo embora.

As coisas, entretanto, não saíram exatamente como a mulher havia previsto. O moço, Diabo, puxou uma cadeira, sentou-se, e dizendo

⁹ Publicada em “O Progresso”: 02/07/1999

que esperaria um pouco coincidiu de botar o pé bem em cima do buraco que servia de respiradouro para o homem que lhe prometera a alma.

Sem ar o homem faleceu e a conclusão a que se chega é que não devemos brincar com fogo se não quisermos correr o risco de sairmos chamuscados.

Fábulas: aonde vai marido meu? / a morte em forma de peru¹⁰

Continuando a série de fábulas italianas que lhes escrevo, graças à memória de minha mãe, contar-lhes-ei hoje duas, por abordarem a mesma temática. Ambas referem-se a mulheres que foram testadas por seus respectivos maridos no que diz respeito à sinceridade de seus atos.

Aonde vai marido meu? É a história de uma mulher que jurava amar seu esposo além de todas as coisas. Nas trocas de juras dizia que desejava mil vezes que a morte a levasse primeiro, pois não resistiria ficar só no mundo.

Um dia o marido perguntou-lhe o que ela faria se a morte o escolhesse antes dela, mas a mulher negava-se a responder e dizia que não queria sequer imaginar tal situação. Depois de muita insistência, admitiu que se a desventura lhe fizesse tal mal ela o vestiria com o melhor terno, para ser enterrado, entretanto duvidava que resistisse a tanta dor.

Belo dia, para testar a mulher, o marido fingiu-se de morto. Na hora de vesti-lo, para colocá-lo no caixão, a mulher foi ao guarda-roupa e pegou o melhor terno, mas logo se arrependeu, pegou outro, mas achou-o muito novo e foi repassando todas as roupas do marido e mesmo as mais surradas lhe pareciam boas demais. Resolveu, finalmente, envolver o corpo do finado com uma rede de pesca, afinal, pensou ela, já que ele gostava tanto de pescar, a rede poderia ser-lhe boa mortalha.

¹⁰ Escrita em 31/07/1999 é praticamente certo que foi publicada em “O Progresso”, como o foram outras fábulas italianas. No entanto não encontrei o jornal comprovando.

Dito e feito. Terminado o velório, na hora das últimas despedidas, a mulher, em pranto copioso, entre soluços, lamuriava-se perguntando: aonde vai marido meu? Aonde vai marido meu?

Vou pescar vagabunda, respondeu o marido, pondo-se de pé para espanto de todos.

A outra fábula, a morte em forma de perua, tem os mesmos ingredientes: um casal que vivia trocando juras de amor eterno e cuja mulher afirmava querer ser a primeira a morrer porque não suportaria viver sem o marido.

O esposo, desejando comprovar se a mulher lhe era sincera, meteu-lhe na cabeça que a morte se assemelhava a uma grande ave, portanto, que não se assustasse quando ela viesse buscá-la.

Estando convencido de que a mulher acreditara nessa história, deitou uma perua e colocou-a no lado da cama em que a mulher dormia. Deitou-se ao seu lado e aguardou.

Quando a mulher acordou e viu a “morte” ao seu lado, não teve dúvidas em repetir baixinho: “leve ele, leve ele”.

Fábulas italianas: eu não quero estar aqui¹¹

É comum que os cemitérios sejam demarcados longe dos centros urbanos e que, com o passar do tempo, na medida em que as cidades se expandem, acabem sendo cercados por bairros residenciais.

Numa determinada cidade, que possuía um cemitério no centro, formou-se dois partidos. Um, dos moradores das adjacências do cemitério que não se sentiam bem, queria mudar o cemitério para longe, advogando que o ambiente era muito triste, que no Dia de Finados não se suportava o movimento, que havia grande desvalorização imobiliária, enfim, tinha lá as suas boas razões. Penso que não faltavam também, dentre os integrantes desse partido, aqueles que tinham medo de almas penadas, mas isso ninguém comentava.

O outro partido defendia que o cemitério deveria permanecer no mesmo lugar, pois, segundo seus integrantes, não se deveria violar o túmulo dos antepassados, o local, diziam eles, era sagrado.

Sabendo de antemão que o prefeito lia no mesmo breviário daqueles que defendiam a permanência do cemitério no local onde se encontrava os partidários da mudança, ao invés de requerimentos, resolveram adotar a política do terror, combinaram que assustariam os moradores até que eles permitissem a mudança. Quando chegava a noite, cobriam-se com lençóis e andavam entre os túmulos gritando: “eu não quero estar aqui... eu não quero estar aqui” (mi no vui mia star

¹¹ É praticamente certo que foi publicada em “O Progresso”, em 1999, assim como as demais fábulas italianas que escrevi. Não encontrei, no entanto, o comprovante da publicação.

quà... mi no vui mia star quà... ou, no macarrônico de meus velhos: mi no voghio star quà... mi no voghio star quà”).

Na cidade não se falava de outra coisa. Se os próprios mortos queriam deixar aquele local, porque não providenciar, com a devida urgência, a remoção? Os defensores da mudança do cemitério reforçavam os seus argumentos alegando que estando sepultados no meio da cidade, os mortos jamais atingiriam o que tanto almejavam em vida: o descanso.

Por seu lado, os partidários da permanência do cemitério no local onde estava, ou seja, no centro da cidade, ficaram meio aturdidos. Muitos dentre eles diziam não acreditar em fantasmas, mas quando eram desafiados para ir ao local, desconversavam. O grupo estava quase entregando os pontos, isto é, permitindo a mudança do cemitério, quando uma velhinha propôs que esperassem mais uma noite que ela daria um jeito naquilo.

À tardinha, sem que ninguém a visse, a velha entrou no cemitério, deitou-se numa tumba vazia, cobriu-se com um lençol e ficou lá, quietinha, esperando.

Quando anoiteceu de vez, começou a ouvir as mesmas palavras de todas as noites: “eu não quero estar aqui... eu não quero estar aqui...”. Quando o grupo se aproximou do local onde estava a velhinha, ela levantou-se num salto e gritou mais alto que eles: “se não querem estar aqui, vão-se prá lá”.¹²

Foi uma correria, um Deus nos acuda e naquela cidade nunca mais alguém falou em mudar o cemitério de local.

¹² *Se te vui mia star quà va via par de là.* No italiano macarrônico simplificava-se dizendo *se no vui star quà via par de là.*

Fábulas italianas: um chapeuzinho no céu¹³

O nosso jeitinho brasileiro pode ter se tornado inigualável em comparação à maneira de agir de vários outros povos do mundo, mas não podemos deixar de reconhecer que os italianos já foram muito bons nisso. Ao menos é o que infiro ao lembrar-me de algumas fábulas italianas. Veja o leitor, por exemplo, como o homem esperto dessa fábula deu um jeito de entrar no céu.

Ao morrer, nosso personagem foi bater à porta do céu, imaginava que lá seria muito bem recebido, afinal, ao longo de sua vida, na terra, não havia cometido faltas assim tão graves.

São Pedro entreabriu a porta e bastou vê-lo para dizer que no céu não havia lugar para ele. E foram em vão todos os argumentos, as réplicas e mesmo as súplicas do homem que imaginava merecer o céu. São Pedro continuou inabalável.

Percebendo que não tinha como convencer São Pedro, o nosso italiano, quando percebeu um rápido descuido do guardião das chaves do céu, jogou seu chapeuzinho lá dentro e continuou a insistir somente por insistir, como bom italiano que era.

Desconfiado de que o pretense hóspede não iria embora por bem, e tendo mais o que fazer, São Pedro não teve alternativa: pediu licença para fechar a porta.

- Tudo bem, disse o italiano, permita-me, porém, pegar o meu chapéu, que, por descuido, joguei aí dentro.

¹³ Escrita em 1999 é quase certo que foi publicada em “O Progresso”.

Concedida a permissão, o homem entrou e, rapidamente, sentou-se sobre o chapéu..

- Moço, vamos, pegue o seu chapéu e saia.

- Olha São Pedro, o senhor me desculpe, mas estou sentado sobre o que é meu, o senhor não tem o direito de me tirar.

E lá ficou o homem, até hoje.

Acabou-se a história, mas para que essa crônica não fique tão curta, que destoe das demais que já contei nesse espaço, ofereço ao leitor atento, que tem acompanhado os debates sobre o ensino superior em Dourados, o que entendo ser uma boa opção: sugiro que a sociedade douradense jogue o seu chapéu no espaço da Cidade Universitária de Dourados e diga em alto e bom som que esse canto é nosso e vamos ocupá-lo de forma a garantir aos nossos jovens o futuro que merecem e que nós almejamos.

Fábulas italianas: o sapo e o boi¹⁴

Andava o sapo muito triste da vida, coaxando baixinho sem ninguém saber o que lhe sucedia. Era tanto o amargor que dona sapa imaginando que houvesse algum motivo conjugal tanto fez que o marido sapo confessou-lhe que a sua tristeza era por causa do boi que mesmo vivendo em lugares mais secos quando chegava à beira da lagoa bebia tanta água que fazia inveja. E ele, o sapo, vivendo na lagoa pouca água tomava.

Dona sapa, boa conselheira que era, tentava tirar da cabeça do marido aquela estranha ideia, mas o sapo, nada de tomar tento. A cada dia mais se atormentava, até que tomou uma séria e irrevogável decisão: quando o boi chegasse à beira da lagoa e começasse a beber ele também faria o mesmo, tomaria tanta água quanto o boi.

Dito e feito. Assim que o boi começou a beber água o sapo o seguiu. E foi bebendo, bebendo, acompanhando o boi, e foi inchando, inchando, inchando, até que não cabendo mais estourou.

E era uma vez um sapo invejoso. Moral da história, como dizia a minha avó: não se deve ter o olho maior que o bucho.

E acabou-se a história morreu a Vitória, entrou por uma porta e saiu por outra, quem quiser que conte outra.

¹⁴ Escrita em 01/05/2009 – inédita.

Fábulas italianas: o menino que gostava de mentir¹⁵

Antigamente as famílias italianas que trabalhavam no campo eram numerosas porque à medida que os filhos iam se casando eles se agregavam, vindo a morar no mesmo sítio dos pais. Assim é que mesmo em um pequeno sítio viviam muitas pessoas de uma mesma família. Deu-se que dentre essa gente tinha um menino que gostava muito de mentir. Volta e meia, quando ia banhar-se na lagoa, gritava a todo pulmão por socorro dizendo que estava se afogando. Era uma correria, juntava pai, mãe, tios, primos para socorrer o menino e, quando chegavam, lá estava ele dando risada, dizendo ter enganado um bobo na casca do ovo.

Passado um tempinho e a história se repetia. O menino gritava para acudi-lo que estava se afogando e, novamente, a correria de sempre. Mas, quando chegavam à beira da lagoa, lá estava ele dando risada novamente.

Belo dia, afogando-se de verdade, o menino pôs-se a gritar por socorro, mas ninguém deu crédito, ninguém acreditava mais nele.

Somente à tardinha, os pais acharam o menino mentiroso afogado.

¹⁵ Escrita em 01/05/2009 – inédita.

Fábulas italianas: as comadres e o bolo de trigo¹⁶

Fazia muito frio, mas a comadre trabalhadeira bem sabia de suas obrigações, tinha que semear o grão para a sobrevivência da família. A caminho da roça passava pela casa da vizinha, sua comadre, e a chamava: “vamos comadre, semear o trigo?”. Não, não, respondia a outra, *è molto freddo* (está muito frio) comadre. Resignada a comadre ia para o campo enquanto a friorenta ficava enrolada nas cobertas.

Passado o tempo, chegada a hora da colheita, lá ia a comadre trabalhadeira para o roçado ceifar o trigo. Passando pela casa da comadre convidava: “vamos comadre colher o trigo?” Não, não, respondia a calorenta *è molto di calore* (está muito calor). E lá ia a comadre trabalhadeira sozinha para o campo, fazer a colheita do trigo.

Colhido o trigo a comadre pôs-se a fazer um belo e delicioso bolo. Posto no forno o bolo começou a exalar um odor tão bom e tão intenso que chegou à casa da comadre.

_ Padella, qui odore! (Comadre, que odor!) começou a dizer a comadre que se recusara a plantar e colher o trigo.

Ah! Sim, respondeu a comadre trabalhadeira, primeiro frio, depois calor, eu como o bolo e você sente o odor (*prima a freddo, quindi il calore, mi piace la torta e si sente l'odore*). Ou no macarrônico: *prima freddo, dopo calore, mi manjo la pinza e ti sinte l'odore*)

¹⁶ Escrita em 01/05/2009 – inédita.

Fábulas italianas: o teste do bom coração¹⁷

Dizem os italianos que houve um tempo em que Deus começou a andar pelo mundo para ver como estavam os corações das pessoas. Fazia um teste a respeito da bondade. Disfarçado em uma pessoa comum Deus tomou um caminho até encontrar uma casa de onde saía um delicioso odor de bolo de trigo. Bateu à porta e veio atender-Lhe uma mulher com jeito de estar muito apressada. Bom dia senhora, disse Deus, estou caminhando há muito tempo e estou com fome. Por acaso a senhora não tem um pedaço de pão para eu comer. Não, respondeu a mulher, não tenho nada para comer, coloquei no forno uma bosta de vaca, mas não dá sequer para o meu marido.

Seguiu Deus o caminho e mais à frente bateu em outra porta. Bom dia, senhora, disse ele, da mesma forma como havia dito na casa anterior. Estou andando há muito tempo e tenho fome, a senhora não teria um pedaço de pão para eu comer. Olha, disse a senhora, somos muito pobres, pouco temos para comer, coloquei no forno uma bosta de vaca, é a única coisa, mas se o senhor aceitar e quiser esperar um pouco repartiremos a nossa refeição.

Deus esperou. Quando a mulher abriu o forno, uma surpresa, ao invés da bosta de vaca encontrou um belo bolo de trigo, enquanto isso a mulher que havia mentido e ridicara o pão, ao abrir o forno, encontrou de fato uma bosta de vaca.

¹⁷ Escrita em 01/05/2009 – inédita.

Fábulas italianas: a *quanquantricola* - óleo de rícino - sardinha dependurada - aqui se faz, aqui se paga - um filho bem educado¹⁸

No embalo de (re)contar algumas fábulas italianas que me ficaram gravadas na memória, aproveito para contar mais três ou quatro historietas que se não são fábulas talvez prestem-se aos mesmos intentos.

***Quanquantricola*:** a história do ninho de *quanquantricola* é muito mais um jogo de palavras para treinamento de dicção do que propriamente uma fábula, caberá ao leitor as conclusões se fiz bem ou mal incluí-la nessa publicação.

Meu avô paterno era um ótimo contador de histórias. Na sua mocidade e idade madura leu romances de cavalaria que os meus bisavôs trouxeram da Itália. Referia-se muito aos “paladini di francia”, histórias dos melhores cavaleiros que acompanhavam Carlos Magno. Não à toa seus filhos varões tiveram nomes de alguns desses cavaleiros ou de algum rei que entrava nessas histórias (Orlando, Eusébio, Honório, Waldomiro, Otávio, Bramanti, são exemplos). À medida que foi ficando mais idoso (faleceu com 91 anos) começou a faltar-lhe público, mas não entusiasmo para contar histórias. Fui um bom ouvinte. Eu o visitava duas vezes por ano e nas últimas visitas nem mais passeava pelo sítio que tanta saudade despertava de minha infância para ficar ouvindo-o.

Dentre as histórias que me contava fazia questão que eu decorasse sobre a *quanquantricola*: *Sol campanil dei Nicoi / ghe xè 'na quanquantricola / co quarantaquattro quanquantricoloti / e quando sona la*

¹⁸ Escritas em 03/05/2009 – inéditas.

quanquantricola / sona tutti i quarantaquattro quanquantricoloti. (No campanário da Igreja de São Nicolau tinha um ninho de quanquantricola com quarenta e quatro quanquantricolotes, quando canta a quanquantricola cantam todos os quarenta e quatro quanquantricolotes).

Toda vez era a mesma história e o mesmo cenário: eu sentado à frente de meu avô, minha avó sentada ao lado, quieta, sempre quieta, sem dizer uma palavra. Pois bem, só que ao invés de dizer no campanário da Igreja de São Nicolau, (campanil dei Nicoi), meu avô dizia “em cima daquela casa”.

Após a morte de meu avô, na primeira visita que fiz, minha avó chamou-me e declarou que meu avô enganava-se ao dizer que “em cima daquela casa” tinha uma quanquantricola. O correto era: “sol campanil dei Nicoi”.

Tantos anos e não obstante o relacionamento dos meus avós fosse harmonioso, ela nunca corrigiu o meu avô. Antigamente as mulheres não interferiam na conversa dos maridos muito menos para desmentí-los. Assim também era em relação aos filhos, não interferiam, não contradiziam. Os tempos mudaram, felizmente para melhor.

Óleo de Rícino – Meu pai contava-me que os italianos antigos não desperdiçavam absolutamente nada, nem mesmo o detestável óleo de rícino, amargo como fel.

O óleo de rícino, extraído da semente de mamona, além de outras indicações, como para curar reumatismo, por exemplo, era muito usado como laxante e depurativo e volta e meia as crianças eram obrigadas a tomar uma dose. O uso desse óleo é coisa muito antiga, eu mesmo, nascido em 1947, não me lembro de tê-lo tomado.

Certa vez ao ser servida a indesejável dose, as crianças daquela casa de italianos recusaram-se a tomá-la e o tio mais velho apelou para o nono. “Nono, as crianças botaram olho grande no óleo de rícino, gritou ele”. Como as crianças já tinham sumido do mapa, o que faz o

nono para não desperdiçar o óleo: “Dammi qui. Non si può buttare via la grazia di Dio” (Dá-me o aqui. Não se pode jogar fora as graças de Deus).

Sardinha dependurada: Era muito difícil a vida dos italianos que imigraram para o Brasil. Aquelas grandes famílias que constituíram faziam uma economia enorme, não desperdiçavam absolutamente nada. Meu pai contava-me que meu avô quando ia para a roça com os filhos, juntava galhos de café e fazia uma fogueirinha onde se acendiam os cigarros. Uma caixa de fósforos durava quarenta e cinco dias. Dessas histórias verídicas é que surgiam invenções em relação à avaréza italiana como a do óleo de rícino, mas pior é a história da sardinha dependurada, essa uma verdadeira gozação em relação à economia que faziam os imigrantes italianos.

Uma grande mesa era posta para a família. Servia-se polenta, polenta somente. A nona então, dependurava uma sardinha sobre a mesa e dava-lhe um balanço de modo que ela funcionava como um pêndulo. Cada um dos comensais esperava a passagem da sardinha à sua frente e então batia com a sua *fetta* (fatia) de polenta na sardinha para comê-la mais a gosto.

Aqui se faz aqui se paga: Em uma casa assobradada morava uma família italiana cuja filha, moça voluptuosa, certa feita, impaciente com a mãe já avançada em idade, pegou-a pelos cabelos e começou a arrastá-la escada abaixo.

- Basta! Gritou a mãe da moça em determinada altura.

- Foi até aqui que eu também arrastei a minha mãe.

Um filho bem educado: Os brasileiros são gozadores por excelência, mas os italianos não lhes ficam atrás. Também fazem piada com as suas próprias desgraças. Meu pai me contava essa e eu pensava que fosse verdade, e dissesse respeito a meu tio-avô chamado José, o tio Bepe, mas era apenas uma fábula. Dizia meu pai que a nona querendo

mostrar aos convidados que os seus netos eram bem educados chamou por um deles que estava no quintal e recebeu logo a resposta inesperada:

Querem ver:

- BEPE, grita ela.

- MERDA nona, responde o bem educado jovem.

Quantas *fettas*?¹⁹

Enquanto Michel Foucault escrevia a *Microfísica do Poder*, minha avó Antônia fritava distraída, linguíça para a enorme família que se agregava à sua volta. As margens do fogão constituíam-se no seu domínio. Ali exercia o poder em toda a sua plenitude. Nem o marido, e muito menos filhos e genros, apesar do machismo naquela época ser mais exacerbado, ousavam qualquer palpite. Vó Antônia decidia o cardápio, o horário da refeição, mandava providenciar com a devida antecedência as compras, e, inclusive, anunciava, ao colocar os pratos na mesa, quantas partes caberia a cada comensal.

Ovos e bifés já se sabia: um para cada pessoa, mas quando se tratava de linguíça ou outras “misturas” fatiadas, as coisas se complicavam: havia uma divisão de acordo com o número das fatias existentes. Sem carregar no sotaque, mas usando uma palavra italiana, vó Antônia dizia em voz alta, para que todos ouvissem o número de fatias que a cada um cabia: três *fettas*, anunciava ela, se houvesse fritado 45 fatias e se encontrassem à mesa 15 pessoas.

Assim era, e todos se saciavam. Não me lembro de ter havido miséria nessa época, mas estou certo de que se vó Antônia dissesse: uma *fetta* somente, ninguém reclamaria, pois não havia privilégios, a divisão era justa.

Ah! Eu menino! Quanta inocência! No dia em que o compadre Antero parou para almoçar conosco, vó Antônia, sem dizer nada, colo-

¹⁹ Publicada em “O Progresso”: 26/03/1997. Embora não seja uma fábula, daquelas contadas pelos meus ancestrais, e sim uma crônica, eu a incluí nesse capítulo das fábulas porque não deixa de ser uma boa lição.

cou sobre a mesa uma bacia bem cheia de uma linguiça que exalava um cheiro tão bom que convidava à gula.

Diante do silêncio de minha vó não hesitei, fui logo perguntando: vó, quantas *fettas*?

Coma quantas quiser, disse ela meio sem jeito. Foi a conta. Se não fosse tio Nelson ter dado um discreto beliscão, teria me empanzinado de tanta linguiça caseira, na hora.

Não fiz por maldade. Posso jurar, já respeitava as regras, apesar de ser um menino com menos de sete anos. Mas quem mandou minha avó não me explicar que quando tivesse gente de fora as coisas eram diferentes? Quem mandou me dizer para eu comer quantas quisesse?

Hoje, com uma saudade terna de minha vó Antonia, sou-lhe eternamente grato: aprendi a não comer sozinho toda a “mistura”. O que lamento é que a maioria dos nossos governantes, ao que me parece, não teve uma avó como a minha, nem um tio que lhes desse um bom beliscão.

2. EDUCAÇÃO: CIDADE UNIVERSITÁRIA

CEUD/UFMS: 25 anos (Tópicos de sua história I: apresentação)²⁰

Atendendo a sugestão da professora Maria das Dores Capitão Vigário Marchi, presidente da Comissão encarregada das comemorações do Jubileu de Prata do Centro Universitário de Dourados - CEUD - unidade integrante da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, inicio hoje uma série de crônicas objetivando resgatar um pouco de sua história.

Previno os leitores antecipadamente que falhas e lacunas serão encontradas em abundância. Saibam também que já fui traído muitas vezes pela minha memória. Não lhe dedico confiança, portanto, não me surpreenderei se houver algo a ser corrigido. Confio, no entanto, que, se assim for, haverá espaço para que outros colegas, estudantes, funcionários, políticos, pessoas ligadas a entidades de classe, venham a público para manifestar as suas ideias, contar suas experiências, enfim, contribuir – como faço com essas crônicas – para a construção da história da mais antiga casa de ensino superior da região.

Fundado em 1971, ao longo de seus vinte e cinco anos, o CEUD/UFMS, conseguiu imprimir uma imagem de Universidade séria, comprometida com os interesses sociais da comunidade e que retribui, com ensino, pesquisa e extensão universitária, os impostos que a sociedade paga para o seu funcionamento.

²⁰ Publicada em “O Progresso”: 05/12/1996

Atualmente o CEUD/UFMS ministra os cursos de Agronomia, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, História, Geografia, Letras, Matemática, Pedagogia e a partir do próximo ano, o curso de Análise de Sistemas.

Em nível de pós-graduação o CEUD/UFMS oferece Mestrado em Agronomia e Especializações em Ciências Contábeis, História e Pedagogia. Encaminha para o ano que vem os projetos de abertura de Mestrado em História e Especializações em Letras e Geografia.

No que diz respeito à pesquisa científica, é extremamente gratificante saber que, para um universo de aproximadamente 120 docentes, estão sendo desenvolvidos nada menos que 88 projetos. Pesquisas que resultam em teses, em aperfeiçoamentos de técnicas de ensino, em estudos de linguagem, em melhoria de cultivares, adaptações de plantas exóticas, combate às pragas, melhoria genética, organização do espaço urbano, técnicas de contabilidade, história regional.

Da mesma forma, também se desenvolvem atividades de extensão universitária. São cursos de aperfeiçoamento para professores da rede estadual e municipal de ensino, atividades de extensão rural, atividades culturais e desportivas, enfim, um rol de programas que, em última análise, resultam na colocação em prática das pesquisas realizadas.

Sobre a origem aqui em Dourados desse universo meio sagrado, meio distante, meio execrado é que desejo falar nos próximos dias.

CEUD/UFMS: 25 anos (Tópicos de sua história II: primeiros cursos)²¹

O Centro Universitário de Dourados foi criado em 1971 para abrigar o curso de Agronomia, mas começou a funcionar com os cursos de Letras e Estudos Sociais. Na verdade era para ser Letras, História e Geografia, entretanto, sem maiores explicações, os dois últimos cursos mencionados não foram implantados e, em lugar deles, os alunos perceberam que estavam frequentando o curso de Estudos Sociais, uma dessas malfadadas criações da ditadura militar.

Não sei quem foi o responsável por isso, mas tenho certeza de que motivou a primeira manifestação de descontentamento dos nossos estudantes universitários. Diria que foi o primeiro movimento estudantil contestatório de terceiro grau na região, nascedouro de lideranças incontestáveis dentre as quais destaco Sultan Rasslan, Marina Evaristo Wenceslau, Irene Nogueira Rasslan e José Laerte Cecílio Tetila. Onze alunos, inclusive os mencionados, após constatarem que não conseguiriam reverter a situação, deixaram o curso de Estudos Sociais e foram estudar em Campo Grande. Outros se conformaram e continuaram firmes até a conclusão.

De qualquer forma a luta não foi em vão. Em 1973, foi implantado o curso de História, embora sem a desativação do de Estudos Sociais, que continuou funcionando até o final dos anos 70. Atualmente o curso de História, além de licenciatura plena, oferece um curso de

²¹ Publicada em “O Progresso”: 06/12/1996.

especialização em História do Brasil e trabalha com a hipótese de sediar o Mestrado em História do Brasil, já a partir do próximo ano.

O curso de Letras também não foi implantado de maneira satisfatória, em 1971, uma vez que começou a funcionar como licenciatura curta. A “chiadeira” foi grande, mas não chegou a provocar maiores problemas. Em 1973, passou a funcionar como licenciatura plena oferecendo habilitação em inglês e, a partir de 1988, começou a oferecer também habilitação em literatura. Plenamente consolidado, o mais antigo curso do CEUD/UFMS já está pronto para o seu próximo passo que será o oferecimento de habilitação em espanhol, provavelmente a partir de 1998, além de estar sendo trabalhada a hipótese de abertura de cursos de especialização.

CEUD/UFMS: 25 anos (Tópicos de sua história III: os pioneiros)²²

Se não me falhar a memória e nem as informações que obtive junto aos colegas mais antigos, em 1971, o CEUD/UFMS contava com os professores: Antonio Alves de Miranda, Emília Alves de Queiroz, Josefina Kloppenberg, José Pereira Lins, Kioshi Rachi, Mário Geraldini, Milton de Paula, Nadir Martins, Telma Vale Loro e Isaura Higa (+). Em 1972, foram admitidos Euler Ribeiro Teixeira, Lori Alice Gressler e Mário Luiz Alves. Em 1973, ingressaram Ema Elisa Steinhorst Goelzer, Jorge João Faccin e Lauro Chociai.

Dourados, nessa época, era uma cidade sem muitos encantos. Suas largas avenidas sem asfalto eram intransitáveis, os pedestres acumulavam tanto barro nos sapatos que, de vez em quando, precisavam parar para limpá-los se quisessem prosseguir na caminhada. Mas, justamente pelas suas terras férteis, atraía mais e mais migrantes, que queriam, além de terras e lucros, escolas e lazer.

Por apresentar todas as dificuldades inerentes a uma cidade nova, com a agravante de ser uma cidade suja em virtude da terra roxa, a adaptação em Dourados era difícil. Muitos professores não aguentavam ficar e voltavam para suas respectivas cidades. Exemplo extremado aconteceu no início de 1974, quando um colega, que veio de mudança com a família, sem conhecer a cidade, aqui chegando levou um choque tão grande que fez o caminhão voltar sem ao menos ter descarregado.

²² Publicada em “O Progresso”: 07 e 8/12/1996

Azar o dele, sorte a minha que vim em seu lugar e, juntamente com outros colegas, vimos Dourados crescer e tornar-se uma bela cidade: limpa, arborizada, florida.

Hoje somos quase cento e cinquenta docentes,²³ sessenta funcionários e mais de mil alunos que estamos, com o apoio de segmentos importantes da sociedade, construindo a história da educação superior em nossa região.

²³ Nesse ano de 1996, entre professores efetivos e contratados por tempo determinado, o CEUD/UFMS tinha aproximadamente 120 professores e não 150 como consta na crônica.

CEUD/UFMS: 25 anos (Tópicos de sua história IV: os cursos de ciências)²⁴

Em 1975, foi criado o curso de Ciências, licenciatura curta, que habilitava professores para ministrar aulas no primeiro grau. Sem dúvida que a criação desse novo curso foi um passo positivo para o CEUD/UFMS, especialmente porque a nossa região, nessa época, era carente de profissionais habilitados para o exercício do magistério.

Todavia, a exemplo do curso de Letras e Estudos Sociais, que também se iniciaram como licenciaturas de curta duração, logo nos primeiros anos de funcionamento, professores e alunos do curso de Ciências, concluíam que a licenciatura curta não era suficiente para dar uma sólida formação aos alunos.

Em 1983, foram formadas comissões de professores que elaboraram projetos visando a acabar com a licenciatura curta em Ciências e em seu lugar promover a abertura de licenciaturas em Matemática, Biologia, Química e Física.

Depois de muito esforço, de muita luta, tivemos a implantação do curso de Matemática em 1987 e o de Ciências Biológicas em 1991, funcionando no espaço físico do Núcleo de Ciências Agrárias, onde se espera, para um futuro próximo, seja a nossa Cidade Universitária.

No ano de 1975, além do início de funcionamento do curso de Ciências tivemos no CEUD/UFMS a realização da “I Semana de Artes”. Sem dúvida, essa foi uma iniciativa das mais brilhantes já ocorridas ao longo da trajetória do Centro Universitário de Dourados. Encabe-

²⁴ Publicada em “O Progresso”: 9/12/1996

çada pelo professor José Luiz Sanfelice, hoje diretor da Faculdade de Filosofia da UNICAMP, essa Semana de Artes contou com a colaboração efetiva de professores, alunos, firmas comerciais da cidade e de um grande número de artistas da terra e da capital paulista.

Dentre os colaboradores dessa “I Semana de Artes” estavam os primeiros professores do curso de Ciências do CEUD: Messias Faria Neto – que mesmo antes de ser contratado em 75 contribuiu com a elaboração da Estrutura do curso – Vera Lúcia Luciano Faria, Nelson Ortega Ortiz, Ana Maria Sampaio Domingues e Abramo Loro Neto. Além, é claro, de outros colegas, já mencionados em crônicas anteriores.

CEUD/UFMS: 25 anos (Tópicos de sua história V: o curso de Agronomia)²⁵

Já afirmei neste mesmo espaço que o CEUD nasceu em 1971 para que se implantasse em Dourados um curso de Agronomia e que, no entanto, iniciou o seu funcionamento com os cursos de Letras e Estudos Sociais, ambos de licenciatura curta. O curso de Agronomia somente foi implantado em 1978 e, assim mesmo, graças a uma determinação muito grande da comunidade douradense.

Messias Faria Neto, Abramo Loro Neto e Milton de Paula foram os primeiros professores do CEUD a colocar mãos à obra para a elaboração de um projeto para o curso de Agronomia. Depois de serem realizados os primeiros levantamentos e redigida uma boa justificativa, foi criada uma comissão que incluía além dos professores do CEUD/UFMS, Abramo Loro Neto e Lori Alice Gressler, o Secretário de Agricultura da Prefeitura de Dourados, Osmair Scarpari e um professor do Rio Grande do Sul, contratado especialmente para este projeto, João Pires.

Foi impressionante, a partir de então, como tudo convergiu para esse objetivo. Lojas maçônicas, clubes de serviços, entidades de classe, políticos locais, a sociedade douradense, enfim, cada qual com o seu poder de fogo, irmanando-se numa caminhada vitoriosa que culminou com a implantação do curso de Agronomia em Dourados.

Realço essa união em torno de um objetivo comum não somente por entender que deva servir como paradigma para empreitadas futu-

²⁵ Publicada em “O Progresso”: 10/12/1996.

ras, mas também para lembrar que não fosse esse empenho, o curso de Agronomia estaria em Campo Grande onde, segundo o Reitor da época, havia uma estrutura melhor. Na verdade a Comunidade Douradense, a Prefeitura e a Câmara Municipal conseguiram obter o terreno para o curso e, principalmente, convencer o governador Garcia Neto da importância dessa realização para a nossa região.

Somando-se, ao trabalho da Comunidade Douradense, o descontentamento do governador com os políticos campo-grandenses – especialmente por causa da divisão do Estado – tivemos todos os ingredientes para que Garcia Neto, então Chanceler da Universidade (até então Universidade Estadual de Mato Grosso), anunciasse publicamente, quando paraninfava a primeira formatura dos alunos do CEUD, realizada em 1977, no Cine Ouro Verde, que o curso de Agronomia seria aqui mesmo, em Dourados. (continua)

CEUD/UFMS: 25 anos (Tópicos de sua história VI: o curso de Agronomia) cont.²⁶

Não foram poucos os obstáculos colocados pela reitoria da Universidade para inviabilizar o curso de Agronomia em Dourados: primeiro alegava falta de estrutura física, depois a de laboratórios e, finalmente, a de professores. Na reunião decisiva, realizada no gabinete do prefeito de Dourados, José Elias Moreira,²⁷ os próceres douradenses respondiam com a determinação de resolver todos os obstáculos colocados. Para pôr fim ao clima tenso gerado pela resistência do Reitor e para sanar a dificuldade na contratação de professores, o governador Garcia Neto encerrou a reunião afirmando que professor ele “*buscaria até na China se fosse preciso*” e que anunciaria, como de fato o fez, a criação do curso na cerimônia de colação de grau que paraninfaria logo mais à noite no Cine Ouro Verde.

Para o governador era o fim de uma missão. Para funcionários, alunos, professores e administração do CEUD/UFMS apenas o início de uma longa jornada de lutas, de idas e vindas a Campo Grande, em ônibus comercial, para pedir contratações, laboratórios, enfim, condições de funcionamento.

O Diretor do CEUD/UFMS, logo após a implantação do curso de Agronomia (1978), Lauro Chociai, precisaria num dia desses fazer uma matéria contando sobre as agruras que viveu. Não só ele, mas tam-

²⁶ Publicada em “O Progresso”: 11/12/1996.

²⁷ O prefeito José Elias Moreira é formado em Agronomia, tendo se destacado pelo seu trabalho para a implantação do Curso em Dourados, especialmente em razão de seus contatos em Brasília e em Cuiabá.

bém os professores pioneiros Messias Faria Neto, Abramo Loro Neto, Ana Maria Sampaio Domingues, Walderes Wolff, José Joaquim, João Dimas Graciano e Edgard Jardim Rosa Junior, hoje diretor do Núcleo de Ciências Agrárias do CEUD/UFMS.

No que tange aos alunos pioneiros, estou certo de que farei uma grande injustiça não mencionando o nome daqueles que ajudaram na construção do curso de Agronomia, mas permitam-me citar apenas um, como referência, como símbolo de luta: Gomercindo Rodrigues. Esse moço, que mais tarde foi companheiro de Chico Mendes, iniciou-se na Agronomia do CEUD/UFMS, resistindo, lutando, moldando-se com o movimento dialético de sua própria luta.

Hoje o curso de Agronomia conta com uma boa estrutura, desenvolve inúmeras pesquisas e experimentos relevantes para a região, ministra um programa de Mestrado e prepara-se para a implantação de, pelo menos, três projetos importantes: a implantação do curso em nível de doutorado, a construção de um centro de extensão agrária e a implantação de um núcleo no assentamento de Novo Horizonte.

CEUD/UFMS: 25 anos (Tópicos de sua história VII: Ciências Contábeis)²⁸

O curso de Ciências Contábeis começou a funcionar no ano de 1986. Nasceu no antigo Departamento de Ciências, onde foi aprovado em primeira instância. Em seguida, foi também aprovado pelo Conselho de Centro que é a instância máxima dentro do CEUD/UFMS. Com esse amparo interno buscamos o apoio da sociedade douradense que, mais uma vez, disse-nos sim. Conseguimos reunir dezenas de apoios: lojas maçônicas, entidades de classe, clubes de serviços, diretores de escolas, líderes estudantis, juntos, constituímos uma comissão para tratar do assunto.

Munidos de um volumoso dossiê que continha, além das Resoluções do CEUD, dezenas de cartas de entidades douradenses e da região, fomos à Campo Grande reivindicar ao Reitor Jair Madureira, a criação do curso de Ciências Contábeis. O Reitor posicionou-se favoravelmente, mas advertiu que não poderia contratar professores, pois que estava impedido por lei.

Apesar desse problema a viagem de volta foi deveras divertida: Jenoe Capilé passou todo o tempo contando “causos” do Laquicho para deleite do professor Messias Faria Neto, do Junge Myakawa²⁹, e Luiz Zaperlon, que também fizeram parte dessa comissão.

Sem desanimar com o resultado obtido na audiência com o Reitor, e como que para provar que quando existe vontade política é pos-

²⁸ Publicada em “O Progresso”: 12/12/1996.

²⁹ Trata-se de Junge Myakawa, àquela época presidente da Associação Comercial e Empresarial de Dourados.

sível conseguir-se grandes feitos, o grupo de apoio à criação do curso de Ciências Contábeis foi ao prefeito municipal, Luiz Antonio Álvares Gonçalves e ao deputado George Takimoto. Resultado, o próprio prefeito e o deputado integraram uma comissão, composta também pelos professores Messias Faria Neto e Lori Alice Gressler, que esteve em Brasília, reivindicando diretamente junto ao ministro da Educação, àquela época o atual vice-presidente Marco Maciel, a criação do curso de Ciências Contábeis para Dourados.

Sentindo a força da reivindicação, mas não podendo contratar ninguém, o Ministro sugeriu um convênio com a Prefeitura, sendo que esta entraria com os professores e a Universidade com o restante. Assim foi feito, e em pouco tempo a Universidade foi absorvendo os professores contratados pela Prefeitura e hoje o curso de Ciências Contábeis do CEUD/UFMS está plenamente consolidado e já oferece inclusive um curso em nível de Especialização.

CEUD/UFMS: 25 anos (Tópicos de sua história VIII: o curso de Pedagogia)³⁰

O curso de Pedagogia do CEUD/UFMS foi implantado em 1979. Começou a funcionar como extensão do curso existente em Corumbá (porque nessa época o governo federal proibira a abertura de cursos de nível superior em escolas públicas), mas logo obteve o seu reconhecimento e hoje, plenamente consolidado, oferece habilitações em Supervisão Escolar e em Pré Escola e Séries Iniciais. Em nível de pós-graduação inicia no ano que vem um curso de Especialização em Alfabetização.

Desejamos dirigir o nosso enfoque referente ao curso de Pedagogia em duas considerações. Primeira: ao contrário de alguns outros cursos implantados no CEUD, o de Pedagogia não teve participação efetiva de quaisquer segmentos organizados da sociedade douradense. Segunda: embora esteja sendo ministrado por profissionais altamente capacitados é o curso que apresenta o mais elevado índice de evasão em relação aos demais cursos do CEUD.

Esses dados levam-nos a inferir que não existe, de um modo geral, de parte da sociedade douradense, em particular, e brasileira como um todo, consciência da fundamental importância que tem o ensino das séries iniciais para a formação do cidadão. É um ledo engano pensar que quem forma o bom médico, o bom engenheiro, o bom agrônomo, enfim, o bom profissional, é única e exclusivamente a Universidade. As séries iniciais de nossos estudos são tão importantes que países altamen-

³⁰ Publicada em "O Progresso": 17/12/1996.

te desenvolvidos colocam nessas salas apenas entre dez a quinze alunos e remuneram muito bem aos seus docentes.

Não se poderão encontrar causas mais eficientes para provocar a evasão que a falta de perspectivas profissionais, representadas especialmente, no caso dos acadêmicos de Pedagogia, pela indigna remuneração dos professores e pela desvalorização profissional. Pouco terá adiantado o esforço dos professores pioneiros do curso de Pedagogia (Generosa Cortes de Lucena, José Carlos Abrão, Jorge João Faccin, Kiyoshi Rachi, Shio Yoshikawa, Valdeir Justino e Zonir de Freitas Tetila) e pouco adiantará também o empenho do atual corpo docente, se a sociedade não obtiver junto aos governos municipal e estadual, mudanças significativas nas suas respectivas políticas educacionais.

CEUD/UFMS: 25 anos (Tópicos de sua história IX: o curso de Geografia)³¹

O modelo de licenciaturas curtas imposto pela ditadura militar estava em franco processo de esgotamento no início dos anos 80 quando os professores de Geografia que ministravam aulas no curso de Estudos Sociais (Arlde Lourdes Yores Chociai, José Laerte Cecílio Tetila, Lauro Joppertt Swensson e Vera Lúcia Santos Abrão) elaboraram o projeto de criação do curso de Geografia do CEUD/UFMS. O projeto teve uma tramitação relativamente rápida e, em 1983, o curso foi implantado.

Além de ser uma licenciatura, quer dizer, formar professores para o exercício do magistério, o curso de Geografia oferece também o Bacharelado em Geografia, ou seja, forma o profissional na área, o geógrafo. Dessa forma o curso tem contribuído para a formação de profissionais aptos ao exercício do magistério de I e II Graus e para aprimorar a visão dos acadêmicos sobre a organização do espaço, tanto urbano como rural.

Não é inoportuno lembrar que para a formação do bacharel em Geografia é necessário que o acadêmico, ao final do curso, defenda, perante uma banca composta por três professores, uma monografia, através da qual comprovará se está apto ao exercício da profissão.

As monografias apresentadas, e que se encontram à disposição no Centro de Documentação Regional do CEUD/UFMS, servem-nos como um bom parâmetro para avaliarmos o desempenho do curso. São

³¹ Publicada em "O Progresso": 18/12/1996.

dezenas de trabalhos que enfocam problemas da nossa região tanto na perspectiva da geoecologia como da geografia urbana.

Um traço que chama a atenção atualmente no curso de Geografia é que ele sofreu uma renovação radical em seu quadro de docentes. Os professores antigos, que tinham tempo de serviço suficiente, temendo a reforma da previdência que vem sendo imposta pelo neoliberalismo, aposentaram-se e foram substituídos por uma plêiade de jovens professores em sua maioria mestres e doutorandos. Um único dentre os antigos resiste bravamente à aposentadoria: Mário Geraldini, uma história viva do CEUD/UFMS.³²

³² Seleciono essa crônica para publicação em agosto de 2009, portanto, 13 anos depois de tê-la escrito, e verifico que o professor Mário Geraldini nem pensa em aposentadoria. Na revisão final desse livro, realizada em novembro de 2011, lembro-me pesarosamente do falecimento desse grande amigo ocorrido em 21 de agosto de 2011, sem que ele houvesse se aposentado.

Agronomia: quantas decepções para 32 vagas³³

É bom falar inicialmente que não é nossa intenção desmerecer a atuação do Prefeito Municipal, da Câmara Municipal de Dourados, de todos os douradenses que direta ou indiretamente contribuíram para que funcionasse em nossa cidade a Faculdade de Agronomia. Muito menos pretendemos desmerecer o Governador do Estado, José Garcia Neto, a nosso ver um dos sustentáculos dessa conquista.

Dado esse esclarecimento, para que não se confunda “alho com bugalho”, coisa muito frequente em nossos dias, passamos diretamente ao assunto.

Arredondando os números, temos 600 candidatos inscritos para o vestibular da Faculdade de Agronomia. Se considerarmos que cada vestibulando possui uma família composta de 4 elementos, teremos nada mais nada menos que 2400 pessoas envolvidas no vestibular.

Sabemos, por outro lado, que apenas 32 ingressarão na nova Faculdade e que, portanto, apenas 128 pessoas (se considerarmos quatro por família) comemorarão o acontecimento. Diga-se de passagem, que a alegria desses familiares será tão grande como será a euforia do sul-mato-grossense se o Operário for campeão brasileiro.

E as outras 2272 pessoas, como ficarão? Consolando, provavelmente, o candidato derrotado, mas em seu ângulo a dúvida terrível e cruel: falta de capacidade? Displícência?

³³ Publicada no Jornal de Notícias – 01/03/1978.

Nossa opinião, que esperamos seja um consolo aos candidatos e aos familiares dos que não alcançaram bons resultados, é a seguinte: a geração que enfrenta vestibulares sofre as consequências do progresso experimentado por esse nosso Brasil, progresso esse que, sendo mais tecnológico que cultural, não pode satisfazer de imediato as aspirações dessa população jovem que constitui a maioria de nosso povo.

Chegará o dia, e esperamos estar vivo para ver, em que o jovem estudante, saindo do Segundo Grau, ingressará na faculdade de sua preferência sem ter inclusive que frequentar “cursinhos”. Tudo é uma questão de tempo.

Agronomia é intransferível³⁴

Procurando seguir a linha que nos propusemos ao iniciarmos nossos trabalhos como editorialista deste Jornal de Notícias,³⁵ procuramos ouvir na tarde de ontem o diretor do Centro Universitário de Dourados – antigo Centro Pedagógico – sobre os problemas afetos a Faculdade de Agronomia e o descontentamento por parte dos alunos também; ocorre que soluções estão sendo procuradas e, portanto, é necessário que informemos nossos leitores.

Sobre a mensalidade cobrada, explicou o professor Octaviano Gonçalves da Silveira Junior, que o Conselho de Curadores da Universidade estabeleceu a importância de Cr\$ 120,00 (cento e vinte cruzeiros) por disciplina, baseado nas taxas cobradas pelas faculdades congêneres de Maringá, Feira de Santana e Bandeirantes e que o elevado custo do curso é devido ao material empregado, principalmente os laboratórios. A demora na entrega destes, aliás, é o motivo do descontentamento e não a taxa em si, que seria justa se a faculdade estivesse em pleno funcionamento.

Para solucionar este problema o Conselho de Curadores reuniu-se, atendendo inclusive à solicitação dos acadêmicos, que pretendem uma redução em 50% (cinquenta por cento) no valor das mensalidades do semestre.

No que concerne ao terreno para construção do prédio da Agronomia a Universidade está aguardando as providências do Pre-

³⁴ Publicada no Jornal de Notícias – 11.05.1978

³⁵ Em 1978, colaborei durante três meses com o Jornal de Notícias fazendo um editorial diário, a convite de seu proprietário Antonio Tonanni.

feito Municipal, tendo este sido oficiado pela Reitoria da UEMT em 27/04/78.

Tornou claro o diretor do Centro Universitário, ao final da entrevista, que essa grande conquista de Dourados é intransferível e que o Magnífico Reitor nunca foi contrário a instalação da Agronomia aqui (em Dourados), era contrário, isto sim, à instalação da Faculdade sem as condições necessárias.

A questão está aí. Esperamos que as forças vivas da comunidade iniciem uma intensa movimentação no sentido de que os problemas sejam resolvidos e que a “faculdade caçula” tenha seus alicerces construídos em sólidas bases, para que não desmorone rapidamente.

Eleições na UFMS³⁶

No próximo dia 25 realizam-se em todos os *campus* da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul eleições para a escolha de seu dirigente máximo, o Reitor. Seis candidatos concorrem ao pleito e empenham-se em demonstrar as suas qualidades e os seus programas de trabalho. Para tanto tem havido, nos diversos *campus* da Universidade, debates para que os concorrentes defendam os seus princípios diretivos. Inclusive, na noite de hoje, a partir das 20 horas o anfiteatro do CEUD/UFMS estará com as suas portas abertas para recebê-los e ouvi-los no que têm a dizer.

Não se pode questionar a importância desses embates no meio acadêmico com a alegação de que a maioria do corpo docente já tem o seu candidato definido. Não basta o fato de os candidatos serem conhecidos há longos anos pelos docentes e funcionários, é preciso que se comprometam publicamente com os princípios acadêmicos que nortearão os seus respectivos programas de realizações. E, além do mais, há que se considerar o fato de que não só de professores e de pessoal técnico-administrativo se faz a Universidade. Existem também os alunos, e estes, em boa parte, por terem ingressado neste ano, somente agora estão conhecendo esse complexo universo.

Os debates são, portanto, bem-vindos. O que se deve questionar são outros pontos relativos a eleições acadêmicas, sendo que o mais importante é o que diz respeito à forma como será escolhido o reitor.

As normas estabelecidas pelo governo FHC no que concernem a escolha de reitor têm pelo menos dois pontos polêmicos. O primeiro

³⁶ Publicada em “O Progresso” 18/06/1996.

diz respeito à constituição de uma lista tríplice a ser encaminhada ao MEC para então ser feita a escolha. Essa lista é contestada pela comunidade acadêmica que desejaria ver o candidato vencedor do pleito empossado e não o segundo, ou terceiro colocados, como pode ocorrer.

O segundo ponto concerne ao peso atribuído a cada segmento da comunidade nas eleições: o voto do segmento docente vale 70% e o dos outros dois, alunos e funcionários, 30%. Nesse caso o que se questiona é que a Universidade – sendo composta de três segmentos: alunos, funcionários e docentes – não poderia existir se faltasse qualquer um deles. Então, por que valorizar tanto o voto do professor?

Apesar desses pontos é importante ressaltar que teremos eleições e estamos participativos, haja vista que setenta docentes do CEUD/UFMS assinaram e entregaram a todos os candidatos um documento onde está contido um verdadeiro projeto de revitalização da Universidade Federal em Dourados. Resta saber qual dos candidatos terá mais condições de comprometer-se com esse projeto.

Um cursinho solidário para o vestibular³⁷

Parece-me que foi ontem. Toninho Sobrinho e eu fomos vencidos pelo sono. Passáramos várias noites estudando até duas, três horas da manhã para o vestibular e naquela oportunidade sucumbimos. Faltavam apenas dez para as sete quando acordamos e demos conta de que havíamos dormido debruçados na mesa onde estudávamos. Saí em louca disparada para vencer, em dez minutos, a longa distância que me separava de meu trabalho. Tempos duros! Mas valeu. Conseguimos a nossa aprovação.

Essa foi uma das histórias que contei ontem (19/07/97), na Escola Antonia da Silveira Capilé, por ocasião da aula inaugural de um cursinho preparatório para o vestibular que o CEUD/UFMS está promovendo em caráter experimental naquela escola do Estado. Através desse capítulo de história de vida quis demonstrar, aos cerca de oitenta alunos matriculados que mesmo quando não se tem recursos para frequentar um cursinho particular pode-se ingressar em um curso de nível superior.

Claro que as pessoas impossibilitadas de frequentar cursinhos precisam de esforço redobrado, precisam ter determinação, força de vontade superior aos obstáculos que se lhes apresentam. Nada é impossível, todavia. O que não podemos é nos manter inertes diante de um quadro onde a esmagadora maioria dos estudantes que concluem o segundo grau desiste de seus estudos.

Por isso, estão de parabéns, tanto o grupo de alunos dos vários cursos do CEUD/UFMS quanto os professores que se propuseram a

³⁷ Publicada em “O Progresso”: 31/07/1997.

dedicar os seus sábados para ministrarem esse cursinho preparatório para o vestibular sem terem nenhuma retribuição financeira em troca. Por apostar nessa parceria, prestigiar e colaborar com esse empreendimento, está de parabéns também a direção da Escola Capilé.

Salvo engano, o cursinho iniciado é inédito no Brasil e, se esse projeto piloto vingar, no ano que vem estaremos ampliando a iniciativa para outras escolas públicas interessadas e, com certeza, outras instituições de ensino superior seguirão esse exemplo.

Esses professores, saindo da redoma da universidade, esses acadêmicos da escola pública retribuindo solidária e espontaneamente os benefícios que receberam mesmo antes de terem concluído o curso, esses alunos de segundo grau que, mesmo diante de tanta incerteza, anseiam pelo saber, estão a construir uma obra que nos faz manter as esperanças de construção de uma sociedade solidária.

Cidade Universitária: fecha-se um círculo³⁸

Dia 18 pp.³⁹ estivemos em Brasília, no gabinete do Senador Ramez Tebet, em reunião com a bancada de Mato Grosso do Sul no Congresso Nacional. Fomos discutir o projeto da Cidade Universitária de Dourados e, cremos, fechamos um círculo, quer dizer, completamos o conjunto de forças que apoiam essa ideia.

A audiência com a bancada foi marcada no dia 4 de maio pelo governador Zeca do PT, atendendo ao nosso pedido, formulado em encontro que realizamos no seu gabinete ao lado do deputado Laerte Tetila e do presidente da Associação Médica de Dourados, Leidniz Guimarães.

Estiveram em Brasília apoiando o Projeto da Cidade Universitária de Dourados, Ricardo Luz, da Associação dos Engenheiros Arquitetos; Érico Stefanello, do Sindicato Rural de Dourados; Junge Myakawa, presidente da Associação Comercial e Industrial de Dourados; Walter Guaritá, da AGIR; Cláudio Freire de Souza, da ADourados;⁴⁰ Diógenes Domingues de Moura, Pró-Reitor de Planejamento da UFMS; Edson Cáceres, Pró-Reitor de Ensino de Graduação da UFMS; os deputados estaduais de Dourados, José Laerte Cecílio Tetila, Geraldo Resende e

³⁸ Postada em 1999, em: www.biasotto.com.br essa matéria que considero como crônica pode ser classificada também como um relatório ou como um diário de nossas atividades quando diretor do Centro Universitário de Dourados.

³⁹ 18 pp., ou seja, 18 próximo passado não esclarece absolutamente nada uma vez que essa crônica não foi datada e nem publicada. O mais provável é que seja 18 de maio de 1999 uma vez que o governador Zeca nos marcou essa audiência em 4 de maio.

⁴⁰ Adourados foi o primeiro nome da atual ADUFDOURADOS – Associação dos Docentes da Universidade Federal da Grande Dourados.

Murilo Zauith; a Reitora da UEMS, Leocádia Aglaé Pretry Leme; o Vice-Reitor da UFMS, Amaury de Souza; o Reitor da UFMS, Jorge João Chacha; o representante da Câmara Municipal de Dourados, Raulfi Marques; o prefeito de Dourados, Braz Mello; o governador do Estado, Zeca do PT e o autor dessa crônica.

Da bancada de MS estiveram presentes os senadores Ramez Tebet, Lúdio Coelho e Juvêncio César da Fonseca e os deputados Bem-Hur, João Grandão, Marçal Filho, Marisa Serrano, Flávio Derzi, Nelson Trad e Waldemir Moka.

Nessa oportunidade, dando início à reunião, o governador enfatizou a sua determinação em injetar recursos na construção da Cidade Universitária de Dourados. A seguir fizeram o uso da palavra o Reitor da UFMS, a Reitora da UEMS, esse autor, os deputados Zauith e Tetila e Marçal Filho. Também se manifestaram, todos favoráveis ao projeto os senadores Ramez Tebet, Lúdio Coelho e a deputada Marisa Serrano.

Em resumo, a reunião foi das mais proveitosas, uma vez que todos saímos ainda mais otimistas com o apoio recebido e com as promessas de viabilização de recursos para as obras.

A Cidade Universitária de Dourados⁴¹

No último sábado, dia 29 de maio, foi dado mais um passo importante para a concretização do projeto da Cidade Universitária de Dourados: realizou-se no Centro Universitário de Dourados a solenidade de entrega de dez projetos de novos cursos para serem implantados pela UFMS, já para o ano 2000.

No início da solenidade foi servido um café da manhã e, com a chegada do governador do Estado e sua comitiva, foi constituída mesa para o ato oficial de entrega dos projetos. Estiveram presentes cerca de duzentos convidados, incluindo autoridades políticas, sindicais, representantes de entidades de classe, professores e funcionários do CEUD/UFMS. Inclui-se dentre as autoridades presentes a Comissão pró Implantação da Cidade Universitária de Dourados e alguns médicos que participaram da elaboração do projeto do curso de Medicina.

A mesa de honra foi constituída com as seguintes autoridades: governador do Estado, Zeca do PT, vice-reitor da UFMS, Amaury de Souza; diretor do CEUD/UFMS, Wilson Valentim Biasotto; vice-governador, Moacir Cohl; prefeito municipal, Brás Mello; presidente da Câmara Municipal de Dourados, Joaquim Soares; secretário de estado de Meio Ambiente Egon Krackecke; secretário de obras, Pedro Teruel; deputados federais, João Grandão e Marçal Filho; deputados estaduais, Laerte Tetila e Geraldo Resende e pelo vice-reitor da UEMS, Luiz Antonio Álvares Gonçalves.

⁴¹ Da mesma forma que a anterior essa crônica também pode ser considerada um relatório ou diário. Postada em 1999: www.biasotto.com.br

Para proceder à entrega dos projetos, o professor Wilson V. Bia-sotto, diretor do CEUD/UFMS fez uso da palavra, da forma como segue:

“Excelentíssimo senhor governador do estado, Zeca do PT, em nome de quem peço licença para cumprimentar as demais autoridades que compõem a mesa, demais autoridades presentes, colegas professores e funcionários, senhoras e senhores”:

Desejo ressaltar o poder simbólico desta solenidade. A entrega dos projetos de novos cursos para Dourados está sendo feita pela própria sociedade. São as forças vivas de nossa Cidade e de nosso Estado que se fazem presentes neste ato para dizer “nós queremos”. Nós queremos a abertura desses novos cursos, nós queremos a Cidade Universitária de Dourados, nós queremos despertar em nós próprios as forças que haverão de contribuir para o desenvolvimento sustentável e harmonioso dessa região, desse estado e desse país”.

Que a força desse nosso desejo aqui demonstrada, Magnífico Vice-Reitor, lhe sirva de instrumento para viabilizar a aprovação desses projetos em nossos Conselhos Superiores. E esteja certo de que essas forças vivas de nossa sociedade que hoje solicitam esses novos cursos, amanhã estarão comprometidas na busca de recursos, na busca de professores, na busca enfim dos recursos materiais necessários para nosso empreendimento.

Desejo agora proceder à entrega de nossos projetos e, para tanto convido:

O prefeito Brás Mello, para a entrega do projeto de Administração de Empresas.

O Deputado Federal João Grandão, para a entrega do projeto de Bacharelado em Ciências Biológicas.

O presidente da Câmara Joaquim Soares, para a entrega do projeto de Bacharelado em Espanhol/Português e Licenciatura Espanhol/Português.

O presidente da OAB Alaércio Abraão, para entregar o projeto do Curso de Direito.

O ex-professor desta casa e Secretário de Estado de Meio Ambiente Egon Krakecke, para entregar o projeto de Engenharia Ambiental.

O deputado Federal Marçal Filho, para entregar o projeto do curso de Jornalismo.

O Deputado Estadual Geraldo Resende, para entregar o projeto do curso de Psicologia.

O professor aposentado por esta Instituição, agora Deputado Estadual e Líder do Governo na Assembléia, Laerte Tetila, para entregar o projeto do curso em nível de Mestrado em Entomologia.

Finalmente, e para reforçarmos ainda mais essa ideia de que o Projeto da Cidade Universitária de Dourados depende da união de nossas forças, convido o governador do Estado, para proceder à entrega do projeto de criação e implantação do curso de Medicina para Dourados.

Não desconheço que há nesse projeto um tanto de ousadia, mas particularmente eu prefiro pecar por ousadia do que por omissão.

Muito obrigado a todos pela presença, pelo esforço, pelo incentivo, pela confiança.

Ato seguinte fez uso da palavra o vice-reitor da UFMS, professor Amaury de Souza, que destacou a importância dos projetos para o desenvolvimento da região e esclareceu que eles deveriam ser submetidos aos Conselhos Superiores da Universidade para apreciação.

Para encerrar a solenidade o governador Zeca do PT fez um longo pronunciamento expondo a situação em que encontrou o Estado e

o esforço do governo no sentido de pagar as contas deixadas pelo seu antecessor. Demonstrou seu otimismo em relação ao futuro apoiando-se especialmente na elevação da arrecadação que chegou a 78 milhões até 28 de maio, quase dobrando em relação ao arrecadado no mês de dezembro de 1998.

Com relação ao projeto da Cidade Universitária de Dourados o governador rendeu todo o seu apoio e confirmou que ainda neste ano iniciará a construção de mais um bloco e garantiu que a partir do ano que vem repassará 1% da arrecadação para a viabilização do projeto.

Particularmente não tenho dúvidas de que esse maravilhoso projeto será uma realidade antes mesmo dos dez anos previstos para a sua conclusão.

Cidade Universitária de Dourados: algumas questões pontuais⁴²

Dia 27 de agosto de 1999. A Comissão pró-implantação da Cidade Universitária de Dourados dirige-se à governadoria em Campo Grande para uma audiência com o governador Zeca do PT.⁴³ A saída de Dourados deu-se por volta de 10 h e 45 min. No restaurante Água Rica houve um encontro casual da Comissão: os três veículos fizeram uma parada neste local para um café. Foi o momento em que os membros da Comissão tiveram oportunidade de assinar os documentos que seriam entregues ao governador.

Alguém sugeriu que almoçássemos aí, todavia a maioria entendeu que não haveria tempo. O encontro com o governador estava marcado para as duas horas e não seria de bom tom chegar atrasados.

⁴² Colocar em crônica pode significar narrar acontecimentos em ordem cronológica. Nesse sentido essa também pode ser incluída nessa categoria literária embora, a exemplo das anteriores, possa ser também considerada um relatório ou diário. Escrita em 29/08/1999, postada em: www.biasotto.com.br.

⁴³ Compareceram a esta audiência os deputados estaduais Laerte Tetila e Geraldo Resende, Junge Myakawa, representando a ACID; o professor Ademir Antunes Moraes, representando o prefeito municipal, Brás Melo; a professora Leocádia Aglaé Petri Leme, Reitora da UEMS; o professor Jorge João Chacha, Reitor da UFMS; José Silvestre, vereador representando a Câmara Municipal de Dourados; o engenheiro Ricardo da Luz, da Associação de Engenheiros Arquitetos; Walter Guaritá Marques, da AGIR; Arnaldo R. Junior, representando as Lojas Maçônicas de Dourados; Alaércio Abraão, da OAB; Pedro Lima e Aguinaldo Zagretti, do Sindicato dos Comerciantes; Francisco da Conceição, do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentos; o professor José Carlos Brumatti, do SIMTED; Cláudio Freire de Souza, da Adourados e Wilson Valentim Biasotto, diretor do Campus de Dourados da UFMS.

Faltavam dez minutos para as duas quando chegamos. Logo fomos informados que o governador não voltara de Corumbá, mas que estava para chegar. Esperamos. Por volta de quatro horas Zeca chegou e realizou uma reunião com uma de suas equipes de trabalho.

Na sala de espera a Comissão aproveitou muito bem o tempo e procedeu a entrega de um Manifesto de agradecimento ao reitor Jorge João Chacha, da Universidade Federal. A entrega foi feita pelo presidente da AGIR, Walter Guaritá.⁴⁴

Em seu discurso Walter agradeceu em nome da sociedade douradense o esforço do Reitor para a abertura de novos cursos no Campus de Dourados e aproveitou o ensejo para ratificar a solicitação de que os cursos de Direito e Medicina fossem implantados já no ano 2000.

O Reitor agradeceu e, em seu pronunciamento, deixou a Comissão bem impressionada pela sua firmeza e determinação quanto à implantação dos cursos de Direito e Medicina. Em suma, afirmou que estava trabalhando com a perspectiva de abrir um vestibular especial para esses cursos no máximo até o início de março de 2000.

Por volta de 17 h e 20 min. finalmente fomos recebidos. O governador se desculpou muito pelo atraso alegando que faltou visibilidade em Corumbá devido a fumaça e, em consequência atrasara toda a agenda. Rodeou a mesa cumprimentando um a um todos os integrantes da Comissão e finalmente começamos nossa conversa.

Abriu o diálogo o Deputado Laerte Tetila, que agendou a reunião, dizendo que aquela Comissão representava 72 entidades de Dourados. A seguir passou-me a palavra para anunciar a nossa pauta de reivindicações.

⁴⁴ A AGIR era uma Agência de Integração Regional que tinha por objetivo unir forças para o desenvolvimento da região de Dourados. Walter Guaritá, presidente dessa entidade, compreendeu muito bem o alcance do projeto da Cidade Universitária para Dourados e passou a apoiá-lo com entusiasmo.

Como a Reitora da UEMS tivesse que se retirar para outra reunião, ela falou primeiro. Sua incumbência foi entregar ao governador um documento solicitando-lhe que intercedesse junto à bancada federal do Mato Grosso do Sul no sentido de obter verbas para a construção do Restaurante Universitário e da Biblioteca Central.

O governador respondeu que convidaria uma representação da Comissão pró-implantação da Cidade Universitária de Dourados quando fosse organizar as emendas orçamentárias da bancada federal de Mato Grosso do Sul.

A seguir falou Junge Myakawa, presidente da ACID.⁴⁵ Entregou ao governador um manifesto de agradecimento pelo esforço até então dedicado para o Projeto da Cidade Universitária.

O governador agradeceu e afirmou sua disposição em aumentar os repasses para a UEMS, contribuindo assim com o Projeto.

O professor Ademir Antunes Moraes, representando o prefeito de Dourados entregou ao governador um documento solicitando o seu empenho no sentido de adquirir área de aproximadamente 150 ha lindeira ao Núcleo de Ciências Agrárias.

O governador achou a proposta viável e disse que viabilizaria estudos.

O vereador José Silvestre, representando a Câmara Municipal de Dourados entregou ao governador documento contendo pedido de asfaltamento de trecho de rodovia que liga a Rodovia Dourados/Itahum com a Rodovia Dourados/Ponta-Porã e a conservação da Avenida Guaicurus, que dá acesso à Cidade Universitária de Dourados.

⁴⁵ ACID – Associação Comercial e Industrial de Dourados, agora ACED, Associação Comercial e Empresarial de Dourados.

O governador consultou os deputados presentes e constatou que os pedidos estavam contemplados no Projeto de Recuperação das Estradas de Mato Grosso do Sul, sendo, portanto de fácil atendimento.

A seguir falei em nome do Reitor Jorge João Chacha, que teve que se ausentar as 17 h relatando a abertura de novos cursos no Campus da Universidade Federal em Dourados, inclusive pedindo o seu apoio futuro para o curso de Medicina, afirmando ter consciência das dificuldades que enfrentaremos.

O governador disse que o curso de Medicina para Dourados era muito importante porque justificaria o investimento feito na Santa Casa.

Para encerrar entreguei ao governador convite para proferir palestra por ocasião do encerramento do X Encontro Estadual de Geografia a realizar-se no dia 2 de outubro de 1999. Disse ao governador que além da importância de sua palestra tínhamos uma boa data para termos nova conversa sobre a Cidade Universitária de Dourados e amarrarmos mais alguns pontos.

O governador assentiu.

Educação solidária⁴⁶

Desejo reproduzir nesse espaço, tão fiel quanto minha memória permitir, as palavras que proferi no último dia 2 de agosto, por ocasião da abertura da VI Semana de Pedagogia e do encerramento do Curso de Formação de Alfabetizadores, no Campus de Dourados da UFMS.

Antes, porém, devo informar que a VI Semana de Pedagogia teve como eixo principal de suas atividades a reflexão sobre as mudanças que o curso de Pedagogia sofrerá em consequência da nova Lei de Diretrizes e Bases e, no que se refere à formação de alfabetizadores, que se tratou de curso ministrado para professores do Maranhão, que vieram em busca de treinamento para reverterem o quadro de analfabetismo que impera em seus municípios (Santa Quitéria e São Bernardo), dentro do Projeto de Alfabetização Solidária, que envolve Universidades, Ministério da Educação, municípios e empresas privadas.

“Morreu o rei, viva o rei”, dizia-se na Idade Média. As cartas que as Cortes mandavam para as famílias enlutadas de soberanos europeus continham palavras que refletiam a tristeza pela morte do rei e, ao mesmo tempo, palavras de alegria pela coroação do novo soberano. Quanto ao encerramento e ao início de cursos é bem verdade que sempre fica a saudade de quem parte e a alegria em receber gente nova, todavia, em se tratando de Educação, temos que vê-la como um processo.

Antigamente, quando uma pessoa estava para falecer, colocava-se em sua mão uma vela acesa, simbolizando que a vela deveria iluminar o

⁴⁶ É bem provável que essa crônica, escrita em 03/08/1999, tenha sido publicada, no entanto, não encontrei comprovação. Foi postada em 1999 *in*: www.biasotto.com.br

novo caminho daquela alma. Num sítio afastado, o pai da família estava no leito de morte e os filhos, percebendo que expirava, procuraram em vão uma vela. Como as buscas foram inúteis, um dos filhos foi ao fogão de lenha, pegou um tição, avivou a brasa e deu para que o moribundo segurasse. O agonizante olhou bem para aquilo e, antes do último suspiro, proferiu solenemente: “morrendo e aprendendo”.

Quer dizer que o aprendizado é um processo contínuo que não começa e nem se esgota com a abertura ou encerramento de um curso e, se por um lado, o aprendizado informal pode ser doloroso, o aprendizado formal deve ser prazeroso. Para tanto, cabe a nós, professores, levarmos em conta que o magistério, mesmo não sendo um sacerdócio, mas uma atividade profissional reveste-se de importância especial. Repito isto desde 78, quando andei boa parte desse Estado objetivando a formação de associações de professores e, hoje, acrescento, se o magistério não é um sacerdócio é um ato solidário. O sacerdócio pode implicar somente em compaixão, a solidariedade implica no reconhecimento do outro como semelhante.

Se o professor reconhecer no próximo um semelhante, o ato de ensinar deve ser um ato solidário, um ato de amor. Passando pelo coração o conhecimento produzido pela mente humana é muito melhor absorvido pelos educandos.

Vestibular especial da UFMS⁴⁷

Dias atrás recebi a visita de um velho e querido amigo. Sem maiores delongas foi interpellando-me sobre o vestibular especial que estamos realizando na Universidade Federal, Campus de Dourados. Queria saber se era realmente verdade que o curso de Medicina estaria sendo implantado em nossa cidade.

Respondi-lhe que as inscrições estavam sendo realizadas e que o vestibular já tinha data marcada: 29 de fevereiro, 1, 2 e 3 de março. Disse-lhe mais, que o vestibular especial não era apenas para Medicina, mas que estávamos abrindo também Secretário Bilingue e Tradutor Intérprete no curso de Letras e o curso de Direito. Sem contar que tínhamos aberto ainda o curso de Administração, mas que dera tempo para ele ter sido incluído no vestibular normal.

Meu amigo quis saber ainda se tínhamos estrutura física, laboratórios, professores, lupas, microscópios, enfim tudo o que fosse necessário para o funcionamento do curso.

Creio ter conseguido demonstrar-lhe que tínhamos muito mais que isso tudo, tínhamos um projeto, um projeto em que tanto a Universidade Federal como a Estadual estavam juntas, um projeto abraçado por toda a nossa sociedade, pela imprensa e pelos políticos de nossa cidade e de nosso estado. Por tudo isso eu, particularmente, estava muito tranquilo quanto à possibilidade de sucesso desse empreendimento.

Para muitos, como para esse meu amigo, parece mesmo um so-

⁴⁷ Escrita em 24/02/2000, não encontrei comprovante de sua publicação. Foi postada em: www.biasotto.com.br

nho, afinal apenas um ano, um mês e três dias após o governo Zeca ter instalado o seu governo em Dourados e apoiado o Projeto da Cidade Universitária e em que o Reitor Jorge João Chacha deu a sua palavra de que implantaria Medicina em Dourados, estamos finalmente próximos de uma grande realização: o primeiro vestibular para novos cursos.

Convido o leitor a refletir sobre este acontecimento. Sem o apoio incondicional da sociedade, da imprensa e dos políticos, não teríamos alcançado tão grande sucesso. Creio que é hora de aproveitarmos o embalo para avançarmos ainda mais na construção da Cidade Universitária de Dourados. E construir uma Cidade Universitária não significa apenas abrir novos cursos ou construir edifícios, implica também na formação de uma mentalidade nova, em que todos respirem o clima de uma cidade universitária.

Compete-nos, por exemplo, receber bem aos vestibulandos. Muitos já chegaram a Dourados, mas a partir de 28 de fevereiro teremos mais de quatro mil pessoas em nossa cidade. Recebê-las bem significa tê-las de volta no ano que vem. Mais que isso, é a garantia de que levarão de volta, para o resto do Brasil, uma boa imagem daqui.

Uma boa medida seria se os hotéis, restaurantes, bares, táxis etc., ao invés de praticarem preços abusivos, oferecessem descontos especiais aos vestibulandos. Fazer ao contrário seria como que matar ainda no ninho uma galinha de ovos de ouro.

Vestibular especial: “Saúde, Dourados”⁴⁸

Inspira-me esta crônica a frase final de um ofício recebido via fax cumprimentando a UFMS pela realização do vestibular especial ocorrido entre 29 de fevereiro e 3 de março. O amigo, ao final de sua mensagem, ao invés de um atenciosamente ou algo similar, colocou uma fórmula inovadora: “Saúde, Dourados”.

Saúde, Dourados! A frase está carregada de certa ambiguidade. Talvez se refira especificamente à implantação do curso de Medicina, sem dúvida uma grande conquista para a nossa região e carro chefe para a vinda de outros cursos na área das ciências da saúde. Mas, a expressão “Saúde, Dourados”, pode ser entendida também como fortalecimento, revitalização. Quer dizer, o autor do ofício poderia ter em mente a expansão do ensino público superior em nossa cidade como um todo. Nesse sentido estaria levando em conta o conjunto dos novos cursos públicos abertos em nossa cidade pelas Universidades Federal e Estadual. E não foram poucos: Administração, Direito, Medicina, as habilitações em Secretário Bilingue e Tradutor Intérprete, Turismo e Física. E, em nível de pós-graduação, o mestrado em Entomologia e Recursos da Biodiversidade. Um grande avanço, sem dúvida, que pode muito bem significar “Saúde, Dourados”.

Graças a esse crescimento, quero crer que o projeto de unificação do ensino público superior em Dourados, pela UEMS e UFMS, através da implantação da Cidade Universitária, está mais próximo de

⁴⁸ Publicada em “O Progresso”: 11-12/03/2000.

se tornar realidade. Não custa, todavia, continuarmos tendo em vista alguns princípios.

O princípio básico é que devemos sim crescer, expandir o número de vagas, mas sem perdermos de vista a qualidade do ensino, a excelência da pesquisa e a manutenção da extensão universitária. Não se trata, portanto, simplesmente, de se abrir mais cursos de graduação, mas de se abrir bons cursos de graduação.

Em segundo lugar devemos levar em consideração que a Universidade deve oferecer também cursos de pós-graduação, em nível de mestrado e doutorado. Significa dizer que devemos construir uma espécie de pirâmide que tenha como base os cursos de graduação e que essa pirâmide vá se afinilando com cursos de pós-graduação nas áreas em que estivermos mais adiantados, até chegarmos ao vértice com os cursos de pós-doutorado.

Finalmente, não podemos nos esquecer jamais que esse grande passo no sentido de construirmos a Cidade Universitária de Dourados foi dado graças à soma dos esforços das forças vivas de nossa cidade, de nossa região e do nosso estado. Não fosse a união dos sindicatos, das entidades de classe, clubes de serviço, órgãos públicos e dos políticos dos mais diversos matizes ideológicos em torno desse objetivo comum, não teríamos alcançado sucesso. Não fosse o empenho de nossos professores e funcionários nem os projetos teriam sido elaborados; não fossem a persistência, a perseverança e o otimismo da comissão pró-implantação da Cidade Universitária, não teríamos sequer movido o primeiro passo. Não fosse a imprensa falada, escrita e televisada, ter acreditado e não fosse a sociedade ter incorporado o espírito, o clima de cidade universitária, não teríamos atingido as nossas metas.

Cada qual contribuindo na medida de suas forças, e sem nos deixarmos paralisar pelos êxitos obtidos nesta primeira arrancada, haveremos de atingir o nosso objetivo, de termos nos próximos dez

anos em torno de trinta cursos de graduação na Cidade Universitária, cerca de dez mil alunos e todas as consequências advindas desses números.

De certa forma, portanto, todos nós temos motivos para estarmos de parabéns por esse empreendimento, mas, permita-me o leitor render uma homenagem póstuma a Walter Guaritá, o Waltinho, um entusiasta da ideia, que pertencia à Comissão pró-implantação da Cidade Universitária, e que nos deixou prematuramente sem ter colhido um único fruto dessa nossa semeadura.

Esboço para uma história do curso de Medicina de Dourados/UFMS⁴⁹

A história do curso de Medicina em Dourados não pode ser vista como um acontecimento ímpar, ela esta indissociavelmente ligada ao projeto de criação da Cidade Universitária de Dourados, nos moldes propostos por nós, quando exercíamos a direção do campus de Dourados da UFMS e pela profa. Leocádia Aglaé Petri Leme, à época reitora da UEMS⁵⁰, período entre 1997 e 2000.

É bom que preliminarmente tenhamos feito essa afirmação, mesmo porque o processo que culminou com o Projeto Cidade Universitária teve um princípio muito polêmico, iniciado com a divisão do estado de Mato Grosso e que colocou a sociedade entre duas opções de escolha: a transformação do Campus de Dourados, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em Universidade Federal da Grande Dourados, ou a criação de uma Universidade Estadual com sede em Dourados, como previsto na Constituição de Mato Grosso do Sul, de 1979.

Muitos foram os debates travados em torno dessa polêmica, só resolvidos às vésperas das eleições estaduais de 1994. O governo, Pedro Pedrosian, por intermédio do Reitor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, professor Celso Pierezan, propôs aos professores do CEUD que a UEMS fosse construída dentro do Campus da Federal, o que ensejou, de certa forma, a resolução do impasse: os que

⁴⁹ Postada em: www.biasotto.com.br em 2000

⁵⁰ O vice-reitor da UEMS, professor Luís Antonio Álvares Gonçalves, também teve um papel relevante no processo de idealização, divulgação e estruturação do Projeto da Cidade Universitária de Dourados.

desejam a implantação da Universidade Estadual viam seus sonhos realizados; aqueles que queriam ver o Campus da Federal transformado em Universidade Federal da Grande Dourados visualizaram com essa iniciativa o fortalecimento de seu projeto, por meio da união entre a recém-criada Universidade Estadual e o Campus de Dourados da Federal, constituindo-se assim a Universidade Federal da Grande Dourados.

Hoje, temos, convivendo harmoniosamente, num mesmo espaço físico, a UEMS e o Campus de Dourados da UFMS, e mesmo que a concretização da Universidade Federal da Grande Dourados não se realize no curto prazo, o projeto da Cidade Universitária de Dourados garante “a unificação do ensino público superior de Dourados, ou seja, o funcionamento em conjunto do Campus de Dourados da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul com a sede da UEMS”⁵¹

O Projeto da Cidade Universitária de Dourados foi apresentado oficialmente às forças vivas de Dourados no dia 2 de julho de 1998, no anfiteatro da UEMS, após a reitora da Universidade Estadual profa. Leocádia Aglaé Petry Lemes e o prof. Wilson Valentim Biasotto, diretor do CEUD, tê-lo apresentado às dezenas de entidades, prefeitos, vereadores, deputados, meios de comunicação, enfim àqueles que poderiam influenciar nos destinos deste grande empreendimento.

Nesse dia estiveram representadas no ato 72 entidades e, dessas forças, organizou-se uma comissão executiva pró-implantação da Cidade Universitária de Dourados.

Em 26 de janeiro de 1999, o governador Zeca do PT, a menos de um mês de sua posse, instalou o governo itinerante em Dourados e, na oportunidade, recebeu em audiência a Comissão pró Cidade Universitária. Foi nesse dia memorável que o governador abraçou com alma o

⁵¹ A frase entre aspas encontra-se no Projeto Original da Cidade Universitária de Dourados, elaborado com a participação do CEUD/UFMS, UEMS e Escritório de Engenharia da UFMS.

Projeto e que o Reitor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Jorge João Chacha, atendendo aos anseios da sociedade douradense, comprometeu-se definitivamente com a implantação do Curso de Medicina em Dourados.

A partir dessa data iniciou-se uma corrida contra o tempo. Se a montagem do projeto não foi obra fácil e dependeu muitíssimo da vontade política da comissão organizada para tal fim e dos técnicos da Universidade, foi também muito difícil sua aprovação pelos órgãos colegiados superiores da UFMS.

Muitas foram as barreiras, inerentes à implantação de um curso de Medicina, que se interpuseram ao longo da caminhada. No entanto, o apoio da sociedade douradense, dos órgãos de imprensa, do governo do estado, dos reitores das universidades estadual e federal; o apoio da presidente da Associação Brasileira de Escolas Médicas, da Associação Médica da Grande Dourados e dos políticos locais e estaduais foi suficientemente forte para vencer a cada um dos obstáculos.

Após um ano de muito trabalho e de um surpreendente envolvimento coletivo, culminância de um longo processo, em 29 de fevereiro, 1, 2 e 3 de março de 2000 pôde-se realizar o primeiro vestibular para a Medicina de Dourados, com 47 inscritos para cada vaga.

A história do curso de Medicina de Dourados apenas começa. Não se sabe quem um dia a escreverá, mas, com certeza, sabe-se quem está fazendo essa história.

A migração do autoritarismo para a Universidade Federal em MS⁵²

Dezesseis anos após o fim da ditadura militar no Brasil e não conseguimos restabelecer a democracia em sua plenitude. Por toda parte ainda se ouve denúncias de compra de votos e de toda gama de corrupção eleitoral. Os meios de comunicação, arma que poderia ser poderosa para produzir liberdade, nem sempre estão à disposição para a disseminação dos princípios democráticos, tão caros à formação da cidadania.

De qualquer forma, não temos como contestar certo avanço democrático na sociedade civil. O eleitor em pouco tempo aprende a separar joio de trigo. Cada eleição democrática promove um expurgo no mundo político. Mesmo os mais pessimistas não podem deixar de reconhecer esse avanço. Se ele não se deu por convicção, ao menos se deu pelo cansaço. E o saldo é que as forças progressistas ocuparam espaços importantes por todo o território nacional.

Em Mato Grosso do Sul as oligarquias sofreram revezes consideráveis. Governando o Estado, está um homem que leva no próprio nome a mudança que representa: Zeca do PT. Chegou ao poder pelo crescimento de seu partido, pela sua fibra, sua garra, mas também porque o povo se cansou de tanto desmando e corrupção.

Dourados, a segunda maior cidade do estado também elegeu um petista. Laerte Tetila, um nome que além de ser um símbolo de honestidade, representa a esperança da construção de uma “vida nova para Dourados”, slogan de sua campanha.

⁵² Escrita no início de 2001 é bem provável que essa crônica não tenha sido publicada.

Enfim, em todo o estado de Mato Grosso do Sul, verificou-se um avanço significativo das forças progressistas, pondo em polvorosa as forças conservadoras. O choque foi tão forte que essas forças ficaram inconformadas e momentaneamente desarticuladas.

Nas eleições passadas não fora diferente. O inconformismo foi grande. A prefeita de Mundo Novo, Dorcelina Folador, foi covardemente assassinada. Mas, nessas últimas eleições a esquerda cresceu muito. Não dá para ficar matando onze prefeitos, oitenta e sete vereadores e o próprio governador. Foi preciso mudar a estratégia.

Visando as eleições de 2002 a oligarquia rearticulou-se e busca o seu (re)fortalecimento. Para tanto investe em todos os campos e toma de assalto a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Toma de assalto porque se aproveita de um resquício da ditadura militar, a famigerada lista tríplice, essa excrescência indigna para o terceiro milênio e que o governo FHC preservou, para ocupar o poder.

Imagina a nossa oligarquia que a Universidade lhes escapou ao controle. Sim, a Universidade sempre esteve sob controle dessas “elites”. Na visão conservadora a Universidade teria formado massa crítica suficiente para derrubá-la e começa assim, uma luta de bastidores para a nomeação do Reitor da UFMS e o candidato mais votado foi preterido por um professor da Medicina que tinha vinte horas e nem sequer concluído o Mestrado. Uma vergonha tão grande que o próprio Presidente da República sentiu-se constrangido em assinar a nomeação, já que havia dito que somente nomearia doutores para o cargo de reitor. Mas não faltou quem o nomeasse: o vice Marco Maciel incumbiu-se da missão.

O Reitor da UFMS não deixou por menos. Nomeou apenas e tão somente os diretores de Campus afinados consigo. Não deu a mínima atenção para a classificação na lista. Em um caso, o do Campus de Dourados, desconsiderou a própria lista. Preteriu o vencedor das eleições que obteve 47% dos votos e nomeou o que conseguiu apenas 28%.

De nada adiantaram as manifestações de protesto feitas por alunos e professores. De nada valeram também duas Resoluções consecutivas do Conselho de Campus (órgão máximo da instituição em Dourados), a primeira pedindo ao Reitor a revogação de seu ato e a segunda solicitando a renúncia do professor nomeado. A velha oligarquia sul-mato-grossense carcomida, estigmatizada pela incompetência e corrupção ainda continua muito viva e ativa.

Nossa alegria com a Cidade Universitária não pode acabar⁵³

Dirigir o Campus de Dourados da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, nosso CEUD, constituiu-se para nós em um misto de ansiedade e alegrias. Ansiedade porque ao construirmos coletivamente o grande projeto da Cidade Universitária para a região, assumimos, com os nossos pares, com a UEMS, com a sociedade douradense e com os políticos de nosso estado, um compromisso muito maior que as nossas forças. Alegrias porque ao longo de quatro anos aumentamos o círculo de nossa amizade, recebemos o carinho de nossos amigos e de nossos alunos e vimos nosso projeto sendo implantado.

Não criamos uma inimidade sequer. Se erramos, fomos perdoado e se fomos ofendido perdamos. O perdão é uma das mais belas coisas que o ser humano pode conceder. E só perdoa quem tem o perdão em suas mãos, quer dizer, aqueles que de alguma forma foram ultrajados, prejudicados enfim, e têm a humildade de não levar à base do olho por olho, dente por dente.

Para ser franco, nosso mandato transcorreu sem que o sentíssemos. Nosso entusiasmo sempre se alicerçou na crença que tínhamos de estar representando uma vontade coletiva. Vontade que culminou com o projeto da Cidade Universitária de Dourados e que nos absorveu totalmente. Nosso gabinete nunca esteve vazio. Até as últimas horas de nosso mandato trabalhamos como se o estivessemos começando.

Isso somente foi possível graças à ação conjunta com a UEMS,

⁵³ Escrita em 26.02.2001, não encontrei comprovação de sua publicação. Foi postada em: www.biasotto.com.br

com as forças representativas da sociedade, com os políticos dos mais variados matizes ideológicos, com a imprensa, com nossos alunos, professores e funcionários. Foi com essa conjugação de forças que pudemos dar um tom alegre e construtivo ao nosso mandato.

Por isso tudo e pela ajuda de nossa família estamos muito gratos.

Para nossa substituição no cargo realizaram-se eleições em 15 de dezembro último. Apontamos como nosso candidato à sucessão o professor Dr. Cláudio Freire, homem honesto, honrado, conciliador, profundo conhecedor da Universidade Brasileira e de nossa Universidade. O professor Cláudio foi eleito com quase cinquenta por cento dos votos, tendo o seu opositor obtido pouco mais que vinte e quatro por cento. No entanto, o atual reitor, não obstante a expressiva vitória do professor Cláudio Freire, resolveu nomear o segundo colocado para ser o futuro diretor do CEUD.

O que estaria por trás dessa nomeação que é antes de tudo um desrespeito à democracia, aos costumes de nosso Campus e para com nossa sociedade? Um simples equívoco? A pressão de políticos sem escrúpulos? Uma manobra para desarticular o projeto da Cidade Universitária de Dourados?

Qualquer que seja o motivo, não podemos aceitar uma situação dessas. Em nome da alegria de nosso mandato, em nome de conjugação de forças que organizamos para construirmos a Cidade Universitária de Dourados, em nome da felicidade dos pais de nossos alunos, em nome da luta de nossos homens públicos, que tanto se esforçaram para dar vida à Cidade Universitária, não podemos permitir que o Diretor eleito democraticamente, prof. Dr. Cláudio Freire, seja tolhido de seu sagrado direito de posse.

Hospital Universitário de Dourados⁵⁴

Criar e implantar um curso de Medicina não é tarefa fácil. É necessário muito arrojo, dedicação e colaboração. Somando-se a essas dificuldades naturais, para trazer o curso de Medicina para Dourados, tivemos que superar uma série de outros obstáculos dentre os quais a oposição de pessoas ligadas à saúde e à educação em Dourados. Não foram poucos os “alertas” que recebemos de que o curso de Medicina seria uma loucura.

Esses nossos opositores, ao contrário de nos desestimular e enfraquecer, tiveram, eles também, um papel importante no processo de criação do curso de Medicina, basicamente porque, com suas críticas, fizeram com que nós nos esmerássemos em providenciar todos os detalhes para que o curso tivesse um belo futuro.

E foram tantos os detalhes que precisaríamos de muitas páginas para contá-los. Limitemo-nos por ora a explicar ao leitor como solucionamos a questão relacionada ao estágio dos acadêmicos do curso.

Tendo como anfitriã a reitora da Universidade Estadual, professora Leocádia Aglaé Petri Leme, em 27 de janeiro de 1999, apresentamos ao governador Zeca do PT o Projeto da Cidade Universitária de Dourados, que foi por ele abraçado publicamente diante das 72 entidades douradenses que apoiaram o Projeto. Nesse dia o Reitor da Universidade Federal, Jorge João Chacha, “bateu o martelo”, como ele próprio disse em seu pronunciamento, para a criação do curso de Medicina em Dourados.

⁵⁴ Escrita em 2002, não encontrei comprovação de sua publicação.

Entre 25 de janeiro e 27 de agosto de 1999, quando a Comissão realizou novo encontro com o governador, desta feita em seu gabinete em Campo Grande, muito trabalho foi realizado. Inclusive para marcarmos essa audiência estivemos previamente com o governador, acompanhado pelo então deputado estadual Laerte Tetila e pelo médico Leidniz Guimarães, então presidente da Associação Médica da Grande Dourados. Nessa oportunidade o governador assumiu conosco o compromisso de destinar a Santa Casa para ser o futuro Hospital Universitário.

Mas, paralelamente a essas iniciativas, jamais nos esquecemos da SODOBEN – Sociedade Douradense de Beneficência – que foi a grande inspiradora da construção da Santa Casa e a entidade que merece todo o nosso respeito pelas iniciativas que tomou.

A Comissão executiva pró-implantação da Cidade Universitária procurou a SODOBEN e realizaram juntas dezenas de reuniões. Se nos déssemos ao trabalho de procurar em nossos arquivos, encontraríamos todos os registros dessas reuniões, datas, e os participantes. Perdoe-nos o leitor, mas fica para uma próxima oportunidade. Nesse momento, desejamos apenas ressaltar que a nossa primeira reunião com a SODOBEN deu-se no escritório de seu presidente que àquela época era o advogado Laudelino Medeiros. Depois assumiu a presidência o empresário Martinho da Recap, com o qual também tivemos vários encontros.

Dada à complexidade do problema, não faltaram ainda reuniões com os mantenedores da SODOBEN (Lojas Maçônicas, Rotarys Clubes).

Tudo foi devidamente alinhavado para que a Santa Casa se transformasse em Hospital Universitário, para dar sustentação aos cursos de Medicina da UFMS/Dourados e de Enfermagem da UEMS.

Finalmente, na atual gestão da SODOBEN, mantivemos inúmeros contatos com o empresário Ricardo Demaman para solucionar

como o Hospital seria gerido e somente demos entrada, na Câmara, ao Projeto que denomina aquela que seria a Santa Casa, de HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE DOURADOS, porque esse foi um desejo da SODOBEN que eu jamais poderia deixar de atender, sob pena de ser ingrato com os mentores de uma instituição que sempre nos apoiou em nosso projeto da Cidade Universitária de Dourados.

Cumpre ainda esclarecer dois pontos. Primeiro: a SODOBEN doou a área do Hospital para a Prefeitura de Dourados, portanto, compete à Câmara Municipal atribuir-lhe o nome e não à Assembléia Legislativa. Segundo: nada impede que apresentemos emenda ao nosso próprio projeto, já aprovado pela Câmara, acrescentando ao Hospital Universitário de Dourados o nome de um médico benemérito. Mas somente faremos isso em comum acordo com a SODOBEN, pois lealdade aos nossos companheiros é a coisa que mais prezamos.

O destino da Santa Casa de Dourados (I)⁵⁵

Como o Curso de Medicina da UFMS em Dourados foi criado durante a minha gestão, quando fui diretor do Campus, julgo-me no dever de estabelecer um diálogo com a sociedade douradense no sentido de esclarecer os pontos que eventualmente estejam deixando dúvidas sobre o bom funcionamento do referido curso.

Começamos essa série de artigos pelo que considero a questão mais urgente, ou seja, o Hospital onde os alunos deverão começar os seus estágios, já nesse ano.

Antes, porém, talvez seja oportuno esclarecer que não cometemos nenhum ato irresponsável ao criarmos o Curso de Medicina em Dourados, da mesma forma que não foi atitude tresloucada termos criado uma série de outros cursos tanto na Federal como na UEMS e que estão funcionando muito bem, a exemplo do Mestrado em História, do Mestrado em Entomologia e Recursos da Biodiversidade, dos cursos de Direito, Administração e dentro do curso de Letras as habilitações em Secretário Bilíngue e Tradutor (na Federal) e Turismo, Física e Letras (na UEMS)

Na verdade todos esses cursos novos acima mencionados, e inclusive o de Medicina, estão inseridos num projeto muito maior, que é o Projeto da Cidade Universitária de Dourados, encampado por toda a sociedade, mas que teve à frente uma Comissão Executiva (da qual falarei em outro artigo), dirigida pela Reitora da Universidade Estadual, professora Leocádia Aglaé Petry Leme e por mim.

⁵⁵ Escrita em 19/03/2002, não encontrei comprovação de sua publicação. Postada em: www.biasotto.com.br

Pois bem. Ao criarmos o curso de Medicina tivemos o cuidado de estabelecer um compromisso com a Universidade Estadual no sentido de que os laboratórios do curso de Enfermagem fossem utilizados até que o prédio para as Ciências da Saúde ficasse pronto. Para a construção desse prédio estabelecemos um convênio em que o governo do Estado entrou com 70% do valor da obra e a UFMS deveria entrar com 30%. À Prefeitura de Dourados caberiam as obras de aterro e urbanização ao redor do prédio. Pouco falta para se concluir esse prédio.

Com relação ao Hospital Universitário conversamos com o governador Zeca do PT que nos garantiu que em 2002, ano em que os acadêmicos de Medicina estariam precisando estagiar, as obras do Hospital estariam concluídas.

O único problema naquela época residia em que a Sociedade Douradense de Beneficência (SODOBEN) era a proprietária do terreno onde estava sendo edificado o Hospital e, portanto, precisávamos do consentimento daquela entidade para que a Santa Casa pudesse ser utilizada como Hospital Universitário. Não foram poucas as reuniões que tivemos com a Comissão pró-implantação da Cidade Universitária e a SODOBEN. E o resumo da ópera é que a SODOBEN concordou de bom grado que a Santa Casa viesse a ser Hospital Universitário.

Destarte, podemos afirmar que não somente os nossos compromissos, como diretor de Campus foram devidamente cumpridos, como também os compromissos do então reitor, Jorge João Chacha e de todas as outras instituições envolvidas, assim como o compromisso do governo do Estado. Tanto é que o Hospital será inaugurado no princípio do próximo mês.

A questão que se coloca agora é a seguinte: quem administrará o Hospital Universitário?

Na minha maneira de entender a UFMS deveria assumir esta responsabilidade. Nesse sentido a bancada federal de Mato Grosso do

Sul no Congresso Nacional deveria acionar todas as suas forças para concretizar esse objetivo.

Eis as razões pelas quais entendo que a UFMS deveria assumir a administração direta da Santa Casa: 1) Administrado por uma Universidade, o hospital passaria automaticamente a ser um Hospital Universitário; 2) A contratação de funcionários e médicos ficaria por conta do governo federal, o que significa dizer, entrada de recursos orçamentários novos para o município; 3) Mesmo que os hospitais universitários estejam passando por uma fase ruim, é preferível apostar que vão melhorar; a crise dos hospitais universitários é conjuntural e não estrutural, portanto, pode ser revertida com a mudança de governo; 4) O curso de Medicina de Dourados foi criado levando-se em conta a existência desse Hospital Federal que, segundo compromisso do nosso Governador seria utilizado com fins educacionais; 5) O fato de valorizar o ensino não significa que o Hospital Universitário não possa atender pelo SUS, o que tornaria a Saúde de Dourados muito menos dispendiosa para o Município que não precisaria pagar funcionários; 6) O ensino de Medicina e Enfermagem seria valorizado porque sendo um Hospital Universitário a entrada de recursos é maior, há necessidade de equipamentos atualizados, enfim, teríamos recursos de última geração para Dourados e toda a nossa região.

Se a Universidade Federal tomasse em suas mãos esse empreendimento, seria a melhor coisa que poderia acontecer para Dourados, pois além das explicações acima expostas, ficaria aberta a possibilidade imediata da abertura de novos cursos na área de saúde.

Com a palavra os nossos deputados federais e nossos senadores.

Amanhã falo da possibilidade da UEMS assumir a Santa Casa e, em seguida, apresento a ideia da Constituição de uma Fundação, que poderia surgir como solução paliativa para a administração do Hospital Universitário de Dourados.

O destino da Santa Casa de Dourados (II)⁵⁶

Em matéria publicada ontem, apontei várias razões pelas quais entendo que a Santa Casa deva ser administrada pela UFMS. Hoje, desejo demonstrar que a UEMS também tem algumas boas razões para assumir a administração da Santa Casa, mas, no entanto, esbarra num sério problema que praticamente inviabiliza essa empreitada, como veremos adiante.

A UEMS mantém em Dourados o Curso de Enfermagem que necessita de um Hospital Universitário onde possa encaminhar os seus alunos para o estágio. Assim sendo, a UEMS poderia administrar o Hospital e estabelecer um convênio com a UFMS no sentido de que os alunos do curso de Medicina o utilizassem.

Isso estaria perfeitamente enquadrado no espírito original do projeto da Cidade Universitária de Dourados que prevê a colaboração mútua entre as duas instituições públicas de ensino superior sediadas em Dourados e que, diga-se de passagem, estão edificadas num mesmo espaço físico.

Administrado pela UEMS a Santa Casa passaria a ser Hospital Universitário, gozando, por via de consequência de direitos a mais verbas públicas pelos serviços prestados ao SUS.

Mas, como dissemos, há um sério problema que praticamente inviabiliza que a UEMS assuma a administração direta da Santa Casa. Trata-se dos recursos financeiros. Sendo uma instituição estadual não

⁵⁶ Escrita em 19/03/2002, não encontrei comprovação de sua publicação. Postada em: www.biasotto.com.br

receberia nenhuma verba do Ministério da Educação para subvencionar os estudantes. Ademais os recursos da UEMS são repassados pelo governo do Estado da verba destinada à Educação. Portanto, salvo melhor juízo, haveria um deslocamento das verbas da educação para a saúde, o que significaria uma sangria insuportável para os cofres públicos estaduais.

Nesses termos, se não houver possibilidades da UFMS assumir o Hospital Universitário e não sendo viável que a UEMS o assuma, a saída estratégica para resolvermos essa questão, ao menos nesse momento é a criação de uma Fundação, de caráter público, constituída por representantes da UFMS, da UEMS, das Secretarias de Saúde do Estado e do Município, da SODOBEN das Entidades representativas e/ou Clubes de Serviços de Dourados.

Essa fundação, que poderia chamar-se Fundação Hospital Universitário de Dourados, poderia habilitar-se para receber verbas do SUS via Município, e do Estado, via Secretaria de Saúde. A própria Fundação contrataria o Administrador Geral do Hospital, o Administrador Clínico, enfim, os técnicos e funcionários necessários para o seu funcionamento.

Creio que essa última alternativa não esbarra em nenhum obstáculo de natureza técnica ou política, portanto, penso que é necessário agirmos com rapidez para que não se comece a colocar dúvidas sobre a viabilidade de execução do Projeto da Cidade Universitária (e dentro dela o curso de Medicina).

Volto a afirmar: Dourados comporta e merece a Cidade Universitária. A sociedade está, como sempre esteve, disposta a lutar por esse Projeto. Só espero que interesses menores não se interponham e inviabilizem o que está praticamente viabilizado.

A primeira faixa do curso de Medicina da UFMS/Dourados⁵⁷

Onze horas, se fosse, de um domingo sonolento. Acabara de ler “Quase Memória” de Carlos Heitor Cony. Olhos intumescidos, porque como bom descendente de italianos não poderia deixar de emocionar-me com a narrativa, embora mal pudesse conter certa indignação com o autor. Tinha quase certeza, desde o início da leitura, que o pacote não seria aberto, mas não ousaria apostar. Os romances são mesmo surpreendentes, aliás, quanto mais surpreendentes forem mais despertam a nossa atenção. Com “Quase Memória” não seria diferente, Cony é um autor enigmático. Em relação a ele nutro um sentimento que é um misto de repulsa e admiração que me intriga. Detesto o seu pessimismo e a sua assumida falta de posição política, mas não deixo de ler seis vezes por semana a sua crônica diária publicada na Folha de São Paulo.

Enquanto saboreava o final do livro e me deixava levar pelas asas da imaginação, minha mulher coloca na varanda, nas proximidades onde me encontrava, um laço e uma faixa enrolada.

Pego o laço e logo percebo o motivo de ter sido retirado do lugar onde repousava há mais de quinze anos: as traças. Felizmente o estrago fora pouco, insignificante. Conto a meu filho que foi o tio Honório quem trançou aqueles tentos transformando-os em laço ou em obra de arte. Mostro-lhe uma parte mais grossa e explico-lhe que não é um defeito e sim o afogador, ou seja, a parte que serve para fazer com que o laço não se arrebente quando distendido.

⁵⁷ Consta em meus arquivos que essa crônica foi escrita em 03/02/2004 e enviada para publicação em 11/03/2004. No entanto não encontrei comprovação de sua publicação. Postada em: www.biasotto.com.br

Bato com o laço no chão e vou me lembrando do galope ao vento, do laço rodopiando sobre a minha cabeça e a novilha rebelde que jamais licei.

Deixo o laço e abro a faixa. Surpreso com esse achado sorrio satisfeito e vou logo contando a sua história. Uma faixa histórica! Talvez só para mim, talvez para meia dúzia de estudantes que, por lê-la, prestaram o primeiro vestibular para o curso de Medicina no ano 2000 em Dourados.

Eis os dizeres que a faixa contém: “Vestibular Medicina – UFMS/Dourados – 03/03/2000 – Informações 421.7991”. Essa faixa foi estrategicamente colocada defronte ao Instituto de Educação Barão do Rio Branco, em Catanduva e lá ficou exposta enquanto se realizava o Vestibular/2000 para o Curso de Medicina da Fundação Padre Albino em Catanduva.

Ocorreu que visitando os meus pais em Catanduva tomei conhecimento de que mais de dois mil estudantes prestariam o Vestibular na Escola Barão do Rio Branco. Não tive dúvidas: mandei confeccionar a faixa anunciando o primeiro Vestibular/Medicina que realizaríamos em Dourados. Esperto? Oportunista? Abnegado? Ou, simplesmente, medo do fracasso?

Talvez me importe mais que definir sentimentos, saber que a faixa já completa os seus quatro anos de existência. Penso em doá-la para o Centro de Documentação Regional do Campus da UFMS/Dourados, mas a faixa em si talvez não diga nada, não signifique nada. Ela só tem valor pela sua história e a sua história está intimamente ligada ao medo que tive àquela época de que o primeiro vestibular da Medicina/Dourados não tivesse sucesso.

Ora uma faixa, um laço, um livro! Apenas memória, apenas história, talvez para indignar o leitor que perdeu o seu tempo imaginando um outro fim para essa crônica.

Quando o Reitor Chacha disse sim para a Medicina⁵⁸

Recém eleito, o governador de Mato Grosso do Sul, Zeca do PT, honrou Dourados instalando aqui o seu primeiro governo itinerante, no dia 27 de janeiro de 1999. Despachando da Reitoria da UEMS o governador recebia prefeitos da região, entidades de classe, enfim, abria o seu governo para as reivindicações de nossa região.

No espaço da vice-reitoria, que funcionava como antessala, um grupo numeroso aguardava a sua hora para a audiência. Tratava-se da Comissão Executiva pró-implantação da Cidade Universitária de Dourados, representando 72 entidades douradenses que haviam endossado o projeto em julho de 1998.

Inquieto por natureza, nesse dia devo ter atingido recorde de ansiedade. Duas questões me preocupavam sobremaneira. A primeira dizia respeito à reação do governador em torno do Projeto da Cidade Universitária. Sabia que a nossa força acumulada era muito grande. Não havia segmento da sociedade que não estivesse ali representado e defendendo o projeto, mas convenhamos normalmente se pede a um governante uma obra de asfalto, um estádio, um posto de saúde, uma estrada, e nós estávamos lá para pedir uma Cidade Universitária.

De qualquer forma estávamos preparados, todos sabíamos a hora e o que falar. Restava-me a segunda grande preocupação: qual seria a manifestação do Reitor da UFMS àquela época, professor Jorge João Chacha. Como diretor do Campus eu reivindicava insistentemente que

⁵⁸ Postada em 2004 em: www.biasotto.com.br

entre os novos cursos que seriam abertos em Dourados a partir de 2000 estivesse incluído o curso de Medicina.

Era um desafio enorme. Todos sabíamos das dificuldades que encontraríamos pela frente, mas sabíamos também que a Medicina poderia se tornar o carro chefe para atrair as demais ciências da saúde para o conjunto de ciências que constituem uma Universidade.

Naquela antessala superlotada a autoridade mais assediada era o Reitor Chacha. Todos os membros da Comissão pró Cidade Universitária, a meu pedido, o abordavam para dizer-lhe que queríamos a Medicina.

Num determinado momento Chacha conseguiu isolar-se num canto sentando-se em uma cadeira disponível. Eu o olhava à distância. Nunca vira o nosso Reitor tão ensimesmado. Experiente administrador não me restava dúvidas de que estava para tomar uma decisão importante. Confesso que fiquei apreensivo.

Felizmente fomos chamados para a audiência. Numa outra oportunidade, talvez em um livro que sonho escrever sobre a História do Campus de Dourados da UFMS, conto sobre os outros pronunciamentos desse dia. Em relação ao Reitor Jorge João Chacha devo dizer que foi o último a falar antes do governador. Voz tranquila, diante de uma platéia ansiosa, Chacha discorreu sobre o projeto da Cidade Universitária e concluiu dizendo que criaria o curso de Medicina em Dourados usando exatamente essas palavras: “finalizando, bato o martelo em relação à criação do curso de Medicina em Dourados”.

Era 27 de janeiro de 1999. Dada a palavra, Chacha cumpriu a sua parte. E não foi fácil, mas o curso de Medicina em Dourados foi criado, implantado e posto em funcionamento.

As cotas para estudantes universitários (parte I)⁵⁹

A resposta que temos à questão que nos tem sido formulada sobre as cotas para negros, índios e alunos egressos do ensino público nas universidades brasileiras segue em duas partes porque a questão é complexa, não é como se nos perguntassem o que tivemos no jantar. A compreensão para a criação das cotas deve ser buscada à luz de várias ciências: antropologia, geografia, história, psicanálise, sociologia e em outras fontes de conhecimento, como a religiosidade.

Partimos do conceito de existência de uma única raça: a humana. Essa raça por razões geográficas e climáticas foi se diferenciando em etnias, daí termos: asiáticos, brancos, índios e negros. Etnias com diferenças físicas, doenças congênitas, mas com potencial de inteligência semelhante.

Descartado o determinismo positivista, podemos afirmar que os diversos níveis civilizatórios e culturais das etnias – e das diversas civilizações que essas etnias construíram – são produtos do processo histórico. Significa dizer que a sucessão de acontecimentos, as transformações produzidas pelo ser humano em cada região do mundo é que geraram religiões, culturas e desenvolvimento econômico e social diferenciados.

No caso dos índios, descendem de povos asiáticos. Deixaram os seus ancestrais construindo as suas respectivas histórias e se atrasaram no processo civilizatório por perderem muito tempo (talvez séculos) vagando até se estabelecerem na América. No Brasil não chegaram sequer a constituir grandes impérios como o asteca, maia e inca. Os índios

⁵⁹ Publicada no Dourados News e Dourados Informa em 20/01/2009.

brasileiros, já sacrificados pela milenar migração da Ásia para cá, com a invasão branca, foram sufocados e, na sequência marginalizados, perderam possibilidades históricas de desenvolvimento econômico e a muito custo mantêm ainda que com sincretismos variados, a religião e cultura.

Os negros autóctones da África organizaram alguns impérios – a exemplo de Gana, Mali e Songai – mas o mais comum era a existência de tribos dispersas pelo imenso continente, em intermináveis contendas entre si. Assim como os índios, os negros tornaram-se presas fáceis dos brancos. Tratados como sendo seres sem alma perderam os laços familiares e tribais. Desestruturados, é quase um milagre que, também eles, como os índios, mantivessem traços de cultura e religião apesar de trezentos anos de escravidão.

Europeus e asiáticos ficaram praticamente isolados cada qual em seus continentes durante vários séculos e foram construindo as suas respectivas civilizações. No caso europeu que nos interessa neste momento, não foram poucas as agruras para se chegar a ponto de empreender as grandes navegações e, por via de consequência, a conquista da América. Passaram-se séculos para que fosse consolidada a civilização greco-romana, séculos para o seu desmoronamento, outros tantos séculos, durante a Idade Média, para a formação dos estados modernos.

O estágio civilizatório europeu por volta do ano de 1500 permitiu as grandes navegações, a conquista e subsequente colonização da América e de várias regiões da África. Ensaando os seus primeiros passos rumo ao capitalismo comercial, a Europa, mais ambiciosa do que a capacidade de seu contingente populacional para produzir riquezas, não teve escrúpulos em buscar mão-de-obra escrava na África para prover as suas colônias.

Tivesse o europeu quinhentista orientado a sua expansão diretamente para o Oriente a história da humanidade teria sido escrita de outra forma, mas o caminho do Oriente estava obstruído pelos árabes, restando-lhes a opção que conhecemos: África e América. Organizados

em reinos, treinados em muitas guerras, dominando armas de fogo, ao aportarem na América, os europeus tiveram uma superioridade incomensurável em relação aos locais. Fascinados pelo ouro, estonteados pela ganância, muito mais poderosos: conquistaram, dominaram, aprisionaram, escravizaram.

Esse processo de conquista e de submissão dos povos conquistados gerou o conceito de que índios e negros eram inferiores aos brancos europeus: os índios indolentes, os negros trabalhadores, mas subdesenvolvidos. Na Idade Média européia já se produzira o conceito de que as desigualdades sociais eram inevitáveis, o capitalismo Moderno aprofundou essa infundada crença. Somando-se o conceito de inferioridade das etnias negra e índia ao conceito de inevitabilidade da existência dos pobres temos o caldo ideológico pronto para justificar as desigualdades.

De tudo o que dissemos até agora desejamos evidenciar que o processo histórico gerou estágios civilizatórios diferenciados entre negros, índios e brancos europeus e esses, aproveitando-se de sua superioridade submeteram índios e negros a condições de inferioridade. De certa maneira a intromissão dos europeus interrompeu o processo civilizatório autóctone americano e africano de forma traumática.

Na segunda parte dessa crônica demonstraremos que os conquistadores da América e da África fabricaram uma ideologia para justificar a crueldade da dominação.

As cotas para estudantes universitários (parte II)⁶⁰

Na primeira parte dessa crônica esboçamos um quadro genérico sobre as condições históricas que levaram índios, negros e europeus a diferenciarem-se, a alcançarem estágios civilizatórios mais e menos complexos. Afirmamos que os conquistadores da América e da África, para justificarem a dominação criaram conceitos que, não obstante desvirtuarem a realidade foram aos poucos inculcados naquilo que chamamos de imaginário social (alguns dizem inconsciente coletivo), passando a serem vistos como reais.

Até mesmo muitos índios e negros perdendo a consciência política de sua liberdade e de sua própria pobreza, assimilaram o modo de pensar dominante, incorporaram a ideologia da casa grande e não a da senzala ou da oca. Quando vencem na vida, muitos renegam as cotas, não se reconhecem em Zumbi ou em Marçal Tupã I.

As elites, por sua vez, de tanto mistificarem os dominados acabaram mistificando-se também, achando todo o sofrimento desses povos coisa normal, obra divina. Um exemplo simples: nos tempos coloniais os escravos foram convencidos de que manga com leite fazia mal, logo não colhiam mangas, afinal a base da alimentação deles era o leite. Sobravam aos senhores então as mangas, poucas àquela época. A mistificação foi tão intensa que passados séculos ainda há muita gente acreditando que leite com manga faça mal. Transportemos esse exemplo banal para conceitos mais elaborados e profundos, como os de inconsciente coletivo e imaginário social e haveremos de perceber que o negro, o

⁶⁰ Publicada no Dourados News e Dourados Informa em 20/01/2009

índio, o jovem pobre da escola pública que encontramos na rua não é um ente isolado, é um indivíduo sim, mas que carrega consigo além das agruras das circunstâncias atuais, sofrimentos transgeracionais.

Devido a essa interiorização da ideologia dominante torna-se difícil desmistificar o conceito de inferioridade étnica e de pobreza, ao qual nos referimos na primeira parte dessa crônica. As falácias forjadas pela classe dominante acabaram se tornando verdades. Séculos e séculos se sucedem lentamente sem que consigamos demonstrar que todos possuímos potencial semelhante para o nosso desenvolvimento social, educacional, cultural e econômico.

Reconhecemos que são questões profundas, mesmo sendo científicas, temos dificuldades em compreendê-las. Que dizer então de questões religiosas, muito mais abstratas como os orixás, os encantados, as mandingas? Como haveremos de respeitar o *reko ete* (jeito de ser verdadeiro) ensinado aos Guaranis por Nhandejara (Nosso Senhor)?

O século 21 parece-nos promissor. Governos de todo o mundo empenham-se na implantação de políticas públicas que diminuam as desigualdades e o Brasil não é caso à parte. Ao contrário, procura caminhos curtos para chegar mais rapidamente ao desenvolvimento econômico e social. Assim nasceram políticas como as cotas e as bolsas de segurança alimentar.

Muitos discordam dessas políticas, no entanto parece-nos que a maioria concorda que as condições históricas de desenvolvimento de nosso país provocaram profundos desequilíbrios sociais, que há um abismo enorme entre ricos e pobres entre nós. Entre os pobres estão brancos, mas, principalmente índios e negros.

Dentre os que discordam das cotas, muitos dizem que o caminho para diminuirmos as desigualdades é cuidarmos do ensino fundamental. O ensino às nossas crianças de fato bem merece esse nome atual: fundamental. Do ensino fundamental é que se tem a base de tudo

o que aprendemos no restante da vida, no entanto não se pode usar o raciocínio de que se melhorando o fundamental, automaticamente garantiremos o ingresso de jovens negros, índios e pobres nas universidades. Por uma razão muito simples: o ambiente afetivo e cultural da infância de nossas crianças não é igual e, como na escola trata-se com igualdade crianças desiguais, as desigualdades se acentuam. Daí se infere que não seria no ensino fundamental o local apropriado para se garantir vagas nas universidades, mas em uma nova configuração da sociedade na qual a distribuição mais justa da renda tornaria os ambientes afetivos e culturais de nossas crianças menos discrepantes. Somente tratando com desigualdade aos desiguais, dando mais aos que tem menos, construiremos um século 21 mais justo.

Tomo outro exemplo para justificar a necessidade de lutarmos pelo fim das desigualdades: nossa geração, embora não tenha feito a enorme dívida de nosso país, tem como líquido e certo que dívida tem que ser paga, não é? Ora, é só transferir esse raciocínio ao social e cultural e haveremos de convir que temos de pagar essa enorme dívida com os pobres, negros e índios. As cotas são mais que um acerto de contas com o passado. São atalhos para um futuro melhor.

Matéria na Folha de São Paulo do início de dezembro de 2008 diz que “entre 2001 e 2008, 52 mil vagas foram oferecidas em 48 escolas que adotaram políticas de ações afirmativas em benefício de alunos da rede pública, negros e índio. Passaram-se sete anos e até hoje não apareceu um só episódio ou estudo relevante capaz de desqualificar essas políticas”. Aqui em Dourados, o pioneirismo da UEMS já deu resultados positivos, trabalho da profa. Maria José J. A Cordeiro mostra que “as cotas melhoram a qualidade de ensino na Universidade”. Diz a professora: “as cotas são consideradas medidas de reparação, compensação e de inclusão sócio-cultural”. Os cotistas, portanto, não tem nada que se envergonhar. Os brancos é que deveríamos nos desculpar diante deles em nome de nossos ancestrais. No mesmo caminho da UEMS a

UFGD aprofundou o sistema de cotas admitindo, conforme legislação federal, a inclusão de 25% de oriundos do ensino público na Universidade.

Temos tantas coisas boas nesse país, inclusive o melhor sistema eleitoral eletrônico do mundo. Por que deixarmos passar a oportunidade de termos também o sistema social mais justo do mundo?

Em tempo: A UEMS recebeu o prêmio Camélia da Liberdade pelo sistema de cotas implantado a partir de 2003.

As inaugurações na UFGD⁶¹

A inauguração de novos edifícios para pelo menos seis das faculdades que integram a UFGD e mais uma piscina olímpica, que ocorre nessa sexta-feira, 27 de março de 2009, é motivo de júbilo para toda a população de Dourados e da região porque, além de representar um investimento federal significativo de 17 milhões em nossa cidade, representa também a concretização, a materialização de uma nova fase do desenvolvimento técnico, científico, educacional e cultural desse pedaço de nosso Mato Grosso do Sul.

A história dessa jovem Universidade começou a ser escrita no início dos anos de 1970. Dourados, àquela época, ansiava por uma faculdade de agronomia e, para tanto, Wlademiro Muller do Amaral doou a quadra onde hoje se encontra a reitoria da UFGD. Nesse local o governo do Estado realizou as edificações necessárias e passou para a UEMT (Universidade Estadual de Mato Grosso) a responsabilidade de abrir o curso. Em 1971, houve a inauguração, mas ao invés do sonhado curso de agronomia, começaram a funcionar os cursos de Letras e Estudos Sociais (que na verdade deveriam ser História e Geografia). Na placa alusiva à inauguração, até hoje existente, o observador atento poderá notar que há uma linha rasurada. Embaixo dessa rasura lia-se Faculdade de Agronomia.

Essa frustração dos anseios dos douradenses deveu-se à política da reitoria daquela época que somente tinha olhos para o campus de Campo Grande, o que, ademais, salvo honrosas exceções, foi a tônica

⁶¹ Publicada no Dourados News e Dourados Informa em 29/03/2009

ao longo da história de relacionamento entre a Reitoria (em Campo Grande) e o Campus de Dourados até a separação.

De qualquer forma estava implantado o ensino superior em Dourados com o funcionamento dos cursos de Letras e Estudos Sociais. O curso de Estudos Sociais (filho espúrio do regime militar) com o passar do tempo cedeu lugar aos cursos de História (1973) e Geografia (1983) que até hoje funcionam, inclusive com programas de mestrado. Da mesma forma, o curso de Letras, o mais antigo curso superior implantado em Dourados, segue prestando relevantes serviços à região, oferecendo também o programa de mestrado.

O campus de Dourados da então Universidade Estadual de Mato Grosso era denominado Centro Pedagógico de Dourados em vista de ter sido estabelecido para formar professores para a região. Esse objetivo foi muito bem realizado e até hoje o antigo CPD continua formando docentes. Mas, a partir de 1978, após a implantação do Curso de Agronomia – uma luta vigorosa da sociedade douradense, com o apoio muito forte do então prefeito José Elias Moreira – passou a chamar-se Centro Universitário de Dourados (CEUD).

Em 1996, houve uma mudança no Estatuto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (antiga UEMT) para adequá-lo à nova Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira. Então o CEUD, oficialmente passou a ser Campus de Dourados da UFMS.

Finalmente, em 2005, o sonho e a luta, inicialmente de alguns professores – no final dos anos de 1970 – e depois do conjunto das forças vivas de nossa cidade, acabaram encontrando-se com o projeto de expansão do ensino superior do governo Lula e foi criada a Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

Portanto, nesse dia em que são inauguradas essas novas edificações temos muito a comemorar, a começar pela história de lutas – dos docentes, alunos, funcionários e sociedade douradense. Não menos

importante é recuperar a história da implantação da UFGD por uma equipe jovem, vibrante e, principalmente, capaz, com a visão de que a Universidade deve sim formar profissionais nas diversas áreas do saber, mas deve também promover a pesquisa e a extensão pensando no desenvolvimento local, regional e nacional. Os alicerces dessa obra são sólidos e, certamente, definirão os rumos da instituição no futuro. A solidez do alicerce determina a qualidade da construção.

Particularmente, entendo que a história do desenvolvimento de Dourados pode ser contada a partir de três eixos básicos: a criação da Colônia Agrícola Nacional, a grande vaga migratória de finais de 1960 e início de 1970 e a criação da UFGD.

Os reflexos da implantação da Colônia Agrícola Nacional e da Expansão da fronteira agrícola dos anos 1970 são conhecidos. Em relação à UFGD já temos muitas e boas consequências, mas a melhor está por vir: trata-se de um novo impulso – quicá de um novo modelo – para o desenvolvimento de nossa cidade e região.

E, se a UFGD, UEMS, UNIGRAN e a ANHANGUERA, cada qual com sua importante parcela de contribuição já comprovadamente prestada, mantiverem o discernimento que vêm demonstrando, trabalhando em parcerias e promovendo conjuntamente eventos que pensem o modelo de desenvolvimento de nossa cidade e região, com certeza, teremos um futuro promissor.

Em torno da criação da UFGD⁶²

Na sexta-feira próxima passada, dia 27 de março, participei dos atos de inauguração da UFGD onde recebi calorosos cumprimentos de meus ex-colegas professores e funcionários pela minha participação no processo que culminou com a criação dessa promissora universidade brasileira. Acompanhei atentamente os discursos proferidos pelas autoridades chamadas a fazer o uso da palavra na solenidade e fiquei muito satisfeito com a lembrança de meu nome nas falas do Reitor Damião, deputado Biffi e senador Delcídio. Digo dessa minha satisfação porque a criação da UFGD foi a mais prolongada articulação política que realizei ao longo de minha vida e acompanhei detalhadamente todos os passos que foram dados para esse importante empreendimento.

Embora a luta pela UFGD remonte ao final dos anos de 1970, somente consegui documentos a partir de 1982, um tímido artigo que escrevi para o jornal Enfoque. Esse dossiê foi engrossando com o passar do tempo até se tornar um calhamaço enorme que brevemente doarei ao Centro de Documentação Regional, órgão que criamos em 1983 no CEUD e que cumpre até hoje na UFGD, importantíssima missão de guardar documentos regionais.

A última fase da luta pela implantação da UFGD teve início em 2003. Nesse ano deixei de exercer o mandato de vereador a chamado do prefeito Tetila para ocupar a Secretaria de Governo na Prefeitura Municipal de Dourados. A única exigência que fiz foi que o prefeito me permitisse aprofundar a articulação pela criação da UFGD e que ele

⁶² Publicada no Dourados News e Dourados Informa em 04/04/2009

próprio – que tanto já havia lutado para esse fim, inclusive quando a sua esposa, Zonir Freitas Tetila, fora diretora do CEUD – voltasse a se empenhar nessa luta.

Tetila atendeu-me. Articulei-me então com dezenas de colegas e preparei terreno para no dia 03 de março participarmos da reunião do Conselho do CEUD apresentando a seguinte proposta: nós trabalharíamos a questão política e o CEUD organizaria uma comissão para fazer um novo projeto técnico pois os dois primeiros entregues ao MEC em anos anteriores haviam desaparecido e, afinal, estavam mesmo superados.

Com a proposta aprovada, contatei com o senador Delcídio que, agradecido pelo meu apoio firme ao seu ingresso nas fileiras do PT, atendeu rapidamente ao meu pedido e já no dia 12 de março, portanto, apenas nove dias após a nossa estada no Conselho do CEUD, fez-se presente na Unidade II, onde, no anfiteatro da Agronomia assumiu o compromisso de entrar na luta pela implantação de nossa Universidade.

Nós já tínhamos um bom time. A sociedade organizada de Dourados e da região já atendera várias vezes ao nosso chamamento para transformarmos o CEUD em UFGD e manifestara-se favoravelmente em cartas abertas, o prefeito Tetila, apoiador do Projeto desde o seu início, estava firme, o então deputado João Grandão também, pois conhecia o projeto desde que fora nosso aluno na Universidade nos meados dos anos de 1980. O Deputado Biffi, atendeu de olhos fechados ao nosso chamamento porque ele também participara conosco efetivamente da luta pela UFGD no início dos anos de 1980, quando era presidente do atual SIMTED. Na qualidade de coordenador da bancada de Mato Grosso do Sul no Congresso Biffi teve um papel importante, convocando toda a bancada para reuniões importantes, especialmente no Ministério da Educação.

Deve ressaltar-se também o papel fundamental do governador Zeca do PT que estava conosco desde 27 de janeiro de 1999 quando a

professora Leocádia e eu reunimos o Comitê pró-Cidade Universitária, ocasião em que as forças vivas de Dourados fizeram saber ao governador que aquele era o nosso mais importante Projeto.

Relembrando essa reunião de 27 de janeiro de 1999, faço um parêntese, para trazer para essa história a figura mágica do professor Jorge João Chacha, Reitor da UFMS àquela época. Chacha era meu aliado de primeira hora para que o CEUD fosse transformado em UFGD, ele tinha consciência de que a UFMS estava sofrendo de uma hipertrofia e que, portanto, era melhor dividir para melhorar. Foi nesse memorável 27 de janeiro de 1999 que o professor Chacha firmou publicamente o compromisso que tinha assumido comigo de criarmos o curso de Medicina em Dourados.

E o que a Medicina tem com a UFGD?

Nós sabíamos perfeitamente bem que a UFMS não daria conta de tocar dois cursos de Medicina. A UFGD seria uma necessidade a partir dele. Tanto é verdade que o Reitor Però, que sucedeu Chacha na UFMS, juntamente com algumas outras figuras nefastas tentaram acabar com o curso.

Estivemos em Brasília muitas vezes para tratarmos com a banca e com Ministros sobre a criação da UFGD, mas o passo decisivo foi quando Zeca, Delcídio, João Grandão, Tetila, Biffi, Damião e eu estivemos no gabinete do presidente Lula e ele definitivamente autorizou o Ministro da Educação a mandar o projeto para o Congresso.

Mas, o espaço para uma crônica é pequeno. Volto então ao dossiê. Em 2003, o dossiê sumiu-me por alguns meses caindo em mãos de pessoas que apropriaram-se da rica história ali contida e passaram a desvirtuar dados e fatos.

O fato mais concreto do uso desses dados materializa-se na afirmação de que a iniciativa pela criação da UFGD cabe ao deputado Sérgio Cruz que em 1983 apresentou projeto Legislativo para a criação

da referida Universidade. A verdade é que eu convidei o Sérgio, por intermédio do deputado constituinte Sultan Rasslan, para vir a Dourados fazer um debate sobre a UFGD e um grupo de professores do CEUD, incluindo o Tetila, Kiyoshi, Geraldini, Zonir, dentre outros, lhe pediu para tomar a iniciativa de um projeto Legislativo. O próprio deputado Sérgio Cruz já esclareceu que a iniciativa não foi dele. Mas nada adianta: utiliza-se da velha técnica nazista de Goebells em contar mil vezes uma mentira até que ela se torne verdade.

Pequena história da História⁶³

Brinco com o título para dizer que história, ciência, escreve-se com h minúsculo e História, nome de um curso acadêmico, escreve-se com H maiúsculo. Coisas de nosso vernáculo. O que desejo com essa crônica, no entanto, é coisa séria: registrar a importância de termos em nossa cidade um curso que contribuiu sobremaneira para a formação de massa crítica, imprescindível para o nosso desenvolvimento sustentável.

Criado em 1973, o curso de História é o segundo mais antigo da região de Dourados; o primeiro, Letras, foi criado dois anos antes, em 1971. Em 2008, portanto, o curso de História completou 35 anos, sendo que as comemorações encerraram-se no dia 3 de abril de 2009, no anfiteatro da Unidade II da UFGD. Nesse dia houve também a comemoração dos 25 anos de existência do Centro de Documentação Regional, órgão que tive a felicidade de criar em 1983 e que já possui um extraordinário acervo que foi enriquecido com nada menos do que nove obras lançadas pela editora da UFGD por ocasião dessas comemorações.

Voltando à importância da história. Sim, meu caro amigo leitor, a história tem importância fundamental na vida das pessoas, embora muitos digam, parafraseando o que já se disse também a respeito da filosofia, que a história é uma ciência tal que com ou sem a qual o mundo resta tal e qual. Nesse sentido jamais me esqueço da expressão de minha mãe quando cheguei em casa ostentando orgulhosamente a minha matrícula para o vestibular de História em 1969. História, meu

⁶³ Publicada no Dourados News e Dourados Informa em 05/05/2009

filho? Perguntou-me ela como quem gostaria de dizer: para que serve a história?

Entendo história como sendo todo o processo de transformação ocorrido com mediação humana, no entanto, não me esqueço dos ensinamentos do velho mestre Collingwood que nos afirmava que a história é o estudo do passado para se compreender melhor o presente e se ter uma visão do futuro. Uma definição ainda válida, se entendermos o passado separado do presente apenas por um átimo, um instante, um abrir e fechar de olhos e se tivermos também em conta que uma visão que se faça do futuro não pode ser considerada como coisa certa, afinal, a história não se presta às profecias.

Pois bem. Ao estudar história, os alunos passam a ter um conhecimento muito amplo, conseguem fazer uma leitura clara do mundo, do país e de sua própria cidade, pois passam a entender comportamentos, culturas, doutrinas religiosas, sistemas políticos, sociais e econômicos vigentes ou já desaparecidos. Conhecem mais, pois aprendem as teorias da própria história, o que lhes ensina o ato de reflexão. Refletir é pensar o que já foi pensado (mesmo que por nós próprios), ou seja, é um pensar profundo, um pensar maduro.

Nesses seus trinta e cinco anos de existência o curso de História formou milhares de professores que atuam em nossa cidade (e região) disseminando o aprendizado da história. Não a história oficial, do amontoado de nomes e datas a serem decoradas, mas a história que leva à compreensão de como e porque somos o que somos. Como um efeito dominó, os professores formados foram formando os seus alunos dentro desses princípios e, dessa maneira – sem nos esquecermos de dezenas de outros cursos superiores que também abrem à visão dos alunos – é que temos uma massa crítica capaz de elevar o Índice de Desenvolvimento Humano de nossa cidade (e região) a níveis invejáveis.

Ao participar das comemorações dos trinta e cinco anos do curso de História em Dourados tivemos juntamente com os professores An-

tonio Luís Lachi e Irene Nogueira Rasslan, a oportunidade de relatar aos acadêmicos e aos novos professores do curso, as dificuldades que superamos nos primórdios do curso. Alegrei-me nessas comemorações não somente pela distinta homenagem que recebi, mas em (re)encontrar Doralice Carneiro de Paula e pela sua imagem lembrar-me de todos os alunos da primeira turma. Comoveu-me ouvir a professora Ceres Moraes, hoje dirigente da UFGD, destacar a importância do curso na formação política de várias gerações e afirmar com convicção que “o aprendizado no curso não foi apenas através do estudo acadêmico ou de discursos, mas de uma prática constante de defesa da democracia e da liberdade de expressão bem como no engajamento dos professores e alunos nos diversos movimentos sociais e políticos que então lutavam contra a ditadura e por uma sociedade justa e igualitária”.

Uma crônica para Ledenice⁶⁴

Em seu leito no Hospital do Servidor Público, em São Paulo, onde buscava a recuperação de sua saúde, ela leu “Dourados”, no crachá de identificação do médico residente que a cuidava. Você é de Dourados? Conhece o professor Wilson Biasotto e o professor Valdeir Justino?

Sou de Catanduva, respondeu o médico, mas estudei Medicina em Dourados e fiquei hospedado na residência do professor Biasotto no início do curso. Conheço também toda a família do professor Valdeir, pois estudei com o seu filho Thiago.

O Thiago, da Shirley e do Valdeir! Eu o embalei quando era recém-nascido. Gostaria de ver ao menos uma foto dele. E já não pôde mais falar porque a voz foi lhe sumindo para que os olhos falassem através das lágrimas.

Evandro cuidou para que a foto do Thiago fosse mandada via internet e talvez ainda tenha tempo de transmitir-lhe o meu fraterno abraço.

Ah! Esse mundo tão grande, como pode se fazer pequeno para permitir a construção de enredos tão comoventes!

Eu a conheci em 1975, talvez 76. Cursava o programa de Mestrado da Universidade de São Paulo e, como naquela época a nossa Universidade não concedia afastamento para capacitação e nem bolsa, viajava toda a semana para a capital paulista.

⁶⁴ Escrita em 2006, foi postada em: www.biasotto.com.br. Com certeza foi postada também em jornais virtuais de Dourados, mas não encontrei comprovação.

Foi nessa circunstância que o então diretor do CEUD, hoje UFGD, Milton de Paula, entusiasmado com a possibilidade de contratação de uma mestra, tão difícil naqueles tempos, pediu-me se eu poderia trazer a professora Ledenice Damásio da Silva para Dourados. Eu iria de ônibus e voltaria guiando o Karmann-Ghia da futura colega.

Encontrei-me com Ledenice na USP e ela muito amavelmente dispensou os meus préstimos. Disse-me que uma amiga gostaria de conhecer Dourados e que, portanto, viriam juntas, num outro dia. Compreendi perfeitamente as razões da professora e o nosso primeiro encontro não teria sido constrangedor se eu tivesse dinheiro para a passagem de volta. Não tinha. Tive que lhe pedir emprestado.

Tornamo-nos amigos, morávamos vizinhos, no BNH 1º Plano. Ledenice tivera uma formação clássica invejável da qual me socorri diversas vezes, inclusive na tradução de um texto em francês arcaico que, embora curto, quase nos pôs à beira do estresse: “Letere du Duc de Gloucester au Roi de Bourges”. Cito essa passagem porque Ledenice não era a única que dominava o francês, no entanto, vários professores que conheciam bem essa língua, nem sempre conheciam o período histórico em pauta, dentre elas, a professora Maria Helena Boschilla, uma outra personalidade brilhante que trabalhou no CEUD nos anos 70.

Ledenice parecia ter-se adaptado bem em Dourados, apesar de nossa cidade, àquela época, ser ainda pequena e sem os recursos culturais e literários que dispunha em São Paulo. Mas, com o tempo, passou a dizer que queria voltar para a sua terra, não São Paulo, sua terra mãe: a África.

Demitiu-se e partiu. Só agora temos notícias. Não realizou o seu sonho que talvez tenha até desvanecido.

Quantos pensamentos devem passar pela cabeça de uma intelectual tão brilhante enquanto aguarda a morte? Não posso imaginar. Compreendo apenas as suas lágrimas, são de saudades, são de amizade.

Não importa se não nos vimos mais, as amizades nós não a medimos pelo tempo em que passamos juntos, mas pelo afeto que guardamos em nossos corações.

Colegas e alunos da professora Ledenice Damásio da Silva carregarão consigo um pouquinho dela. Ah! E eu que me assustei quando dez ou quinze anos atrás ouvi a professora Ana Maria Domingues dizer-se triste porque estamos enterrando os nossos pais, agora me surpreendo com a partida de nossos próprios colegas.

Daiane, Nando e a primeira turma de Medicina/Dourados⁶⁵

Pode parecer que foi ontem, mas já se vão seis longos e laboriosos anos desde que cerca de 3500 vestibulandos lotaram os hotéis de nossa cidade, o que levou muitas famílias douradenses a acolher os jovens vindos de todos os Estados da federação, trazendo em seus corações a esperança de ingressar em nosso recém criado curso de Medicina. Vestibulandos de Dourados também eram numerosos, mas compreensivos com a natural concorrência externa.

No entorno desse vestibular todos os cuidados foram poucos. Foi montado graças à experiência da COPEVE (Comissão Permanente de Vestibular) e da atenção do reitor Jorge João Chacha, um esquema de segurança jamais operacionalizado em nossa cidade para vestibulares e que contou com o apoio logístico e tecnológico da Polícia Federal e dos Órgãos de Segurança Pública Estadual, além evidentemente de todo o aparato da própria UFMS.

No sentido figurado emprestado ao termo podemos dizer que Dourados estava efervescente nesse dia e pairava sobre os seus habitantes um sentimento alegre de conquista. A sociedade inteira podia rejubilar-se, pois de alguma forma, todos nos sentíamos um tanto responsáveis pela abertura desse importante curso.

Passado o vestibular sobreveio a expectativa dos participantes, uma ansiedade que não se torna pública e notória, mas que domina cada lar; por outro lado, a satisfação dos dirigentes universitários com

⁶⁵ Escrita em 2006, foi postada em: www.biasotto.com.br

o estado de plena normalidade no maior vestibular até então realizado em Dourados.

E veio o resultado trazendo alegrias e renovação de esperanças. Veio o curso, duro, puxado. Vieram os obstáculos naturais, previsíveis, assim como vieram também os empecilhos gerados pelas mentes pequenas e egoístas que, infelizmente, nunca faltam. Em compensação não faltou também apoio, força de vontade de alunos, professores, políticos, enfim a luta das forças vivas de Dourados.

Se no contexto geral a caminhada foi árdua, individualmente muitos estudantes tiveram dificuldades enormes, não obstante o curso ser público e gratuito. Que esses estudantes não saiam dizendo “eu venci, vença você também”, mas que tenham aprendido com o seu sacrifício e possam dizer: “eu sofri para vencer, por isso farei o que me for possível para que o meu próximo não precise aprender com a dor”.

Mas, afinal, num misto de sacrifício, lutas, frustrações e vitórias, temos uma primeira grande conquista: 9 de março, é o dia da formatura da primeira turma, que será imortalizada na história do curso de Medicina de Dourados, pela maturidade na condução de sua luta.

Ao receber os convites para a solenidade de colação de grau de Daiane Pereira Guimarães e Luís Fernando Azambuja, dois, dentre os quatro douradenses dessa primeira turma, confesso com uma ponta de orgulho que mal consigo disfarçar, que não terei nenhum receio em entregar-lhes as doenças que meu corpo eventualmente contraia aos seus cuidados.

A UEMS e os compromissos do governador⁶⁶

Notícia do Dourados News, publicada em 6 de fevereiro de 2006, dá conta de que o governo Zeca pretende transferir a UEMS para Campo Grande. Se o governador do Estado fez compromisso de ampliar o ensino universitário público estadual para a capital, penso que tem mais é que cumprir. Afinal, o próprio governador, em seu início de carreira sempre dizia que não fazia promessas, que assumia compromissos. Agora, com todo o respeito, desejo expressar a minha opinião, e vou adiantando que embora não tenha poder político em minhas mãos para interferir nesse processo, tenho autoridade de cidadão que foi para debaixo do semáforo fazer campanha para Zeca ser o governador desse Estado. E, sem falsa modéstia, não fui como um cabo eleitoral, mas como pessoa respeitada pelo muito que trabalhei pelo ensino superior de Dourados. Falo com a autoridade de quem guardou o seu diploma de doutor na gaveta e foi para as ruas distribuir propaganda eleitoral com o intuito de dar exemplo e motivar a militância a eleger um governador com o qual pudéssemos contar, especialmente porque acreditávamos que um novo Mato Grosso do Sul era possível de ser construído.

Não me arrependo um milímetro de ter lutado com tanta intensidade, mas pelo tom de desabafo desse início, o leitor já deve ter percebido que não está me agradando absolutamente nada a ideia de se transferir a UEMS para Campo Grande. A UEMS é uma conquista de Dourados, tem uma história que tem que ser respeitada. Sou também absolutamente contrário à abertura de um Campus da UEMS em Campo Grande porque não iriam dois ou três anos e perderíamos a

⁶⁶ Escrita em 2006. Não encontrei comprovantes de sua publicação.

Reitoria para a Capital. Se hoje, com o alinhamento político as coisas estão difíceis, imagine a guerra no dia em que não houver alinhamento.

Por outro lado, sou absolutamente favorável à expansão do ensino público superior e estou muito satisfeito com o fato de o presidente Lula ter aberto várias Universidades Federais, inclusive a UFGD, que contou, inclusive com boa parcela de esforço do governador. Então, como resolver a questão?

A minha sugestão é que o governador seja ousado e crie a Universidade Estadual de Campo Grande. O Mato Grosso do Sul inteiro ficará satisfeito e a capital, sentir-se-á orgulhosa. Não precisa construir um elefante branco. Siga o exemplo da UEMS, crie a Universidade, abra uns poucos cursos que não necessitem investimentos muito pesados para começar, depois, com o passar do tempo a Universidade Estadual de Campo Grande crescerá, como aconteceu com a UEMS até ser reconhecida nacionalmente, como a UFMS, ou ainda como cresceu o campus de Dourados da UFMS até se transformar em UFGD.

Que o governador Zeca não perca a sua ousadia, não perca a sua coragem e não perca a sua capacidade de discernimento nessa hora. Tenho a certeza que Dourados ficará feliz com a criação da Universidade Estadual de Campo Grande, mas não permitirá que a UEMS seja transferida, jamais.

Vou além, para dizer que o Estado de Mato Grosso do Sul deveria estabelecer uma estratégia de expansão do ensino público superior, pensando de imediato, além da criação da Universidade Estadual de Campo Grande, na transformação dos *Campi* de Corumbá e de Três Lagoas da UFMS em Universidade Federal do Pantanal e Universidade Federal do Bolsão, respectivamente. Ganhariam o Mato Grosso do Sul, o Centro Oeste e o Brasil.

Algumas metas para o Projeto Cidade Universitária⁶⁷

Uma ideia praticamente consagrada pela sociedade local e regional é a de que o Projeto Cidade Universitária de Dourados tem como objetivo unificar o ensino público superior de Dourados num mesmo espaço físico, possibilitando a cooperação mútua entre a UEMS e a UFMS, muito embora já se tivesse pensado na hipótese da criação de uma Universidade Federal da Grande Dourados, através da fusão da UEMS com o Campus de Dourados da UFMS.

Hoje, ao que tudo indica, o melhor mesmo para Dourados e região seria a manutenção da UEMS, reforçando o seu crescimento e as iniciativas que esta instituição vem desenvolvendo no campo do ensino e da pesquisa, principalmente com a criação de programas de pós-graduação.

No que diz respeito ao Campus de Dourados da UFMS, ressaltamos inicialmente que os seus 32 anos de existência resultaram no amadurecimento da instituição, que cresceu, não somente na base, com o oferecimento de 12 cursos de graduação, mas também verticalmente, com o oferecimento de cinco programas de mestrado, se considerarmos, além de Agronomia, História, Entomologia e Recursos da Biodiversidade e Geografia, o oferecimento de uma linha de pesquisa no programa de mestrado em Letras.

⁶⁷ Crônica em co-autoria com Laerte Tetila. As metas que constam dessa crônica foram apresentadas ao Conselho de Campus do CEUD/UFMS, como ponto de partida para a retomada da luta em prol da criação da UFGD. Escrita em 06/04/2003, foi postada em: www.biasotto.com.br

Além dos programas em nível de mestrado, tivemos recentemente a criação do doutorado em Agronomia, o primeiro no Mato Grosso do Sul que caminha independentemente de parcerias com outras instituições.

Num curto espaço de tempo pode-se ainda trabalhar com a perspectiva de se criar o doutorado em História e o mestrado em Educação.

A rigor, esse conjunto de fatores positivos nos dá a certeza de que o Campus de Dourados da UFMS já está suficientemente preparado para transformar-se na Universidade Federal da Grande Dourados. E na hipótese de se cogitar que ainda assim não se preencham totalmente os requisitos exigidos pela nova LDB (Lei de Diretrizes de Base), cabe a pergunta: qual a Universidade brasileira que nasceu tão forte?

Embora se admita que alguns cursos de graduação do Campus de Dourados da UFMS estão vivendo ainda problemas sérios (pela falta de estrutura física, laboratórios e professores, acreditamos que isso não invalida o objetivo maior, muito pelo contrário. Com a transformação do Campus da Federal em Universidade Federal da Grande Dourados, é possível que o caminho para a solução dos problemas dos cursos de graduação se torne bem mais curto.

Na verdade, a administração central da UFMS, sediada em Campo Grande, esgotou todas as possibilidades de manter o crescimento harmônico de seus diversos *Campi*, já que os recursos são finitos e as demandas infinitas. Acrescente-se, ainda, como agravante das dificuldades da Universidade Federal, a recente criação dos *Campi* de Coxim e Paranaíba.

A Universidade Federal, como todos sabem, mantém três grandes centros em sua sede, e os *Campi* de Aquidauana, Corumbá, Coxim, Paranaíba, Três Lagoas, Ponta-Porã e Dourados. E, na hora das decisões, votadas em Conselho, todos os Centros da capital e *Campi* do interior, têm o mesmo peso. Logo, para a distribuição de qualquer recurso, financeiro, qualquer autorização para a contratação de profes-

sores, ou qualquer outra decisão não se tem considerado a importância demográfica e econômica da região de Dourados.

Em face de todas essas questões levantadas, pretendemos encaminhar nossas ações no sentido de criarmos a Universidade Federal da Grande Dourados e, para tanto, precisamos, concomitantemente:

1. Contar com o apoio do Conselho de Campus da UFMS/Dourados, da UEMS e da Comissão Pró-Cidade Universitária, constituída por 72 entidades;
2. Iniciar as negociações com o Reitor da UFMS, que já manifestou o seu apoio ao Projeto;
3. Constituir uma Comissão de Transição para o encaminhamento das ações;
4. (Re)apresentar o Projeto para a bancada federal de Dourados (Deputados João Grandão, Geraldo Resende e Murilo Zauith);
5. Ratificar o apoio do Governador Zeca e do Senador Delcídio do Amaral;
6. Buscar o apoio integral da bancada federal de Mato Grosso do Sul;
7. Finalmente, com toda essa base, estabelecer as estratégias e táticas para a busca de cada objetivo e culminar com a obtenção do apoio do Ministro da Educação e do Presidente da República.

Com fé, trabalho, vontade política, esse projeto pode ser viabilizado rapidamente e mantendo-o ligado ao Projeto da Cidade Universitária de Dourados, poderemos seguir com a estratégia de consolidarmos Dourados como pólo universitário, uma vez que as instituições particulares de ensino terão espaço para criar ou ampliar os seus respectivos *Campus*.

A UFGD e os limites da tolerância⁶⁸

O desmembramento do Campus de Dourados da UFMS é um projeto que já completou o seu jubileu de prata. Há vinte e cinco anos essa discussão já se realiza primeiro num âmbito restrito a meia dúzia de professores do CEUD, depois as discussões ganharam corpo, especialmente no início da década de 80, ao mesmo tempo em que se debatia a criação da UEMS; em seguida, das discussões teóricas passou-se à prática e, ao longo dos anos 80 e início dos 90, pelo menos três grandes tentativas de concretizar esse projeto foram feitas.

A primeira foi por iniciativa do Deputado Sérgio Cruz, que a nosso pedido e com o apoio de Sultan Russlan, deu entrada ao Projeto de Lei nº 1320, que autorizava o Poder Executivo a instituir a “Fundação Universidade Federal da Grande Dourados”.

Frustrada essa tentativa, porque a criação de Universidades costuma ser uma iniciativa do Executivo, em 1987 houve uma grande movimentação encabeçada pela Associação dos Docentes da UFMS, Regional de Dourados, que colheu mais de 2000 assinaturas e dezenas de manifestos de entidades de classe, sindicatos e clubes de serviços da região em apoio ao Projeto. Esse movimento conquistou o apoio do Reitor da UFMS, Jair Madureira que colocou o Projeto na Pauta do Conselho Universitário (órgão máximo da Universidade), sendo ele aprovado e encaminhado ao MEC (Resolução 8 de 20 de abril de 1988).

Em 1991, novo encaminhamento do Projeto pelos docentes do CEUD, era Reitor Fauze Gataz que chegou a fazer um pronunciamento

⁶⁸ Escrita em 17/08/2003, não encontrei comprovação de sua publicação.

público favorável ao projeto. Esse pronunciamento foi publicado no “Jornal da Universidade”, nº 54, em outubro de 1991.

Esses dois últimos encaminhamentos também não obtiveram sucesso porque permaneceram restritos ao âmbito interno da Universidade, não obtiveram o respaldo político tão necessário ao encaminhamento de Projetos de grande envergadura.

Veio a UEMS. Precedendo a sua implantação em 1994 houve um acordo, intermediado pelo Reitor Celso Pierezan, entre os que defendiam a transformação do CEUD em UFGD e os que defendiam a criação da UEMS: a Universidade Estadual seria construída em terreno pertencente à Universidade Federal com a expectativa de que assim, num futuro próximo, com a unificação CEUD/UEMS vingasse, finalmente, a ideia da UFGD.

No entanto essas definições não foram combinadas com os quadros da UEMS, que nem formados estavam àquela época, e muito menos com as administrações futuras do Mato Grosso do Sul. Nessas condições, tanto o CEUD como a Universidade Estadual foram construindo, cada qual a sua história, não se pensando necessariamente numa fusão. Mas, de qualquer forma, independentemente da fusão das duas instituições, nasceu um dos maiores projetos já elaborados para a região de Dourados, o Projeto da Cidade Universitária de Dourados, oficializado em 2 de julho de 1998, quando, no anfiteatro da UEMS, a Reitora Leocádia Aglae Petri Leme e o autor desse resumo histórico, o apresentaram às 72 entidades presentes.

É indiscutível o avanço do Ensino Público Superior em Dourados com o Projeto da Cidade Universitária, mesmo porque ele conseguiu unanimidade entre as forças vivas e as diversas facções políticas. Esse avanço, esse crescimento, levou tanto ao fortalecimento da UEMS como do CEUD, o que significa dizer que a fusão das duas instituições torna-se impraticável, cada qual pode seguir o seu caminho, sem, no entanto perder de vista o Projeto da Cidade Universitária de Dourados.

Nessa conjuntura é que focamos novamente os nossos esforços para o projeto inicial da criação da UFGD, com o desmembramento do CEUD da UFMS. Com esse objetivo o prefeito Tetila e eu falamos com o Deputado João Grandão, com o Senador Delcídio e com o governador Zeca e obtivemos apoio irrestrito para essa nova caminhada.

Sabedores de que nem um Projeto partindo da Câmara, como em 1983, e nem o encaminhamento por vias internas, como os feitos em 1988 e 1991 dariam certo, mas, por outro lado, conhecedores de que o clima era favorável para nova campanha, formalizamos uma nova estratégia: desta vez deveríamos contar com a unidade interna do CEUD, com o apoio das forças vivas de Dourados e dos nossos políticos.

Firmes na realização desse objetivo, tivemos uma primeira reunião com o Conselho de Campus do CEUD, no início do mês de abril/2003, na qual discutimos a estratégia a ser seguida. A seguir, também em abril, o Senador Delcídio teve um encontro com a Comunidade Acadêmica do CEUD, ouviu a nossa proposta e comprometeu-se com o projeto. Finalizando essa primeira etapa, o prefeito Tetila e eu, estivemos em outra reunião do Conselho de Campus, quando nos foi entregue a primeira versão do Projeto para a criação da UFGD, a ser entregue ao Ministro da Educação.

Eis que o prefeito Tetila agendou uma audiência com o ministro José Dirceu e avaliamos que seria significativo entregar-lhe o Projeto para que ele tramitasse a partir da Casa Civil. A audiência contou com a presença dos Deputados João Grandão e Antonio Carlos Biffi, do Senador Delcídio do prefeito Tetila e eu, além de vários assessores. Na tarde deste mesmo dia o Ministro da Educação já estava de posse do Projeto e comprometido a executá-lo.

A partir de então tanto os nossos deputados como o nosso prefeito e o senador Delcídio, têm mantido frequentes encontros com o Ministro da Educação, Cristovão Buarque e com o Secretário da Secretária

de Ensino Superior do MEC, Carlos Antunes, no sentido de viabilizar o Projeto. Concomitante a esses encaminhamentos, no âmbito interno os Departamentos realizam as últimas discussões sobre o Projeto que está sendo ordenado sistematicamente por uma Comissão designada especialmente para esse fim. Dia 22 próximo o Conselho de Campus do CEUD aprova o Projeto definitivo e fica aguardando até o dia 30 a visita do Secretário Carlos Antunes para receber das mãos do Diretor Omar Daniel, a cópia que será encaminhada à Câmara dos Deputados para votação.

A tutoria para a implantação da UFGD⁶⁹

Tendo iniciado as suas atividades em 1971, o Campus de Dourados da UFMS está em vias de transformar-se em Universidade Federal da Grande Dourados e, por via de consequência, sofrerá um crescimento muito rápido em pouquíssimo tempo, portanto, necessitará de uma tutoria, pelo menos por um ou dois anos, que orientará a transição e ajudará na montagem da estrutura administrativa da nova Universidade. A escolha dessa tutoria pelo MEC levou-me a fazer as considerações abaixo.

Depois de 25 anos de perseverança na luta pela criação da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD – pensei que, finalmente, pudéssemos comemorar. Afinal, o MEC já anunciou investimentos para a construção de prédios em Dourados e a contratação de funcionários e professores, portanto, em minha maneira de entender, não haveria mais contestações ou tentativas de obstrução do processo.

No entanto, quando julguei que tivéssemos vencido todas as barreiras eis que surge um novo questionamento, desta vez sobre a escolha feita pelo MEC, da Universidade que prestará a tutoria para a implantação da UFGD.

Algumas vozes se levantaram, desde o início dessa semana, questionando o posicionamento do MEC, afirmando, basicamente, que a UFMS foi parceira na criação da UFGD e que o Ministério da Educação está desprestigiando o Mato Grosso do Sul escolhendo a Universi-

⁶⁹ Postada em 2005 em: www.biasotto.com.br

dade Federal de Goiás para tutorar a implantação da nossa tão sonhada UFGD, em detrimento da UFMS.

Na qualidade de professor aposentado pela UFMS/Dourados e como um dos mentores da UFGD, julgo-me na responsabilidade de contribuir com essa discussão e, não obstante o respeito pelas ideias contrárias, defender a proposta do MEC em oferecer para Goiás a tutoria da implantação da UFGD.

Antes, porém, de qualquer argumentação, desejo render tributo ao importante papel da UFMS no desenvolvimento econômico, social e cultural de Mato Grosso do Sul. Aquidauana, Campo Grande, Corumbá, Dourados e Três Lagoas, com certeza, não seriam as mesmas pujantes cidades que são não fossem os seus Campus Universitários que, ao longo de décadas, contribuíram, de forma decisiva, na formação de profissionais altamente qualificados para o exercício das mais diferentes profissões.

Por toda a sua história, pela formação de seu pessoal administrativo, técnico e docente, a UFMS tem todas as condições para tutorar a implantação de qualquer universidade no Brasil, menos para tutorar o desmembramento de um de seus campus, como veremos a seguir.

A UFMS, após a federalização da UEMT, que se deu com a divisão do Estado de Mato Grosso, cresceu muito. Cada campus expandiu-se fisicamente e todos eles amadureceram tanto técnica como cientificamente. Portanto, não é paradoxal afirmar que quanto maior o crescimento dos *campi* no interior, mais rapidamente o modelo multicampi da UFMS se esgota e se inviabiliza, justamente porque se torna impraticável o gerenciamento de tantos, tão grandes e tão distantes campus.

Nesse sentido não seria nenhum despropósito, além da criação da UFGD, a criação da Universidade Federal de Corumbá (ou do Pantanal) e de Três Lagoas (ou do Bolsão). Fica a dúvida em relação à Aquidauana que, pela sua proximidade com Campo Grande, talvez

não necessitasse ser transformada em Universidade autônoma. Todos ganhariam com isso, tanto os *campi* do interior porque, a exemplo do que acontece em outros estados brasileiros, se desenvolveriam autonomamente, como a UFMS que, não precisando aplicar recursos no interior, poderia investir ainda mais em Campo Grande, mesmo porque a capital, beirando os 800 mil habitantes, comporta e precisa de uma Universidade federal unicampi.

Feitas essas considerações iniciais, vamos à defesa da tutoria da UFG para a implantação da UFGD.

O MEC tem larga experiência em criação de universidades, portanto, sabe de sobejo que quando se trata de desmembramento de campus não é aconselhável que a tutoria seja oferecida pela própria universidade que dará origem à nova. Isso porque o desmembramento não deixa de ser uma separação e separação, por mais amistosa que seja sempre trata de questões delicadas como divisão de patrimônio, alocação de recursos, remanejamento de pessoal, modelo administrativo, enfim, não faltam motivos de ordem técnica e política para complicar o processo.

Dourados não deseja uma ruptura traumática com a UFMS, portanto, nesse momento de separação, é salutar uma certa equidistância, é bom que a tutoria seja exercida por uma universidade com condições de arbitrar pendências. Dessa forma fica preservada a possibilidade de UFMS e UFGD conviverem como universidades coirmãs, intensificando o seu relacionamento técnico e científico.

Que a UFGD seja implantada logo, mas que seja sem ruptura traumática em relação à UFMS. O que desejamos é partilhar a nossa alegria com todo o Estado de Mato Grosso do Sul, e com todo o Brasil pelo nascimento de uma nova Universidade. Que Dourados e sua Federal cresçam e se desenvolvam, mas sem bairrismo, sem rivalidades com a nossa tão linda e querida capital.

A hipocrisia dos nomeadores de dirigentes de ensino superior⁷⁰

Seria difícil encontrar uma palavra mais elegante que desfaçatez para designar artigos assinados por membros da direita golpista douradense (tem uma direita em Dourados que eu respeito) em relação à nomeação do reitor *pró tempore* da UFGD. O Aurélio explica a desfaçatez como sendo falta de vergonha, descaramento, impudor e cinismo. Não obstante, o enorme peso dessas palavras, louvo-me, sem falsa modéstia, em ser tão benevolente, pois em relação aos artigos que estão sendo publicados caberiam críticas bem mais contundentes como o leitor poderá ver adiante.

O nosso querido CEUD teve ao longo de sua história, iniciada em 1971, portanto, ao longo desses 34 anos de existência, nove diretores. Desses, apenas três foram nomeados após vencerem eleições democráticas, num período altamente positivo para a democracia acadêmica que compreendeu os anos de 1989 a 2000. Foi única e exclusivamente nesse período que o CEUD conheceu a administração de dois diretores de esquerda, representada pela professora Zonir de Freitas Tetila e por mim. A direita (nesse caso golpista ou não) somente pode gabar-se, portanto, de, ao longo desses 34 anos ter elegido um único diretor, o professor Luís Antonio que, mesmo não fazendo o seu sucessor teve um comportamento digno, participando até o último momento de seu mandato, no ato de uma das mais bonitas transmissões de cargo que já tivemos no Campus.

⁷⁰ Postada em 2005 em: www.biasotto.com.br

No mais todos os outros diretores foram nomeados ao arrepio da democracia, embora alguns poderão dizer que o foram de acordo com a Lei. Alguns casos são dignos de figurar entre os atos mais despudorados e amorais de nossa história. Relato apenas dois: uma vez participamos de uma eleição que comporia uma lista sêxtupla para a escolha do diretor. Todos os concorrentes assinamos um termo de compromisso afirmando que só assumiríamos a direção se fôssemos o mais votado. Desavergonhadamente quem assumiu foi o quinto mais votado. Outra feita, já não vigorava a lista sêxtupla, mas tríplice e, como havia apenas dois candidatos, quando o Conselho de Campus foi homologar o resultado, ficou decidido que se encaminharia uma lista tríplice, da qual constaria o vencedor da eleição e mais dois nomes escolhidos pelo Conselho. Isso a pedido do próprio candidato derrotado, pois, segundo ele evitar-se-iam pressões. No entanto, num dos maiores escândalos ocorridos na história do CEUD, o candidato derrotado foi feito diretor de Campus, com a participação efetiva de quem hoje ousa assinar artigos falando em partidarização da Universidade.

Das eleições para chefe de Departamentos nem se fala. Certa vez, a esquerda, sempre minoritária no CEUD, mas desta feita muito bem articulada com setores de centro, conseguiu “fechar” uma lista tríplice. Para nossa surpresa o nomeado não foi nenhum dos três eleitos. Com alegações esdrúxulas assistimos perplexos à nomeação de um quarto nome. E a Lei?

Quanto à indicação do reitor *pró-tempore* para uma nova Universidade, é prerrogativa do Presidente da República, por indicação do Ministério da Educação. Nunca houve eleição para a escolha do reitor para a implantação de uma Universidade. Logo, seria estranho se o MEC indicasse alguém que não estivesse ligado ao partido do presidente que criou a UFGD.

Uma cidade com a massa crítica que Dourados possui já merece políticos menos hipócritas.

UFGD: quantas pedras ainda faltam para removermos?⁷¹

*Hay que endurecerse,
pero sin perder la ternura jamás*

Che Guevara

Triste sina a dos cronistas, tanto daqueles que por obrigação contratual tem que escrever todo o santo dia, como a dos que, por prazer, indignação ou responsabilidade social colocam-se diante de um computador para comentarem um acontecimento do cotidiano. Aos primeiros pode sobejar ou faltar assunto: se os fatos forem muitos, tem que escolher o melhor, se faltarem temas têm que inventar algo que agrade ou escrever sobre assuntos não tão nobres, como o fizeram grandes expoentes da literatura brasileira, inclusive Machado de Assis.

Quanto ao segundo grupo de cronistas acima anunciados, o dos diletantes, a esse não faltam temas, pois não sendo obrigados a tê-los diariamente, mal percebem se lhes faltam. Logo, aos cronistas não assalariados pode acontecer de os assuntos surgirem aos borbotões e eles ficarem impossibilitados de abordarem a todos, por escassez de tempo, uma vez que têm que se dedicar às suas atividades profissionais.

Enquadrando-me neste último caso, havia me proposto a escrever sobre a complexidade da questão indígena e me preparava para a terceira crônica da série (com uma motivação extra por ter recebido *e-mail* com congratulações até de leitor de outro estado), quando se

⁷¹ Postada em 2005, em: www.biasotto.com.br

criou um factóide a respeito da tutoria da UFGD. E lá vou eu, metendo a minha colher, de pau, porque era angu quente.

Angu muito quente, diga-se de passagem, mas que já estava esfriando. De repente, não mais que de repente, como diria o nosso poeta maior, surge novo factóide, desta feita envolvendo o Hospital Universitário, mais precisamente a Diretora Geral do HU, acusada de ditadora. E lá vai o pobre cronista que vos escreve sentindo-se mais uma vez na obrigação moral de fazer mais um alerta às forças vivas de Dourados

Em primeiro lugar é necessário que estejamos atentos ao nível da acusação que pesa sobre a Diretora Geral: “ditadora”. Ora, convenhamos isso lá é acusação? Não cuidemos, pois, disso, que é fato de somenos, mas sim do que está por trás disso.

Nesse sentido todo o cuidado é pouco, uma crise no HU será imediatamente vinculada à UFGD. Percebe o leitor? A UFGD já era para estar implantada, no entanto, não obstante todos os esforços e a remoção das inúmeras pedras do caminho, a cada passo, a cada avanço surge um novo factóide.

Indigno-me. Indigno-me pela falta de grandeza de espírito daqueles que não querem a UFGD e escamoteiam essa postura com ações subterrâneas, que se vestem com peles de cordeiros mais agem como lobos.

Quem conhece o HU sabe que lá existe um programa de acolhimento e de humanização do atendimento, quem conhece a história do HU sabe que somente uma pessoa firme, capaz e perseverante poderia dar conta da implantação daquela megaestrutura. E, quem conhece a diretora do HU, a professora Dinaci Ranzi, bem sabe que ela é uma pessoa ilibada, com capacidade técnica e política para estar à frente daquele hospital.

Portanto, não nos deixemos enganar. Agora que o HU deixou de ser o “postão” que diziam ser, agora que o HU se torna grande, eficiente

e acolhedor, agora em que o HU se consolida como hospital público, a despeito da guerra que tivemos que mover para que não fosse privatizado, agora que poderá ser incorporado pela UFGD, procura-se colocar o HU no olho de um furacão e o começo é a (des)construção da imagem da diretora geral que deveria, isso sim, ser elogiada pela coragem que teve, e que faltou a muitos.

3. EDUCAÇÃO: ASSOCIAÇÃO DOURADENSE DE PROFESSORES - SIMTED

Primeiro mês da ADP⁷²

No último dia 7, a Associação Douradense de Professores completou seu primeiro mês de existência e já se pode fazer um balanço das suas atividades.

Duas centenas de carteirinhas já foram expedidas, significando que a categoria dos professores não é tão desunida como se propaga e, o que é ainda mais significativo, a Diretoria da Associação, por estar em fase de organização, ainda não teve de dedicar-se com afinco à filiação de professores, existindo colégios que não foram sequer visitados. Espera-se que ao completar três meses estejam filiados cerca de quinhentos professores.

Em termos de realização já foi feita alguma coisa. Várias firmas comerciais de nossa cidade estão concedendo descontos que variam de 5 a 20% aos associados da ADP, desde que munidos das carteiras de identidade. Tais descontos propiciarão, sem dúvida alguma, certo desafogo ao minguado orçamento dos profissionais do ensino.

O mais importante, todavia, são os dois movimentos iniciados pela Associação e que tem abrangência estadual. Um deles trata da formação da Associação Sul-Mato-Grossense de Professores, para que a categoria consiga realmente ter força de representatividade. O outro,

⁷² Publicada no Jornal de Notícias em 08/06/1978.

demonstrando que a categoria está consciente dos problemas existentes no ensino, pleiteia junto ao futuro governador do Estado, Harry Amorim Costa, que o próximo Secretário de Educação do Estado seja um professor de preferência um técnico em Educação.

Nada mais justo que essa solicitação, afinal como não é cabível que ocupe a Secretaria da Saúde uma pessoa alheia aos problemas de saúde; como não se concebe que pessoas que desconheçam as Ciências Econômicas ocupem a Secretaria da Fazenda; óbvio que não se pode admitir que uma pessoas alheia à Educação seja responsável pelos seus destinos.

O que quer realmente a Associação Douradense de Professores é ter como Secretário um cidadão que se preocupe de fato com os problemas educacionais, ouvindo inclusive as reivindicações da categoria.

Parece que os professores, assim como diversas outras categorias de trabalhadores douradenses, estão saturados de secretários turistas.

20 Anos de SIMTED⁷³

Organizando a nossa papelada, planejando um novo trabalho, deparamo-nos com uma pasta contendo entrevistas sobre o movimento reivindicatório do magistério público estadual de Mato Grosso do Sul. Realizadas entre 85 e 86, as entrevistas dividem praticamente em dez anos os dias atuais do período em que se deu o início da movimentação do professorado [76 a 78], para a organização da categoria.

Ao lermos uma das entrevistas encontramos a data exata da Assembléia de fundação do SIMTED, naquela época com o nome de Associação dos Professores de Dourados [ADP]: 7 de maio de 1978. O SIMTED está completando, portanto, vinte anos.

Atravessamos a data em branco, o que lamentamos, pois foi como se tivéssemos nos esquecido do aniversário de um familiar ou de um amigo querido. De qualquer forma, como o ano ainda está em curso, há tempo para uma singela homenagem a todos os que contribuíram para a construção dessa entidade.

Lembramo-nos perfeitamente das palavras do professor José Pereira Lins naquele longínquo 7 de maio. “Já vi nascer várias associações de professores e espero que essa se mantenha firme na defesa dos direitos da categoria”.

Chamado a colaborar para que a ADP se firmasse como entidade representativa da categoria do magistério, o professor Lins cedeu uma sala do Colégio Osvaldo Cruz, onde durante um ano ou mais, funcionou a sede da Associação.

⁷³ Publicada em “O Progresso”: 16/06/1998.

Outro discurso que nos tocou foi o do professor Sultan Rasslan. Na verdade ele contou uma história que lera num livro, mas com tanto sentimento que emocionou aos que se faziam presentes:

“O inverno era rigoroso e os pais, quando deram conta não acharam a filha, uma pequena maravilhosa, a única que tinham. Procuraram, entraram no trigal, andaram. Chamaram os vizinhos e todos acorreram. A casa era o ponto de encontro, as pessoas saíam andavam pelo trigal e retornavam em busca de notícias. Nada! Ninguém achava a pequena”.

Veio a noite e com ela mais intenso o frio. As pessoas iam e voltavam em vão. O desespero já tomava conta do jovem casal, quando alguém deu a ideia: porque não nos damos as mãos e saímos juntos, varrendo o trigal daqui pra lá de lá pra cá. Quem sabe assim encontraremos a menina.

As pessoas deram-se as mãos. Saíram juntas, varrendo o trigal. De repente trombaram com a menina, já morta, enrijecida pelo frio.

“Alguém chorou e lamentou-se por não terem se dado as mãos antes”.

Em 7 de maio de 1978, há vinte anos, os professores de Dourados deram-se as mãos. A criança, chamada educação ainda não tinha morrido.

Nasceu o “Quadro Verde”⁷⁴

Ainda conserva-se fresca em nossa memória a lembrança da Assembléia Geral realizada aos sete dias do mês de maio deste ano (1978), em que cento e sessenta professores reuniram-se para a formação da Associação Douradense de Professores. Três meses apenas se passaram e já é possível visualizar um grande progresso para a categoria em termos de conscientização, reivindicações e mesmo no que concerne aos setores social e recreativo, considerados de somenos importância, em vista dos grandes problemas que enfrenta o professorado mato-grossense.

A criação deste jornal (Quadro Verde) é, sem dúvida, uma realização marcante para a categoria. Ponto de partida para a união, porque as informações e os artigos nele contidos, por certo haverão de servir como um elo entre os colegas. Assim como crenças religiosas unem grupos de pessoas, ideias também se prestam a este tipo de coisa.

Nossa pretensão é fazer deste veículo de comunicação um periódico mensal que consiga manter todo o quadro de associados bem informado sobre assuntos que digam respeito ao magistério, das realizações da Associação e pronto para retratar o pensamento do professor, expresso através de artigos assinados.

A existência do Quadro Verde, não depende apenas de um Departamento Cultural atuante, nem de uma diretoria ativa, depende de toda a categoria. Sobreviver, graças à atuação de meia dúzia de indivíduos, seria impossível por duas razões principais. Primeira, porque haveria muito rapidamente, um desgaste físico e mesmo intelectual

⁷⁴ Publicada no Jornal de notícias 1978.

destas pessoas e, segunda, esse pequeno grupo imprimiria ao jornal um conjunto de ideias que seriam impostas à categoria, às vezes sem mesmo condizer com seu pensamento. Então, para o Quadro Verde continuar a existir com os propósitos com os quais nasceu, é muito importante a participação de toda a categoria. Todos podem colaborar escrevendo um artigo, oferecendo uma informação útil, elogiando e criticando.

E, é bom ressaltar que toda a crítica será bem vinda porque acreditamos que se houver críticas haverá interesse e havendo interesse sempre existirá condições de aprimoramento.

Quanto ao nome Quadro Verde, é provisório. A diretoria decidirá sobre sua manutenção ou mudança, em sua próxima reunião, escolhidas as sugestões dos senhores associados. Então, nosso jornal será inclusive registrado. Mesmo provisório, o nome merece uma justificativa: o quadro constitui-se em um material indispensável para o professor, é o companheiro mudo que, embora frio, acompanha *pari passu* toda uma obra educacional; verde é o sinal que convencionalmente serve para indicar que se deve ir adiante.

Inicia-se uma nova história dos professores⁷⁵

Atendendo convite da Associação Campo-Grandense, a Associação Douradense de Professores fez-se representar na cidade de Campo Grande, em uma reunião que teve por objetivo principal a formação da Associação Sul-Mato-Grossense de Professores.

Campo Grande apresentou na oportunidade um anteprojeto de Estatuto da futura associação. Cuidadosamente elaborado, o anteprojeto prevê a transformação da Associação Campo-Grandense de Professores em Associação Sul-Mato-Grossense de Professores. Todas as demais Associações do novo Estado, se quisessem poderiam filiar-se à ACP, desde que esta aprove o Estatuto da congênera. Os presidentes das diversas Associações do Estado seriam sócios natos da Sul-Mato-Grossense e todos os professores do Estado, moradores em cidades que possuam sua Associação, poderiam filiar-se à Associação Estadual isoladamente.

Dourados mostrou-se contrária a tal anteprojeto. A ADP – Associação Douradense de Professores – desde sua fundação, esteve preocupada com a união dos professores no âmbito Estadual e, portanto, não foi despreparada para a reunião. Em contraproposta os representantes douradenses apresentaram a sugestão de se formar uma Associação Estadual com sede em Campo Grande, sendo que todas as demais associações existentes passariam a ser apenas sedes regionais.

A ideia foi acatada por todas as outras associações que se faziam representar e, no final, a diretoria da ACP confessou que estava feliz

⁷⁵ Publicada no Jornal de Notícias: 29-30/07/1978.

com a decisão e que havia pensado em apresentar este projeto, mas não o fez por receio de que não seria bem aceito.

Assim, cada Associação presente levou para sua cidade uma cópia do anteprojeto de Estatuto (elaborado pela ADP) e dia 09 de setembro apresentarão em nova reunião que será realizada em Campo Grande, as emendas que julgarem válidas. Após isto será realizada uma Assembléia Geral e ao que tudo indica, brevemente, os professores terão representação Estadual.

Diz-se que é quando pequeno que se entorta o pepino e também que “o pau que nasce torto não tem jeito, morre torto”. A filosofia popular é sábia e deve ser respeitada. Realmente tudo que nasce errado é difícil consertar-se.

A grande preocupação dos professores deve ser no sentido de se iniciar um trabalho correto, voltado para a valorização da categoria, pois assim poderá tornar-se com o passar do tempo realmente forte.

Sem bairrismo, sem mentalidade tacanha, sem ambições pessoais, mas com amor, carinho e dedicação os professores sul-mato-grosenses, começam a escrever com palavras firmes uma nova história para sua sofrida categoria.

O movimento reivindicatório do magistério em Dourados⁷⁶

“...o magistério em Mato Grosso do Sul não tentou unicamente melhorar os seus salários. Se assim agisse estaria contribuindo para a reprodução pura e simples do sistema onde existem os explorados — que por melhor que ganhem estarão sempre ganhando menos do que aquilo que produzem — e os exploradores — inclusive o estado, que por mais que paguem estão pagando sempre menos do que recebem, em termos de produção, dos seus trabalhadores”.

Essa epígrafe, contida no livro “O Movimento Reivindicatório dos Professores Públicos Estaduais de Mato Grosso do Sul: 1978 – 1988”, fruto de uma rápida leitura que fiz no site www.biasotto.com.br onde o livro está disponível, me chamou à obrigação de tecer um rápido comentário sobre a greve dos professores do Município de Dourados.

Admito em alto e em bom som que me foram extremamente educativos os velhos tempos em que eu me sentava à mesa de negociações, na maior parte das vezes representando os meus colegas professores, mas muitas vezes também representando o governo municipal, ao menos no quadriênio 2001 a 2004.

Embora ainda hoje saiba muito pouco sobre tudo, aprendi bastante com as negociações das quais participei. Mas não tenho saudades. Encaro a vida com muita naturalidade. Compreendi ao longo de minha existência, já não tão curta, que não adianta querermos colher se for época de semeadura ou plantar se for hora de ceifar. Os homens públicos, sejam eles sindicalistas ou governantes, serão bem sucedidos

⁷⁶ Postada em 2005, em: www.biasotto.com.br. É muito provável que tenha sido publicada, mas não encontrei comprovação.

se souberem avaliar as circunstâncias que os rodeiam e atuar sobre elas de acordo com o seu perfil.

Lembro-me bem dos meus embates, primeiro com Cássio Leite de Barros, o último governador de Mato Grosso unificado. Fui duro com ele porque a situação do professorado em 1978 era caótica. Ele, ao contrário me recebeu bem, portou-se com serenidade, entendeu a minha veemência, da mesma forma que, findo o diálogo, percebi a sua impossibilidade de fazer qualquer coisa em benefício da categoria uma vez que estava no crepúsculo de seu mandato e que o estado de Mato Grosso estava para ser dividido.

Isso não significa que o nosso diálogo tenha sido em vão. Fez parte de um processo que fortaleceu o movimento do professorado de modo a ser mais bem atendido no governo Harry Amorim. Ah! Quantas vezes dialogamos. No início foi um processo doloroso, o Secretário de Desenvolvimento Humano, Odilon Martins Romeu, certa feita, esmurrou a mesa e chamou-me de cidadão tumultuado em plena reunião na Escola Maria Constância de Barros Machado. Depois percebeu o seu equívoco, trabalhamos juntos, magistério e governo no sentido de avançarmos. Talvez tenha sido nesse governo que conseguimos as maiores conquistas tanto em relação às condições de trabalho como em relação ao salário.

Depois vieram governos que somente cederam algo à base de muita pressão, de greves demoradas e desgastantes. Marcelo Miranda e Pedro Pedrossian foram duros com o magistério. Marcelo ainda cedeu um pouco dada a sua instabilidade no poder. Pedrossian chegou a criar uma Associação de Professores paralela, tentando sufocar o movimento reivindicatório do magistério.

Aí veio o governo Barbosa Martins. Foi amplamente apoiado pelos professores e, ao menos em parte de seu governo correspondeu à expectativa não obstante tivesse faltado com a sua palavra quando da nomeação do secretário de educação. Cheguei a ser chamado em sua

casa como opção para a Secretaria de Educação. Estavam presentes o Eusébio Barrios, o Biffi, a Nely Bacha, o Amarílio e eu.⁷⁷ Na oportunidade dissemos que o nosso nome para a Secretaria era o Sultan Rasslan.⁷⁸ Wilson Barbosa aquiesceu e, dias depois, para a nossa surpresa, nomeou outro secretário.

No meio universitário, embora nunca tivesse negociado diretamente com presidentes da República ou Ministros da Educação exerci dois mandatos pela Associação dos Docentes do Campus de Dourados da UFMS, hoje Adourados e estive como tal várias vezes à frente de greves muito prolongadas.

Essas experiências e as minhas reflexões sobre elas é que me ensinaram o pouco que sei sobre negociações salariais.

Graças a essa vivência, quando estive durante quatro anos à mesa de negociações, do lado do governo municipal de Dourados – entre 2001 e 2004 – sempre tratei com respeito, tanto a minha categoria dos professores quanto as demais categorias trabalhadoras representadas por seus respectivos sindicatos.

Nessa altura do texto o leitor poderá estar se perguntando: aonde o Biasotto deseja chegar?

⁷⁷ Eusébio Garcia Barrios, primeiro presidente da FEPROSUL. Antonio Carlos Biffi, presidente da Associação Douradense de Professores, mais tarde da FEPROSUL e deputado federal. Nely Bacha foi vereadora em Campo Grande, membro da Associação Campo-Grandense de Professores. O professor Amarílio Ferreira Junior era uma liderança nova, mas muito vibrante, atualmente é professor da Universidade Federal de São Carlos.

⁷⁸ Sultan Rasslan foi vereador em Dourados, presidente da Câmara Municipal nos anos de 1978-79, deputado estadual constituinte entre 1979-1982. Em 1982, concorreu à Prefeitura Municipal de Dourados, mas o vencedor nesse ano foi José Elias Moreira. Sultan Rasslan, na qualidade de Presidente da Câmara foi abnegado colaborador para a criação da ADP. Professor por formação e político do mesmo partido do governador Barbosa Martins, era esperado que Sultan fosse o nomeado.

Simple, dei toda essa volta apenas para dizer que é do alto dessa experiência vivida que posso afirmar que a atual greve dos professores pode se transformar em grande aprendizado para o bem do ensino público de Dourados. Exatamente, para o bem do ensino público, uma vez que não pode haver espaço para ressentimentos quando se tem à frente da prefeitura um homem da estatura diplomática do professor Tetila, que ajudou a construir o sindicalismo em nosso Estado e, de outro, um sindicato competente, profissional, tendo à frente uma diretoria jovem e brilhante, comandada por um professor tranquilo, seguro, experiente e extremamente ético chamado José Carlos Brumatti.

Tanto Tetila quanto Brumati devem e precisam ser respeitados pelas suas lutas, portanto, que haja o diálogo entre ambos, pois do diálogo nasce a luz.

4. EDUCAÇÃO: CRÔNICAS DIVERSAS

Sobre o ensino pago⁷⁹

Não foi consensual a aprovação do inciso IV do artigo 206 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 que determinava a “gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais”. Os defensores do ensino pago jamais se conformaram com a ideia da gratuidade e continuam investindo tanto no desrespeito a esse preceito constitucional quanto na pregação de mudanças na Lei Maior que permitam satisfazer às suas pretensões.

Segundo os defensores do ensino pago, o Estado deve oferecer apenas o ensino fundamental gratuitamente, o ensino nas Universidades Públicas deveria, segundo eles, ser pago. A alegação é de que quem ingressa na Universidade Pública faz parte de uma elite, são estudantes oriundos do seio de famílias privilegiadas social e economicamente.

Esse argumento cai como uma luva para os neoliberais, que pretendem o Estado mínimo, mas a ideia ganha também defensores em todas as camadas sociais, independentemente do conceito de Estado que defendam. Os muito ricos não estão preocupados com a questão porque pouco ou nada lhes afetaria aumentar as suas despesas mensais em dois ou três mil reais. Mas mesmo entre a “classe” média e pobre a defesa do ensino pago ganha adeptos: muitos veem nessa medida uma forma de redistribuição de renda.

⁷⁹ Publicada em “O Progresso”: 07/11/1997

A ideia do ensino pago, apesar de seduzir muita gente, é falsa e enganosa. Falsa porque os acadêmicos matriculados nas Universidades Públicas não são, como se apregoa, apenas os filhos de ricos. Estudos da ANDIFES – Associação dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior – e da Universidade Federal de Goiás, divulgados recentemente, demonstram o contrário. Apenas 12,61% dos alunos universitários pertencem à classe A, 13,75% são oriundos das classes D e E e, a grande maioria, 73,65% pertencem à classe média. A ideia do ensino pago também é enganosa porque a renda nacional jamais será distribuída através da cobrança de mensalidades escolares. Renda se distribuiria eficientemente se houvesse uma reforma tributária, se os mais ricos pagassem mais impostos que, por sua vez, gerassem programas sociais para reverter a perversa concentração de renda existente hoje no Brasil.

Defender o ensino público gratuito para todos não é, portanto, defender os ricos, é defender o princípio de “igualdade de condições para acesso e permanência na escola”, conforme previsto na Constituição. Defender o ensino gratuito é a melhor estratégia da sociedade para garantia do exercício pleno da cidadania e preservação da soberania nacional.

Grêmio estudantil, escolinha de líderes⁸⁰

A movimentação estudantil na sociedade douradense tem sido nos últimos anos tão insignificante que chega mesmo a causar certa preocupação, ao menos às pessoas que entendem que serão estudantes de hoje os dirigentes de amanhã.

Alguma participação existe, contudo, estas poucas atividades das quais participam nossos jovens têm sido dirigidas, na sua grande maioria, por pessoas adultas. O aluno limita-se a prestar sua colaboração não sendo responsável pelo fracasso ou sucesso da promoção. Vejam como exemplos os jogos estudantis, o show de talentos, as quermesses realizadas pelos colégios e outras promoções análogas.

Paremos um instante... Voltemos o pensamento ao nosso tempo de aluno. Ah! Que bons tempos! As brincadeiras que fazíamos para angariar fundos para as nossas formaturas; as quermesses; os shows com artistas famosos; as excursões; os bailes de formaturas; as festinhas de despedida que oferecíamos aos nossos professores...

Como havia dirigentes dinâmicos e honestos. Mas também aqueles que após eleitos cruzavam os braços e tinham como preocupação maior extorquir o minguado saldo existente. Mas a gente aprendia a distinguir os verdadeiros líderes e sepultar na tumba do esquecimento os desonestos e, dessa forma, sem consciência de nosso valoroso trabalho, ajudávamos a forjar os dirigentes do futuro.

Muitos dirigentes atuais saíram de vilas pobres aprendendo a comportar-se em uma sociedade mais refinada graças às promoções es-

⁸⁰ Publicada no Jornal de Notícias: 18/05/1978.

tudantis. Depois veio o 477 acabando com os Grêmios.⁸¹ Consequência: acabaram-se as festas, acabou-se a verdadeira escolinha de líderes e, o que é mais importante, acabou-se ou está se acabando a capacidade de discernimento.

Se hoje se afirma que o povo brasileiro não tem competência para escolher seus representantes que será daqui a cinco ou dez anos? Felizmente o 477 agoniza e poderemos ter novamente em pleno funcionamento os grêmios estudantis que bem orientados servirão não para manifestações terroristas ou subversivas, mas sim para ajudar na construção de um Brasil ainda mais forte e poderoso.

⁸¹ DECRETO LEI Nº 477, DE 26 DE FEVEREIRO DE 1969. Define Infrações Disciplinares Praticadas por Professores, Alunos, Funcionários ou Empregados de Estabelecimentos de Ensino Público ou Particulares, e dá Outras Providências. Esse Decreto Lei representou a castração das lideranças estudantis e intelectuais existentes no seio das Escolas brasileiras.

Festas Escolares: faca de dois gumes⁸²

As festas escolares têm assumido nos últimos anos um caráter bem diferente daquele dos velhos tempos. Atualmente os colégios encamparam todas as promoções que outrora eram reservadas aos estudantes.

Será que há necessidade dessa interferência dos colégios nas promoções escolares? Será que a capacidade de nossos jovens decresceu de uma hora para outra?

O problema é complexo. De um lado existe por parte dos colégios necessidade de se envolverem em festas. De outro, não existe perda de capacidade, o que acontece é um rebaixamento do nível cultural; mas isso não implica no primeiro aspecto.

A necessidade de envolvimento dos colégios explica-se pelo fato de haver, cada vez mais, necessidade de dinheiro para suprir suas deficiências materiais, devido à impotência do Estado em suprir os estabelecimentos de ensino, de material didático e mesmo de proporcionar as reformas periódicas que um prédio público requer. Visto por este ângulo chega a ser, portanto, até digno de elogios os sacrifícios de professores, funcionários e dos próprios diretores em benefício de suas escolas.

Da mesma forma, é bastante interessante a participação de alunos, vez que desenvolvem atividades extra classe que lhes proporcionam conhecimentos interessantíssimos.

⁸² Publicada no Jornal de Notícias: 15/08/1978.

Bem, agora, o lado negativo da coisa. Os colégios, interessados em lucros que justifiquem o trabalho esmeram-se em proporcionar bons atrativos para a festividade. Assim, professores já sobrecarregados com suas atividades didáticas e pedagógicas, são recrutados para organizar a promoção, muitas vezes em prejuízo de suas aulas. Para se ter um exemplo: se um professor perde quatro aulas num dia, cerca de cento e cinquenta alunos saem prejudicados.

Além disso, é bom considerar que muito se perde na formação de lideranças. Tirada a oportunidade dos alunos de promoverem por si as festividades escolares, eles deixam de aprender muita coisa pela própria vivência, e acabam se reduzindo em meros comandados, sem iniciativa, quiçá para toda a vida.

O ideal seria que o Estado desempenhasse suas funções de mantenedor dos estabelecimentos oficiais de ensino e conseqüentemente os colégios não tivessem a necessidade de promover as festas que objetivassem angariar fundos. Assim haveria mais tempo para promoções culturais que seriam comandadas unicamente por alunos, esses sim poderiam empregar o dinheiro arrecadado em excursões, ou mesmo para festas de formatura.

O professor e a Consolidação das Leis do Trabalho⁸³

Representantes do professorado de vinte cidades de Mato Grosso do Sul, reunidos em Assembleia na cidade de Campo Grande, dia 9 de setembro, tiveram a oportunidade de ouvir o relato feito pela Diretoria da Associação Campo-Grandense de Professores, sobre a audiência que aquela entidade manteve com o futuro governador do Estado, Dr. Harry Amorim Costa.

Afirmaram na oportunidade, os representantes do professorado campo-grandense, que o primeiro governador do mais novo Estado da Federação, assegurou que a partir do próximo ano todos os professores de Mato Grosso do Sul serão regidos pela CLT.

A reação da Assembleia como era de se esperar, foi a mais diversa. Uns encararam o fato com muito otimismo, outros contestaram de pronto a validade de tal iniciativa, outros ainda, mostraram-se cépticos.

Acreditamos válidas todas as posturas, uma vez que o assunto realmente merece um debate mais amplo.

Os que não acreditam na medida, têm suas razões; afinal, são tantas as promessas renovadas a cada eleição que a própria experiência levou-nos ao cepticismo.

Aqueles que julgam a questão com otimismo também merecem ser considerados porque, enquadrado na Consolidação das Leis do Trabalho, o professor teria certa segurança, que lhe é negada atualmente uma vez que é contratado a título precário, destituído, portanto, dos

⁸³ Publicada no Quadro Verde: edição de setembro de 1978.

direitos básicos que qualquer trabalhador registrado em carteira profissional pode usufruir e gozar plenamente.

Também os que contestaram de imediato a validade da medida cobrem-se de razão. Sem dúvida, o professorado constitui-se uma categoria que necessita de maiores garantias para o desempenho de suas funções. Um professor, por exemplo, que durante quinze anos dedicou-se ao magistério, sem nenhum vínculo empregatício, opta pelo regime da CLT. Alguns meses depois discorda do diretor da escola e então pode ser despedido sumariamente, retirado o fundo de garantia a que tem direito e estragando toda sua carreira que podia muito bem ser brilhante.

O debate em torno da questão torna-se necessário, pois o concurso ao magistério, além de selecionar os mais aptos, em benefício do ensino, dá ao professor, após dois anos de trabalho a estabilidade que lhe garante o livre desempenho de suas funções.

Ao mestre com carinho⁸⁴

Após dar título a essa crônica lembrei-me de que no ano passado, por ocasião da passagem do Dia do Professor havia escrito uma outra com esse mesmo nome. Substituí o título por um trocadilho: “ao mestre um carrinho”, querendo insinuar que os salários não vão bem. Entretanto, como não achei graça, voltei atrás e mantive o título original. Felizmente hoje em dia está muito fácil substituir uma palavra, uma frase, ou qualquer coisa. Basta apertar uma ou duas teclas no computador.

Se fosse uma máquina de escrever não poderia me dar ao luxo de ficar trocando tanto. Confesso que se há uma coisa do passado que não tenho saudades é da velha máquina de escrever.

Dos meus professores, ao contrário, tenho saudades. Muitos deles eu gostaria de rever, mas nem sei por onde andam. Uma pena! Teria muito para lhes dizer, mas queria principalmente ouvi-los. Saber se mudaram os seus hábitos, se renovaram seu saber. Talvez nem fosse necessário conversarmos, bastar-me-ia apenas olhá-los para ler em seus semblantes o sucesso ou o infortúnio, a serenidade ou o desalento, a bondade ou o rancor.

Sei que esse sentimento saudoso em relação aos mestres não me é exclusivo. Um dia um homem já feito entrou em uma casa de materiais de construção porque lera na entrada: “Biasotto e Biasotto”. Perguntou se conheciam ali o professor Wilson. Conheciam, era irmão do dono da loja. Deixou o endereço, disse que tinha vontade de ver aquele que fora o seu primeiro professor. Tinha saudades.

⁸⁴ Escrita em 11/10/1998, foi postada em: www.biasotto.com.br.

Não o visitei. Não quis correr o risco de tirar-lhe o gosto de sua doce lembrança. Soube que está bem e isso é o que importa.

Já não tenho tanta certeza em relação a outros, que foram como esse homem, os meus primeiros alunos. Que será da Maria, aquela que foi motivo de minha crônica no Dia do Professor no ano passado? E do Sílvio?

Ah! O Sílvio! Era um negrinho de rosto redondo, dentes brancos como a pluma do algodão. Sorriso de criança! Mal completara os seis anos e lá estava no banco escolar. O que tinha de beleza e bondade não compensava, no entanto a sua dificuldade no aprendizado.

Um belo dia um burburinho geral! A classe não se aguentava. Os alunos tapavam o nariz, abanavam-se com os cadernos. O mau cheiro era horrível. Andei de um lado para o outro da sala e em nenhum canto encontrei um pouco de ar puro. Não tive outro remédio senão pedir para que todos abandonassem o recinto.

Quando verificamos que já se podia respirar novamente na sala de aula voltamos e eu, do alto de minha experiência de alguns meses de magistério, tentei aproveitar o momento para uma lição: ninguém precisava fazer um serviço daqueles ali dentro, fui dizendo, quem tivesse alguma necessidade bastava levantar a mão e pedir licença para sair...

Nem terminara de falar, eis que o Sílvio, no fundo da sala levantou o braço.

- Dá licença para eu ir lá fora professor?

Sílvio já estava no meio da sala quando a meninada fez novo alarido. Distingui no meio do arruído algo como “não deu tempo”. Novamente todos os narizes daquela sala estavam tapados. Sílvio estancou, olhou-me, abaixou a cabeça humildemente e voltou para o seu lugar.

Jamais me esquecerei dessa cena, mesmo que a senilidade me leve todo o resto que tiver em minha memória.

Sílvio tinha como alimentação básica farinha com água. Isso só descobri no final daquele ano, quando então compreendi porque ele não conseguia aprender as primeiras letras.

Ah! Essas crianças! Ao invés de optarem por ser meninos de rua vão se meter a aprender!

Que será do Sílvio?

Impropérios de jovens estudantes⁸⁵

Aumenta a violência nas escolas. Nos Estados Unidos chega-se ao cúmulo de se praticar, no mundo real, os jogos violentos do mundo virtual. Ou seja, meninos atiram com armas de verdade, como se estivessem apertando o botão de seu videogame.

No Brasil e, de forma particular, em Dourados, nossas escolas não estão imunes, atos de violência física são mais ou menos frequentes. Ameaças de bombas são comuns. Professores e diretores muitas vezes sentem-se intimidados e a nossa polícia não é especializada para lidar com esses jovens.

Na verdade não sei se essa juventude rebelde precisa de polícia especializada a vigiar-lhe os passos. Parece-me relativamente comum que a violência, seja nas ruas ou nas escolas, recrudesça em épocas de crise. Quando existe a perspectiva de emprego e, por via de consequência, de uma vida melhor, a violência fica restrita praticamente aos casos patológicos.

Um santo da Igreja, falecido em 430, portanto, em meio à crise que levou o Império Romano à derrocada, escreveu em suas “Confissões”:

“Se resolvi dirigir-me a Roma não foi porque meus amigos, que me aconselhavam essa viagem, me prometessem maiores lucros e maior dignidade, se bem que nesse tempo também estas razões moviam o meu espírito. O motivo principal e quase único assentava em eu ouvir dizer que os rapazes estudavam aí mais sossegadamente, refreados por

⁸⁵ Publicada em “O Progresso”: 18/06/1999.

mais regrada disciplina. Não invadiam desordenadamente e imprudentemente a escola de outro que não tinham como professor, nem eram admitidos sem sua licença. Em Cartago, pelo contrário, a liberdade dos estudantes é vergonhosa e destemperada. Precipitam-se cinicamente pelas escolas adentro e com atitude quase furiosa perturbam a ordem que o professor estabeleceu como necessária ao adiantamento dos alunos. Com uma insolência incrível, cometem mil impropérios que deviam ser punidos, se o costume os não patrocinasse”.

Percebe o leitor? Agostinho, antes de ser canonizado, deixou de dar aulas em Cartago e mudou-se para Roma em busca de alunos mais comportados. Duvido que os tenha encontrado. Não é nada fácil prender a atenção do jovem, especialmente do adolescente, com lições que não lhe despertem, de certa maneira, o interesse. E, da mesma forma que na Roma decadente, o que mais faltava era perspectiva de uma vida melhor, também agora se nos apresenta situação análoga.

Sabemos, entretanto, que não há nada melhor para despertar o interesse de nossos jovens que a perspectiva de um bom emprego. Em tempos incertos seria interessante seguirmos os ensinamentos do próprio Santo Agostinho, “... para aprender, é mais eficaz uma curiosidade espontânea do que um constrangimento ameaçador.”

Saiamos, portanto, com a urgência que esses tempos requerem em busca do que possa despertar a curiosidade espontânea de nossos jovens.

Aprendizado doloroso⁸⁶

Há dois meses não publico minhas crônicas neste jornal. Alguns leitores, amigos bondosos, que sempre me estimulam com uma palavra carinhosa sobre os meus escritos, quiseram saber a razão. Penso que os leitores mais distantes do meu convívio também gostariam de ouvir minha história.

Não foi por falta de tempo. É verdade que as vinte e quatro horas do dia têm sido poucas, mas não insuficientes. Já aprendi, não sem dor, através de meu irmão, quando vim para Dourados há vinte e quatro anos, e me demorava em escrever-lhe, que tempo é uma questão de preferência.

A história é outra. Tive problemas com meu computador. Na verdade nunca nos demos muito bem. Meu primeiro amor com um três-oito-meia não foi feliz. Julguei-me um ser inferior, pouco inteligente diante da máquina onipotente e o meu sofrimento com a aprendizagem era maior que os benefícios. Depois veio a dúvida mais cruel, logo comprovada, de infidelidade. Não pude mais confiar-lhe os meus escritos já que fizera desaparecer, misteriosamente, mais de trinta páginas de um trabalho científico que lhe confiara.

Disseram-me que o quatro-oito-meia era melhor; mais prestativo graças a rapidez com que me serviria; mais moderno, mais isso e aquilo e, sobretudo, mais digno de confiança.

Confiei e, de fato, durante alguns anos ele serviu-me bem. Em sua cabeça, ou entranhas, sei lá, fui depositando as minhas crônicas,

⁸⁶ Publicada em “O Progresso”: 05/05/1998.

meus artigos, minhas palestras, enfim, fui confiando-lhe a minha produção, da mesma forma que o capitalista vai confiando os seus rendimentos ao banco.

De repente, não mais que de repente, como diria o poeta, o meu novo amor traiu-me da maneira mais ignóbil. Esvaziou-se simplesmente e eu quase me pus a chorar por ter perdido tanto. Senti principalmente pela perda de uma obra, praticamente pronta, sobre os casos de Liberato Leite de Farias, o Laquicho. Eram cerca de duzentas páginas, que terei que reescrever para resgatar os sessenta e quatro casos compilados e devidamente trabalhados.

Não me dou por vencido! Um técnico formatou novamente o meu quatro-oito-meia e eu, pacientemente, o tolerarei até o dia em que o governo federal entender que os servidores públicos merecem um bom reajuste salarial. Aí, será a glória, a traição será minha, irei buscar imediatamente um novo amor num pentium, ou algo novo que o valha.

Enquanto isso vou aprendendo de forma dolorosa, mas não me lastimo, compreendo o fenômeno, foi assim também com o carro, que aprendi a dominar aos trancos e barrancos, literalmente.

Ah! Essas maravilhosas máquinas! Tão frágeis que não resistiriam a um só golpe de machado!

Ah! Pobre geração essa minha, que tanto sofre para aprender a lidar com as máquinas sem sucumbir diante das vertiginosas transformações deste fim de século.

Meus primeiros (e insólitos) encontros com Darwin⁸⁷

Passou fevereiro e com ele o aniversário de 200 anos de nascimento de Darwin, o cientista inglês que há 150 anos revolucionou a concepção sobre a origem das espécies. Não fiquei invulnerável ao elevado número de publicações que a mídia brasileira dedicou às comemorações. À medida que lia sobre a teoria da evolução das espécies minha memória tirou lá de seus recônditos cantinhos algumas lembranças de meus primeiros encontros com Darwin. Essas passagens, que agora conto aos leitores, não têm apenas uma significação pessoal, presta-se a mostrar como a teoria era vista há cinquenta anos e como, ainda hoje, assistimos a divergências profundas entre a Igreja e a Ciência.

Transcorria o ano de 1958 ou 59, eu cursava a primeira série ginásial (atual 5ª série) quando estourou uma greve no Instituto de Educação Valentim Gentil, em Itápolis. Meu pai entendeu que deveria acompanhar-me à escola e lá fomos nós, eu meio-criança, meio-adolescente, um pouco acabrunhado com a atitude de meu pai, mas que fazer? Três quadras antes de chegarmos à escola fomos interceptados por alunos do curso científico (ensino médio) que nos convenceram a voltar para casa. Seus argumentos: duas professoras de biologia estavam de alguma forma subvertendo os ensinamentos e a greve não terminaria enquanto elas não fossem destituídas de seus cargos. A greve contava com o apoio da Igreja, tanto é que naquela noite haveria uma reunião no anfiteatro da Igreja Matriz, gentilmente cedido pelo vigário frei Paulo. Foi uma grande greve, a primeira para mim, que tive uma participação

⁸⁷ Publicada no Dourados News e Dourados Informa: 09/03/2009.

ingênua, tanto que ignoro até hoje os seus resultados, mas, de qualquer forma, foi esse o meu primeiro contato com “teorias estranhas” que eu ignorava completamente.

Anos mais tarde, já na quarta série ginásial (atual 8ª) lembro-me que a nossa professora de geografia, Odete Santoro, ofereceu-nos uma explicação muito convincente sobre a teoria da evolução das espécies. Todavia, a argumentação teórica da professora foi bombardeada com torpedos desferidos do alto do púlpito da Igreja Matriz de Itápolis. Frei Agnelo, contemporâneo de frei Paulo, ultrapassando os limites de sua já veemente e incisiva oratória, não teve dúvidas em afirmar que se alguém descendesse de macacos esse alguém era aquela professora que andava ensinando essas teorias “absurdas” aos alunos.

Eu era muito jovem e inexperiente para compreender os desdobramentos dessas crises entre o poder espiritual e o poder de uma jovem geração de professores que ousava contradizer a teoria criacionista em uma pequena cidade do interior paulista. Também ignoro a reação dos pais e a existência de algum poder moderador que aplacasse a tempestade provocada pela aula de nossa professora.

Mais tarde, já em Catanduva, quando fazia o curso Normal (assim se chamava o curso para formação de professores) no Instituto de Educação Barão do Rio Branco, o nosso professor de Biologia, que era o dentista Neder Abdo, provocou uma discussão muito interessante a respeito da origem do homem. Dividiu a classe em grupos para debatermos a nossa origem.

Além dos textos indicados pelo professor, duas leituras me impressionaram àquela época: “À procura de Adão” (Herbert Wendt) e “E a Bíblia tinha razão” (Werner Keller). Não me lembro exatamente o conteúdo desses livros, mas as suas teses centrais tentavam conciliar os escritos das Sagradas Escrituras a estudos científicos. Mesmo que sejam vagas as lembranças, com certeza esses livros ajudaram-me a formar opinião sobre a origem do homem, embora, para ser franco, não me

lembrava sequer o nome de seus autores. Se os mencionei devo isso à internet.

Foi um debate profundo e profícuo. Passamos várias aulas discutindo o assunto. Darwin venceu, mas não houve condenação à Bíblia, ao contrário houve até mesmo uma conciliação. A passagem bíblica sobre a criação do homem pode ser uma dentre tantas alegorias que existem na Bíblia, ou seja, uma maneira de se expressar um pensamento sob forma figurada. Senão vejamos: a Bíblia nos diz que Deus fez um boneco de barro. Segundo a teoria evolucionista a vida veio da água. Água e terra = barro. Ainda de acordo com a Bíblia, Deus deu ao homem (ao boneco), o sopro da vida. O sopro da vida bem pode ser a vida em terra firme, onde se precisa do ar que até hoje respiramos.

Conciliações não são novidades para a Igreja. Existe por exemplo uma relação forte entre o pensamento de Santo Agostinho e Platão e o de São Tomás de Aquino com Aristóteles. Portanto, não seria nenhuma heresia conciliar a teoria de Darwin com a teoria criacionista. Nesse sentido, não custa lembrar que Darwin teria rejeitado associar sua teoria à de Karl Marx por não desejar rotulá-la nos padrões conceituais do materialismo histórico. Teria pensado numa associação com a Igreja? Sabe-se lá! Mas não custa especular, afinal, Darwin era um exímio observador, basta lembrar que mesmo sem conhecer as teorias de Mendel (pai da genética), elaborou a teoria das espécies à base de meticulosa observação.

Penso que nos dias atuais, deva ser muito mais fácil para a Igreja explicar a origem da vida sem condenar Darwin do que na época em que condenou Galileu por não admitir que o sol fosse o centro de nosso sistema estelar.

De qualquer forma a terra gira, as espécies evoluem, a ciência avança, mas os conflitos entre Igreja e Ciência continuam, haja vista a atual tragédia da menina de 9 anos, violentada e engravidada de gêmeos

pelo padrasto. Situação embaraçosa na qual a ciência optou pela retirada dos fetos e a Igreja pela excomunhão.

Nesse oito de março, em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, seria sensato refletirmos sobre essa situação de uma menina de 9 anos, pesando 30 quilos e carregando no ventre filhos que não são fruto de seu amor, mas sim dos desejos de um homem portador de algum tipo de perversão. Mesmo já não tendo o mesmo peso que na Idade Média quando o excomungado rei Henrique IV foi à Canossa pedir perdão ao Papa Gregório, a excomunhão é pesada demais para uma mãe nordestina.

5. EDUCAÇÃO: DOURADOS - CIDADE EDUCADORA

Dourados e as cidades educadoras: mais um sonho coletivo⁸⁸

O conceito de cidades educadoras surgiu em Barcelona, Espanha, em 1990. Quatro anos depois, em 1994, foi aprovada a Carta de Princípios das Cidades Educadoras. Hoje, 281 cidades em todo o mundo estão afiliadas à Associação Internacional das Cidades Educadoras, dentre elas 9 do Brasil.

Em síntese, uma cidade educadora é aquela que, além de cuidar com atenção especial da educação formal, transforma todos os locais públicos em espaços educativos. Significa dizer que em uma Cidade Educadora exercita-se a educação continuada que atinge desde o recém-nascido até o mais idoso de seus cidadãos.

Para fazer parte desse restrito universo de Cidades Educadoras um longo caminho tem que ser percorrido. Não é à toa que ao longo de catorze anos de existência da Associação das Cidades Educadoras apenas 281 tiveram os seus pedidos de adesão aprovados.

No caso de Dourados teremos que organizar um Comitê que tenha necessariamente o apoio irrestrito da Prefeitura e da Câmara Municipal e seja integrado por universidades públicas e privadas, escolas de ensino infantil, fundamental e médio, imprensa, organizações não-

⁸⁸ Postada em 2004 em: www.biasotto.com.br . Embora provavelmente tenha sido publicada não encontrei comprovação.

-governamentais, entidades de classe, associações, clubes de serviços, as várias corporações policiais, exército, magistratura, ministério público, guarda-mirim, grupos de escoteiros, enfim, um comitê composto pelas forças vivas de nossa cidade que pense e sistematize todo o processo de inclusão de nossa cidade junto à Associação de Cidades Educadoras.

Esse comitê constituirá grupos de trabalho que elaborarão projetos voltados para a elevação do índice de qualidade de vida do cidadão, para a preservação ambiental e para o desenvolvimento econômico e sócio-cultural. Como nesses campos incluem-se praticamente todas as ações da atividade humana, será possível organizar-se uma quantidade infinita de projetos que possam satisfazer as necessidades mais elementares da sociedade, a começar pela erradicação da fome e do analfabetismo e a humanização do trânsito e atingir atividades muito mais complexas no campo econômico, científico e cultural.

Transformar Dourados em Cidade Educadora é mais um grande projeto de grande vulto que merece ser encampado pela sociedade e pelas forças políticas douradenses, mais um sonho para ser sonhado coletivamente.

Cidade Educadora: a pressa e a qualidade de vida⁸⁹

Há dois ou três anos um primo que foi visitar a Itália voltou encantado com tudo o que viu por lá, mas especialmente impressionado com o planejamento de uma pequena indústria de implementos agrícolas que estava projetando a sua expansão: a previsão era de que nos dois anos futuros contrataria mais dois funcionários. Agora recebo *e-mail* de meu irmão, contando que um operário brasileiro, na Suécia há dezoito anos, diz que nenhum planejamento é executado em menos de dois anos na terra da Volvo.

Aqui por nossas bandas o americanismo do *fast* (rápido) até no alimentar-se (*fast food*), infelizmente ganha cada vez mais adeptos, enquanto na Europa trabalha-se a ideia do *slow food* (alimentar-se devagar) e já se fala em *slow* atitude, ou seja, a substituição do tudo rápido pela moderação, a troca da louca correria americana pela serenidade.

Mas, voltando ao funcionário brasileiro na Volvo, diz ele que se admirou muito com a solidariedade sueca. Um colega de trabalho, que lhe deu as primeiras caronas, embora tenha chegado adiantado ao serviço, estacionou o carro bem longe da entrada. O nosso compatriota perguntou-lhe se o estacionamento era com vagas reservadas e se surpreendeu com a resposta: “não, não tem vaga reservada, é que como chegamos cedo podemos ceder os lugares mais próximos do portão aos que chegarem em cima da hora”.

⁸⁹ Postado em 2006 em: www.biasotto.com.br. Provavelmente tenha sido publicada, mas não encontrei comprovação.

Essas coisas podem parecer brincadeiras, mas não são. Os europeus estão almejando mais qualidade naquilo que fazem, já descobriram que a pressa é inimiga da perfeição. Estão vivendo cada vez mais e sem tanto estresses porque perceberam que a vida é maravilhosa e de nada adianta essa tresloucada correria.

Esses exemplos acima mencionados fazem com que eu, envolvido que estou no projeto “Dourados: Cidade Educadora”, volte cada vez mais, a atenção para o comportamento dos europeus em geral.

Nesse ano de Copa do Mundo, os aficionados por futebol devem estar acompanhando boa parte das inúmeras reportagens sobre o evento, assim como eu que vejo tudo o que o tempo me permite. Os enviados brasileiros fazem todo o possível para estabelecerem um clima especial para o evento. Entrevistam o menino suíço de 8 anos que conhece todos os jogadores brasileiros, mostram cada passo, cada bocejo de nossos milionários craques, não se cansam de filmar as bandeiras brasileiras espalhadas por todos os cantos, mostram o hotel, os campos, o hospital onde serão examinados os atletas, enfim, ficamos conhecendo Weggis e outros centros urbanos melhor do que conhecemos a nossa própria cidade.

Fico atento às imagens. Não quero ver apenas o que os olhos do comentarista vê, quero enxergar com os meus próprios olhos. Então fixo a minha atenção para o periférico. Enquanto o menino está sendo entrevistado analiso o comportamento das pessoas ao seu redor. Se o ônibus está sendo acompanhado pela filmagem, observo a multidão que aplaude a sua passagem. Se a Câmera se abre para a paisagem observo se há algum lixo amontoado em algum canto. Se for mostrado uma ciclo faixa com tráfego intenso de bicicletas observo se elas são demarcadas com tachões, como aqui em nossa cidade, ou se basta a faixa indicativa.

Pelo traje das pessoas sei se está calor ou frio, se alguém está atravessando pela faixa de pedestre observo se os carros param. Mas atenho-

-me também aos comentários, principalmente nos detalhes e percebo a estupefação de muitos deles que se impressionam com a educação do povo, com o comportamento civilizado do condutor do transporte coletivo, a atenção do gerente do hotel, enfim, mesmo os mais experientes e viajados repórteres demonstram a sua satisfação de serem bem tratados.

Acho isso tudo muito bonito e embora tenha consciência de que por lá também existam as mazelas da vida, gostaria de ver a nossa cidade, nosso estado, nosso país, elevando cada vez mais os seus padrões de civilidade e o seu Índice de Desenvolvimento Social.

Por essas e outras é que penso que o projeto “Dourados: Cidade Educadora” deva ser abraçado por todos aqueles que pensam de forma semelhante. Não quero migrar para lá, quero que a minha terra mude, sempre para melhor, até alcançarmos aquele padrão de vida e de comportamento de civilidade.

A simbologia da logomarca de nossa Cidade Educadora⁹⁰



Com essa crônica pretendemos apresentar aos meios de comunicação de Dourados o significado mais profundo da logomarca que criamos para identificar Dourados como cidade educadora e certificar os projetos educativos que estão sendo e que serão desenvolvidos em nossa cidade. Por trás dessa primeira intenção existe uma segunda, que é a nossa esperança de que os meios de comunicação, por sua vez, aproveitem a oportunidade para divulgar entre os seus ouvintes, leitores, telespectadores e internautas, conforme a mídia utilizada, os valores simbólicos contidos nesse logo.

⁹⁰ Publicada no Diário MS: 19/09/2006.

O livro está na base da logomarca. A nossa pretensão é mostrar que o sustentáculo de uma cidade educadora está no valor que se dá ao saber acumulado. O livro é, portanto, utilizado como símbolo de saber, de educação, de princípio basilar para a edificação da cidadania. Não desconhecemos que na China o livro seja símbolo de poder para afastar os maus espíritos e que ele, em outras concepções, possa significar também o mundo.

A cor escolhida para o nosso livro é azul. Não à toa. O azul de nosso livro tem a função de representar as águas. A água é fonte de vida. Simboliza a vida terrestre. Por ser uma riqueza finita, entendemos que a água deve ser tratada com cuidado muito especial pela humanidade e que as cidades educadoras precisam dar exemplo disso.

As casas de nossa logomarca representam dois símbolos muito especiais: a segurança e o acolhimento. Segurança não só no sentido de estarmos a salvo de perigos, mas de podermos nos sentir recolhidos em um aconchego de paz, tranquilidade, e de encontro com a nossa própria intimidade. Acolhimento no sentido de que a casa é o lugar onde podemos demonstrar com muito maior sinceridade do que em público o nosso espírito fraterno, a nossa atenção e consideração com aqueles que nos procuram.

Com a árvore desejamos expressar a preocupação que uma cidade educadora deve ter com a natureza, os cuidados que devemos dedicar ao Meio Ambiente. Mas vamos além. Conforme podemos encontrar no Dicionário de Símbolos, de Juan-Eduardo Cirlot, “a árvore representa, no sentido mais amplo, a vida do cosmo, sua densidade, crescimento, proliferação, geração e regeneração”.

A figura que identificamos na logomarca como sendo um sol, tem o objetivo de representar uma esfera. Esfera é símbolo de totalidade. Com isso pretendemos dizer que as ações educativas desenvolvidas em nossa cidade devem ter uma abrangência total, não somente em termos geográficos, mas que devem atingir a todos, respeitando-se as

diferenças de toda natureza. Essa ideia de totalidade remete-nos à lógica de que a riqueza de nossa cidade está na diversidade de sua formação histórica, o que, por via de consequência, gera a pluralidade de ideias, crenças, manifestações culturais, comportamento social. Nossa intenção de colocarmos uma esfera em nossa logomarca de cidade educadora está explicada, mas como alguém poderá questionar que poderíamos ter escolhido outras formas esféricas, como a lua, ou a terra, desejamos esclarecer que a nossa escolha recaiu sobre o sol porque o astro-rei pode significar a sua dupla ação, aquecedora e iluminadora.

Finalmente, o pássaro, como símbolo de liberdade. Um olhar atento constatará que o pássaro é o único elemento simbólico que se encontra fora de qualquer limite estabelecido na logomarca. Uma cidade educadora é uma cidade democrática, na mais ampla acepção que se possa dar a esse termo.

É isso. Claro que as discussões em torno dos símbolos podem assumir um caráter mais profundo e detalhado, no entanto, cremos que o que dissemos presta-se a oferecer uma referência satisfatória.

6. CULTURA

Sociedade Comunitária Cultural Tereré⁹¹

Desde o dia 5 de julho próximo passado está constituída em Dourados a Sociedade Comunitária Cultural Tereré. Sindicatos, associações, entidades representativas do movimento estudantil e um grupo de aproximadamente oitenta cidadãos progressistas, mas nem sempre com as mesmas tendências partidárias, ideológicas e religiosas, criaram a referida sociedade que tem por finalidade última contribuir com o desenvolvimento cultural da região.

Os integrantes da Sociedade Comunitária Cultural Tereré desejam tornar real o que no Brasil ainda é sonho, pretendem fazer valer a Declaração Universal dos Direitos Humanos no que foi estabelecido em seu artigo XIX: *“todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão. Este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras”*.

⁹¹ Escrita em 02/08/1996. Encontrei apenas esse fragmento dessa crônica, que está postado em: www.biasotto.com.br para registrar que a Sociedade Comunitária Tereré criou e pôs em funcionamento a primeira Rádio Comunitária de Dourados que funcionou por breve espaço de tempo tendo sido lacrada antes mesmo de consolidar-se. De qualquer forma fica registrado que em 05 de julho de 1996, alguns pioneiros colocaram no ar uma rádio comunitária.

TUD: nenhum desânimo, nenhum apoio oficial (I)⁹²

Semana passada o amigo radialista e colunista do jornal “O Progresso”, Ezio Moreira, escreveu que um grupo de estudantes discutia a reintegração do Teatro Universitário de Dourados ao Centro Universitário de Dourados e que gostaria de saber nossa opinião a respeito.

Com muito prazer propiciaremos aos nossos leitores o que, em nosso modesto pensar, achamos sobre o assunto. Este, por ser extenso e pelo fato de nosso espaço neste jornal não ser tão grande, foi dividido em três editoriais. O primeiro, editado hoje, trata dos problemas intestinos do grupo em relação à população douradense; o segundo, da falta de apoio oficial que o grupo recebe e o terceiro analisa a reintegração ao CEUD.

Fundado em 12 de agosto de 1974, o Teatro Universitário de Dourados tem desenvolvido em nossa cidade e em toda região um trabalho sério e pioneiro em termos de teatro. Graças a esse pioneirismo, goza esse grupo artístico de um bom conceito entre a população. Apesar disso, lamentavelmente nem todo grupo tem correspondido às expectativas criadas, nem as forças vivas douradenses têm proporcionado o apoio necessário e indispensável a qualquer grupo de teatro amador.

Um exemplo dessa falta de correspondência é a ausência de apresentações pelo grupo. Há quase um ano o Teatro Universitário de Dourados não traz a público nenhum lançamento. Qual a razão?

Nesses seus quase quatro anos de existência o TUD tem sido um grupo aberto e, aliás, graças a essa abertura consegue sobreviver;

⁹² Publicada no Jornal de Notícias, em 1978.

não fosse isso sucumbiria irremediavelmente porque a rotatividade do pessoal é muito grande. Ao terminarem as apresentações da peça X e Y, os Vendedores, por exemplo, quatro membros dos mais experientes tiveram que abandonar o teatro por motivo de mudança.

Iniciou-se novo trabalho: “Pedro Mico”, de Antonio Calado. Sete meses de árdua labuta, sete meses de noites mal dormidas. Quando a peça estava pronta para a estreia em meados de maio, um membro do grupo que fazia o papel principal foi obrigado a afastar-se por motivos de força maior. Impossível qualquer retomada, impossível qualquer substituição, os outros atores já haviam atingido a saturação em termos de montagem.

Paralelamente a crise Universitária Estadual de Mato Grosso refletia-se com grande intensidade no então CPD⁹³ culminando com a demissão ainda inexplicável de quadro docentes.⁹⁴ Em solidariedade a esses professores demitidos o TUD afastou-se daquele Centro e começou a ensaiar nas residências de seus integrantes, até que a professora Luiza Vasconcelos, do Departamento Cultural da Secretaria de Educação, a pedido do TUD intercedeu junto ao Sr. Walter Brandão presidente do Clube Social e a partir de então o grupo passou a ensaiar naquele local.

⁹³ CPD – Centro Pedagógico de Dourados – foi o primeiro batismo recebido pela atual Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD. O CPD, criado em 1971, fazia parte da Universidade Estadual de Mato Grosso, depois com a criação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul passou a chamar-se Centro Universitário de Dourados, CEUD.

⁹⁴ Essas demissões na verdade não eram inexplicáveis, a administração da Universidade alegou que os professores demitidos estavam subvertendo a ordem vigente. Resquícios da ditadura militar que ainda se fazia sentir em 1978. Os docentes demitidos foram Antonio Luís Lachi, José Luís Sanfelice, Kiyoshi Rachi e eu. Com exceção de Sanfelice que após a sua demissão ingressou na UNICAMP, os outros três professores mencionados foram readmitidos em junho de 1979.

TUD: nenhum desânimo, nenhum apoio oficial (II)⁹⁵

Dizíamos ontem que o TUD não tem correspondido à expectativa que criou e ao apoio que lhe tem sido dispensado pela população douradense. Hoje trataremos da falta de apoio oficial.

Depois de muito pensar somos levados a acreditar que aqui em Dourados um professor, um grupo teatral, desde que interessado a prestar algum serviço à comunidade deve filiar-se a essa ou aquela facção política para obter o apoio necessário que lhes é imprescindível. Caso contrário entra em cena uma guilhotina invisível, acionada também por mãos que não vê e rola mais uma cabeça. Permita o bom Deus que estejamos enganados e que esse nosso raciocínio seja apenas aspectos criados por mentes de esforços infrutíferos. Entretanto, enquanto não nos for provado o contrário, somos levados a continuar pensando assim dadas as evidências dos fatos.

Enquanto funcionava no então CPD o Teatro Universitário de Dourados e nós particularmente fomos assediados várias vezes e nessas oportunidades nos propunha um pretense candidato a vereador, que felizmente nem pela convenção passou, que saíssemos de vila em vila, de distrito em distrito apresentando nossos trabalhos e o anseio seria aproveitado para campanha política.

Tendo saído do CPD, num belo gesto de solidariedade, o Teatro Universitário de Dourados bateu às portas da SEMEC – Secretaria Municipal de Educação e Cultura –esperançoso de que pelos serviços prestados à comunidade haveria de receber todo o apoio daquela Secretaria.

⁹⁵ Publicada no Jornal de Notícias: 06/07/1978.

Diga-se, a bem da verdade, nenhuma proposta política foi feita ao grupo, mas o apoio que se esperava resumiu-se na providência tomada pela professora Luiza Vasconcelos que conseguiu junto ao Sr. Walter Brandão o Clube Social para os ensaios do grupo.

A partir de fins de março, início de abril o TUD tem ensaios no Social, mas não pode utilizar palco porque este é ocupado pelo material de som do conjunto SOS que se recusa a tirá-lo às terças e quintas-feiras devido o peso do instrumental e alegando que quem paga as despesas de iluminação é o conjunto. Mesmo assim o TUD, há dois meses meio vem ensaiando a peça “Maria Poesia” que deveria ser estreada em 15 de julho. Todavia, os ensaios são feitos na pista de dança do Social, o que torna muito difícil a marcação do espaço cênico, em prejuízo da estréia da peça.

Se a falta de apoio oficial for devido a desconhecimento do problema está resolvido.

Para o TUD grande prejuízo e maior satisfação⁹⁶

Abordaremos hoje a participação do Teatro Universitário de Dourados na Festa Junina promovida pela Secretaria de Promoção Social da Prefeitura Municipal que, diga-se de passagem, proporcionou ao povo douradense momentos de lazer diferentes daqueles a que está acostumado.

Antes de entrarmos no assunto diretamente, queremos abrir um parêntese para cumprimentarmos a SELETA por ter recebido o Troféu Imprensa pelo fato de sua barraca ter sido escolhida pelos jornalistas locais como a melhor da festa.

E agora, ao assunto. A participação do Teatro Universitário de Dourados na II Festa Junina fez-nos lembrar de um filme que assistimos quando garoto. Perdoem-nos os prezados leitores o fato de não nos lembrarmos o nome do filme e os de seus protagonistas. A estória girava em torno de dois irmãos, um deles ganhou um prêmio de física (Nobel?), o outro para grande desgosto dos pais escrevia estórias infantis. No final da estória o escritor, em visita a uma determinada cidade, foi recebido e aclamado por milhares de crianças. Estava dando também a ele um grande prêmio. Assim a estória, como todas do gênero, teve um final bastante feliz.

Esclarecemos a semelhança do filme com a participação do TUD na Festa. O TUD movimentou vinte e cinco pessoas que ativa e diretamente participaram dos trabalhos, num total de aproximadamente 600h/h. Se cada uma dessas pessoas tivesse ganhado Cr\$ 100,00 (cem

⁹⁶ Publicada no Jornal de Notícias: 30/06/1978.

cruzeiros), por dia, teríamos um total de Cr\$ 7.500,00 (sete mil e quinhentos cruzeiros). Ganhou o Teatro Universitário do comércio local Cr\$ 4.000,00 (quatro mil cruzeiros) entre madeira, gêneros e dinheiro. Temos então um total que poderia ser considerado despesa de Cr\$ 11.500,00 (onze mil e quinhentos cruzeiros). Como o lucro líquido da barraca girou em torno de Cr\$ 3.000,00 (três mil cruzeiros), conclui-se que o Teatro Universitário de Dourados teve nesta festa um prejuízo de Cr\$ 8.500,00 (oito mil e quinhentos cruzeiros).

Restou ao grupo a grande satisfação de ter proporcionado à população douradense, especialmente à petizada, o seu Teatro de Fantoches que agradou em cheio. Dizem os componentes do grupo que os cumprimentos que têm recebido dão alento para que continuem o trabalho que há quatro anos foi iniciado.

Dourados é pela paz⁹⁷

Dia 3 de abril de 2003 foi um dia de relevante importância histórica para Dourados. Dezenas de entidades de classe, grêmios e diretórios estudantis, intelectuais, políticos, sindicatos, enfim, os mais variados segmentos da sociedade douradense se fizeram representar num ato público pela paz mundial. Vestidas de branco, em sua grande maioria, as pessoas enfrentaram com o mais elevado espírito de cidadania um calor intenso para demonstrarem que não é possível no terceiro milênio termos qualquer tipo de guerra.

O mundo continua cruel, é verdade. No entanto, pela primeira vez na História da Humanidade, o povo, o cidadão comum, em todas as partes da Terra sai às ruas para se manifestar contrariamente aos atos de guerra e em favor da paz. O significado dessas manifestações que leva milhares, algumas vezes milhões de pessoas às ruas será louvado no futuro como um dos avanços mais significativos no processo civilizatório.

A barbárie, que persiste em vigorar em algumas partes do mundo, não será exclusividade de nossos tempos. No futuro seremos reconhecidos como cidadãos da paz. Historiadores contarão em suas obras que pessoas comuns foram capazes de se sobreporem aos interesses materialistas do Império em nome de um mundo mais fraterno.

Pessoas comuns, dissemos. E, na verdade, nem a imprensa conseguiu identificar os idealizadores do movimento. Não é interessante?

Lá estavam as Universidades, os Colégios, as Entidades de Classe, Clubes de Serviços, Sindicatos, políticos, intelectuais, representantes da

⁹⁷ Publicada no Dourados News: 03/04/2003.

comunidade árabe, mas nem essas representações sabem ao certo como o movimento surgiu e aconteceu.

Alguns poderão dizer que houve reuniões preliminares, mas quem as convocou? Onde foram realizadas?

Não obstante, centenas de pessoas lá estiveram, em nome da paz, em nome da fraternidade, em nome da cidadania.

Talvez ainda tenhamos que realizar muitos atos públicos, talvez tenhamos que realizar muitas outras caminhadas tão lindas como a de 3 de abril em torno da praça Antonio João, em Dourados, em torno da Torre Eifel, na Praça São Pedro (*Piazza San Pietro*), em Washington ou Bangladeshi, mas o mais importante é podermos acalentar a esperança de dias melhores, é termos a possibilidade real de acreditarmos que um mundo melhor é possível.

Estamos todos, os que estivemos presentes na Praça Antonio João, de parabéns. Dourados está de parabéns. Todos os que sonham estão de parabéns. Que venha a paz universal.

O triste adeus às estátuas⁹⁸

Ano 1978, século XX, civilização... civilização? Civilização, já que mencionei, do Concreto. E para quem ainda não sentiu o drama, verdadeiro drama infelizmente, vivemos numa civilização de concreto. Chega de filosofar, de historiar, de rimar, de pensar, de amar... o único verbo que se pode conjugar tranquilamente na atualidade, apesar de não existir, ainda, é o verbo concretar.⁹⁹

Vantagens em vivermos nesta Era existem, e muitas, não é necessário mencioná-las porque todos desfrutamos de uma série de benefícios sem os quais nos sentiríamos como pequeninos seres. Ocorre que muitas das vantagens que desfrutamos são verdadeiros engodos, pois como diz o velho, mas não desgastado adágio, “nem tudo o que reluz é ouro”.

Na antiguidade Clássica, um povo, o grego, repudiava todo e qualquer trabalho que precisasse ser realizado com o uso das mãos. Bem, talvez porque a Grécia tenha sido o berço da filosofia e seus habitantes dedicassem-se, por conseguinte à reflexão, desprezavam tudo o que fosse manufaturado (do latim *manufatura*: feito à mão). Parece-nos óbvio, portanto, em termos comparativos, que a Civilização do Concreto despreza tudo o que é pensado e tudo o que é manufaturado, pois não é um processo mecânico.

Talvez por ser mais prático encher uma betoneira e logo após jogar a mistura em armações de madeira, é que nos tempos hodiernos a

⁹⁸ Publicada no Jornal de Notícias: 01/06/1978.

⁹⁹ Ainda hoje, refiro-me a 2009, o meu corretor ortográfico não considera a existência do verbo concretar, tanto que o sublinha em vermelho. O verbo, no entanto já existe, está dicionarizado.

grande maioria dos monumentos são originados em concreto armado. Muitos, diga-se de passagem, são belos, atraentes e compreensíveis; a maioria, entretanto, é de muito mau gosto e o que é pior, precisa-se ser um entendido em arte para saber-se o significado de certos monumentos. (Os leitores sabem que existe na Praça Antonio João um monumento à Bíblia?).

As estátuas pouco a pouco vão sendo envolvidas pelo concreto e desaparecendo; nosso povo vai se acostumando a ler os nomes de nossos heróis. Nossos netos, nossos descendentes enfim, não poderão ver a figura esculpida de um Antonio João, Marcelino Pires, Nelson de Araújo e de uma série de grandes heróis nacionais e de pró homens de toda a região.

Por nós que se espalhem estátuas pelos quatro cantos. Ou será que estamos ficando retrógrados.

Dourados necessita da Casa de Cultura¹⁰⁰

Dourados cresce, agiganta-se para merecer foros de cidade grande. Paralelamente a esse desenvolvimento surgem novas escolas, melhora a assistência médico-hospitalar, desenvolve-se um comércio mais pujante, pensa-se na construção de um grande estádio para a prática do futebol, planeja-se a urbanização, enfim, vai-se dotando aos poucos a população de melhores padrões de vida e melhores meios de entretenimento. Por outro lado, lamentavelmente, aumentam também as condições que levam ao vício, colocando especialmente nossa juventude em risco de transformar-se em verdadeiras marionetes sem condições de controlar seus movimentos, seus sentimentos e suas próprias vontades.

Urge que se tomem providências, que se adotem medidas no sentido de propiciar aos nossos jovens entretenimento salutar e condições para um sadio desenvolvimento cultural para que não se percam nas veredas escuras e imundas do vício que levam irremediavelmente à marginalização.

Alguma coisa tem sido feita em Dourados pelas nossas forças vivas no sentido de propiciar à população momentos de lazer, encontros culturais e desportivos. Tudo isto, todavia, tem sido muito pouco, uma verdadeira gota d'água num rio, levando-se em conta o muito que há por fazer.

Apresentaremos hoje uma sugestão, que, aliás, já não nos pertence felizmente, porque se tornou uma bandeira do Teatro Universitário de Dourados e de alguns que militam na imprensa falada e escrita. Trata-se da criação em Dourados de uma Casa da Cultura.

Nossa cidade, pelo que nos consta, possui quatro grupos teatrais,

¹⁰⁰ Publicada no Jornal de Notícias: 22/06/1978.

um conjunto musical e vários grupos folclóricos que poderiam muito bem partilhar entre si uma Casa da Cultura oferecendo à população douradense várias opções tanto em termos culturais como em gênero artístico.

Falando-se nesse assunto, o prezado leitor já observou como o Clube Social tem uma fachada atraente para transformar-se em Casa da Cultura?

Encontro de corais¹⁰¹

A primavera começou um pouco mais cedo em Dourados, no dia 19, último sábado, com a realização do 19º Encontro de Corais no Clube Indaiá, numa promoção da Fundação de Cultura e Esportes do Município.

Adilvo Mazzini, o iniciador e grande responsável pela sobrevivência deste empreendimento deve estar satisfeito, hoje o Encontro de Corais tornou-se um evento obrigatório. Qualquer que seja o prefeito eleito, o diretor da Fundação de Cultura escolhido, o Encontro tem que ser realizado, caso contrário estará se rompendo uma tradição que se tornou sagrada para Dourados. E a ruptura com o sagrado é pura imprudência.

Nove grupos se fizeram presentes, proporcionando mais de três horas de espetáculo, pura enleação do espírito. Nem a chuva, nem a intromissão do frio, em época que não lhe é reservada, impediram a presença de público. Seiscentos ouvintes calculo eu, atentos, embevecidos em não raros momentos, acompanharam cada canto, num espetáculo maravilhoso de profundo respeito entre os artistas e os espectadores.

Vários grupos foram aplaudidos em pé, inclusive os dois que representaram Dourados, todavia, confesso o Coral da Motta, que encerrou o Encontro, arrancou-me um sonoro *bravo!* Um espetáculo digno de qualquer palco. Arrepiante!

E eu, que nos idos de 1975, 76, viajava toda santa semana pela Viação Motta, fazendo o percurso Dourados/São Paulo e vice-versa,

¹⁰¹ Publicada em “O Progresso”: 23/09/1998.

confesso publicamente que perdoou de coração todo o desconforto sofrido em tais viagens, pelos momentos de enlevo que a empresa proporcionou-me através de seu Coral.

Se faço essa confissão não é por nenhuma questão pessoal, mas para chamar a atenção dos empresários de Dourados. Quantas promoções culturais não deixam de ser realizadas aqui por falta de patrocínio financeiro? Quantos estabelecimentos bancários, com lucros significativos nessa região, não poderiam contribuir com eventos dessa natureza?

Será que um banco, uma grande cerealista, uma casa comercial ou uma indústria de Dourados comprometeriam seus respectivos balanços financeiros se, por exemplo, pagassem um jantar a um desses grupos? Se patrocinassem a apresentação de um grupo de teatro, de dança, de música, ou qualquer outra atividade cultural?

Não creio. Ademais, atualmente existem leis que favorecem com descontos de impostos àqueles que incentivam a cultura. Além disso, é muito provável, alguém que cansou as pernas numa fila, olharia com mais benevolência para o banco que através de um patrocínio cultural lhe proporcionou horas agradáveis. E o cliente em geral, tomado de simpatia, com certeza daria preferência àquela firma amiga da cultura!

Você é nosso convidado¹⁰²

Nossa pequena experiência para a realização de grandes festivais e a incerteza quanto à obtenção de recursos financeiros não arrefeceram o nosso ânimo. Começa hoje, 11 de novembro, o II Festival de Teatro Universitário de Dourados, o FESTUDO, numa promoção da UEMS, UFMS, UNIGRAN, FUNCED e FESMATE e com a colaboração do SESI e de todos os órgãos de imprensa do município.

Você é nosso convidado. E para que não decline desse convite queira fazer a gentileza de prosseguir com a leitura desta crônica para alfm concluir se não valerá a pena se fazer presente.

O FESTUDO tem por objetivo promover a arte cênica incrementando-a na região. Nossa visão é de que teatro é arte e arte é cultura e que, se obtivermos sucesso em entusiasmar a nossa juventude com atividades culturais, teremos uma sociedade com menos problemas de ordem social. Por outro lado, independentemente deste aspecto, achamos justo que a sociedade douradense possa contar com opções culturais, a exemplo do tradicional Encontro de Corais que é promovido em nossa cidade há dezenove anos.

No dia 11, às 20h00 no Teatro Municipal, haverá a solenidade de abertura do FESTUDO com apresentação do Coral *Instrumenta Vocalia* e performances do Grupo de Teatro da UEMS, do Teatro Universitário de Dourados e, para fechar a cerimônia, a participação de nosso poeta maior, Emmanuel Marinho.

¹⁰² Postada em 1998, em: www.biasotto.com.br

A entrada nesta festa de abertura é franca, mas nós estaremos a postos no saguão do Teatro, oferecendo-lhe ingressos para os outros espetáculos do Festival ao preço de C\$ 3,00 (três reais). Isso mesmo! O ingresso antecipado será vendido por apenas três reais, embora temos plena consciência que valham muito mais.

Nos dias seguintes, 12, 13, 14 e 15 de novembro, sempre às 20 horas, teremos, respectivamente, a apresentação das peças: Plantonista Wilma, Rubens/Artaud, Prometeu e a e Apareceu a Margarida.

Nos dias 13, 14 e 15, às 15 horas, serão apresentadas, respectivamente, ao público infantil as peças: A vassoura da bruxa; As cores da Imaginação e O Feitiço da Chuva que alagou a Vila Verde, cidadela dos trapeados.

As peças foram seleccionadas por uma equipe de professores indicados pelas três universidades de Dourados e, com toda a certeza, podem ser recomendadas a um público exigente.

A qualidade destes espetáculos anunciados nós garantimos. Um bom público, por sua vez, além de contribuir para maior brilhantismo do Festival, garantirá a sua realização no ano que vem. E, assim, quem sabe não teremos no ano 2000 o IV FESTUDO?

A bailarina médica¹⁰³

Parece brincadeira, mas tenho dificuldades enormes em sentir inveja, preguiça e orgulho.

A inveja atrasa a vida, muitas pessoas que têm possibilidades de construir projetos maravilhosos prendem-se muitas vezes a projetos alheios e perdem a possibilidade de criar. Pior, preocupados com as realizações dos outros perdem a força interna para impulsionarem as suas próprias obras. Não tenho inveja, mas que o corpo de dança da Academia Anna Pavlova parecia voar suavemente na apresentação de Dom Quixote isso é verdade.

A preguiça, confesso, é coisa que gostaria de ter. Ao menos de vez em quando. Mas é difícil. Passo meses e meses sem sentir o mínimo de vontade de ficar absolutamente sem fazer nada. E olha que sou um defensor do ócio criativo. Penso que a grande produção cultural e intelectual da humanidade foi produzida graças ao ócio. Quem trabalha muito não tem tempo para a criatividade. Quero ver se no futuro consigo arrumar algum tempo para a preguiça, ficar esticado numa rede ou deitado à beira da piscina ou do mar dando asas à imaginação. Mas se não me levou à preguiça, confesso que o corpo de dança da Academia Anna Pavlova tirou-me do duro mundo do trabalho e enviou-me para o mundo encantado da fantasia.

Quanto ao orgulho também não me pega fácil. Mas, confesso, às vezes sinto uma ponta de orgulho de algumas coisas que mal consigo disfarçar. Deus que me perdoe. Agora mesmo, confesso que estou sen-

¹⁰³ Escrita em 26/11/2003 essa crônica foi postada em: www.biasotto.com.br

tindo certo orgulho de ser palmeirense. Não somente pelo fato de ser campeão da segundona, mas por ter proporcionado, ao mesmo tempo, vários exemplos dignos, sendo que o mais importante é ter contribuído, juntamente com o Botafogo, para a moralização do futebol brasileiro.

Mas não é de futebol que queria falar. Desejava dizer sobre o orgulho que sinto das boas coisas de minha cidade. Mas são tantas! Nossas avenidas, nossos lagos, nossas flores... queria falar sobre o orgulho que sinto de nossa gente que cria, os nossos trabalhadores, poetas, músicos, escritores, cientistas, artistas teatrais e outros artistas das mais diferentes estirpes, Mas também são tantos, “que não lhes posso contar”.

Restrinjo-me, portanto, a um espetáculo atual, a montagem de Dom Quixote, pela Academia Anna Pavlova, dessa incansável Léa Magrini que, não obstante todas as dificuldades de se fazer arte no interior desse nosso país, tem persistido com tenacidade, e, como ela própria afirmou, “como Dom Quixote, enfrentamos os moinhos de vento...”. Falo da ponta de orgulho que sinto em poder assistir em minha cidade espetáculos tão maravilhosos como o já citado Dom Quixote e o Lago dos Cisnes. Poucas são as cidades brasileiras do porte de Dourados que conseguem produzir obras dessa envergadura. Falo também da ponta de orgulho que tenho em me sentir um pouco responsável por termos hoje em nossa cidade uma bailarina da qualidade técnica de Michelle S. Saramago. Isso porque ela não veio para Dourados unicamente para dançar, veio em virtude do curso de Medicina que implantamos em Dourados. Veio para ser médica, a bailarina vai ser médica, mas creio, jamais deixará de ser bailarina pois a medicina está no seu aprendizado, mas o balé em seu sangue.

Quando assisti ao espetáculo O Lago dos Cisnes, produzido pela Academia Anna Pavlova, ano passado, vivi momentos de grande fruição. Nesse ano, com Dom Quixote não foi diferente, mas desta feita lembrava-me constantemente de Ana Botafogo, a mais consagrada bailarina brasileira. Não sem razão.

Melhor de tudo é que Dourados graças as suas academias de dança e a Michelle S. Saramago, está produzindo uma geração de bailarinas muito promissoras. Se Michelle brilhou não brilharam menos outras solistas que não nomino para que a minha ignorância não me conduza a erro. Mas, estou certo e o futuro dirá: o balé a poesia, o teatro, o canto coral destacarão Dourados no cenário nacional.

Que esse tipo de orgulho tome conta de mim e de todos os douradenses. E viva a Cidade Universitária de Dourados.

A bailarina que vai ser médica¹⁰⁴

Logo após a apresentação da peça Dom Quixote, pela Academia Anna Pavlova, em 26/11, ainda extasiado com o esplendor do espetáculo, escrevi um artigo elogiando todo o elenco comandado por Léa Margrini e especialmente elogiei a bailarina Michelle Saramago que quando entrava em cena me lembrava Ana Botafogo pela desenvoltura de seu desempenho e leveza de seus passos.

Ainda no mesmo artigo teci elogios rasgados ao conjunto do espetáculo e sobre os talentos que despontam naquela academia.

Não deixei inclusive de confessar que sentia certa ponta de orgulho pelo fato de Michelle Saramago estar em Dourados graças ao curso de Medicina, criado em minha gestão no CEUD e que, portanto, eu me sentia um pouco responsável pelo sucesso de Dom Quixote. Do fato de Michelle vir para ser médica e atuar como bailarina surgiu o título dessa crônica.

Não obstante o artigo ser elogioso, não o encaminhei para publicação por duas razões. A primeira é que esse negócio de ponta de orgulho não me fica bem e a segunda é porque sabia que em breve outra tradicional academia de balé douradense, a Maria Esther, faria também o seu festival e eu desejava vê-lo para não cometer eventuais injustiças.

Foi a minha sorte. Tive a oportunidade de assistir a outra encenação magnífica. Nas apresentações das duas academias mencionadas fui transportado aos poucos e suavemente para o mundo mágico da fantasia. Tanto o Dom Quixote encenado pela Academia Anna Pavlo-

¹⁰⁴ Postada em 2003 na seção de crônicas do site www.biasotto.com.br

va como o Corsário da Academia Maria Esther fizeram com que ao final, como que despertando de um sonho, eu me encontrasse em pé, aplaudindo entusiasticamente. E não que tivesse perdido o senso, pois, não era o único, todo o público presente se levantou para aplaudir. Em pé, aplaudimos neste ano de 2003, da mesma forma que o fizemos em 2002 ao assistirmos aos espetáculos dessas academias.

Entusiasmado e otimista concluo que poucas são as cidades do porte de Dourados cujas academias de balé produzem espetáculos do nível que apresentaram as nossas academias Anna Pavlova e Maria Esther; poucas são também as cidades que produzem um Festival de Teatro Universitário, um Encontro de Corais e que têm poetas, cineastas, conjuntos musicais e conjuntos de dança de rua. Poucas também são as cidades do tamanho de Dourados onde se produz tantos trabalhos científicos e literários.

E que dizer do Centro de Tradições Nordestino com seu conjunto de danças? O Centro de Tradição Gaúcha, com suas danças típicas e folclóricas? A casa Paraguaia? As danças e músicas indígenas? E o Clube Nipônico, com as suas promoções culturais, mantendo vivas as tradições dos migrantes japoneses? E os nossos ateliês com suas fantásticas produções de variadas obras de arte? E os nossos artesãos?

Que os seus filhos Dourados, tanto os naturais como os adotivos, continuem lutando por ti, não obstante as inúmeras dificuldades encontradas, não obstante o pouco incentivo que recebem, não obstante as mazelas da vida. Mil vivas para você, minha cidade querida e para a sua Cidade Universitária que, com certeza nos trará muitos outros eventos culturais.

A fábula da coruja e a cidade de Dourados¹⁰⁵

Bela manhã saiu o gavião à caça de seu alimento quando foi abordado pela senhora coruja que, também ela, buscava a alimentação para os seus filhos que a esperavam ansiosos no aconchego do ninho. Educadamente, após os cumprimentos de praxe que existe entre os pássaros, a prestimosa mãe, sabendo, evidentemente, do risco que os filhos corriam, pois poderiam virar a comida do voraz gavião, solicitou-lhe que poupasse os seus filhotes.

Diante da insistência de mamãe coruja o gavião perguntou-lhe como haveria de reconhecer os seus filhos, ainda tão novos? Sem pestanejar respondeu-lhe a coruja que não poderia haver dúvidas, bastava que ele poupasse os filhotes mais lindos da floresta. Concordou o gavião em não comer os filhotes mais lindos da floresta e ambas as aves seguiram os seus respectivos destinos.

Fartou-se o gavião. A coruja também não fez viagem em vão, só que para a sua decepção, ao chegar ao ninho encontrou somente algumas penas. Desesperada, voou até a residência do gavião, que se estava tranquilo, e com toda a sua indignação cobrou-lhe a promessa de que ele não comeria os seus filhotes. Ora, dona coruja, como não cumpri a promessa se comi os filhotes mais feios que encontrei?

Por isso, desde o dia em que esse fato aconteceu, até hoje, costuma-se chamar de mães corujas àquelas que muito protegem, muito mimam, muito enaltecem os seus próprios filhos.

¹⁰⁵ Publicada em “O Progresso” 04/03/2004.

Existem também os cidadãos corujas, ou seja, aqueles que amam de tal forma a sua cidade que somente enxergam nela coisas boas. Esses cidadãos corujas agem dessa forma porque foram influenciados ao longo de suas vidas a amarem a terra onde nasceram ou que os acolheu. Essa influência vem do berço, da escola, do rádio, dos jornais, da televisão. Normalmente são cidadãos otimistas e esperançosos que somam e exalam de tal forma fluidos positivos que sua cidade acaba se tornando realmente bonita, agradável, aconchegante. Não por ilusão coletiva, mas porque todos são capazes de trabalhar em prol daquilo em que acreditam.

Responsáveis pela formação da opinião pública, os meios de comunicação acabam exercendo uma influência muito grande nos destinos de uma cidade. Se houver um clima favorável, tudo conspira para dar certo. Se, ao contrário o clima for de negativismo, nada dá certo.

Isso tudo pode ser facilmente medido em cidades que deram certo, em projetos que obtiveram sucesso, em famílias que souberam construir a felicidade.

Dourados deveria ser pensada também sob esse enfoque. Estudada sob esse aspecto. Pessoas vindas de outros estados não se cansam de elogiar a nossa cidade, levam fotos de nossos canteiros cuidadosamente zelados, de nossos ipês floridos. Impressionam-se com a qualidade de nossas terras, com a vitalidade de nosso comércio, com os campus de nossas universidades, com a imensidão de nossos parques, a largura de nossas avenidas, a limpeza de nossas ruas, a arborização frondosa, a enormidade de nossa reserva indígena, a convivência harmoniosa entre as muitas etnias que fazem de nossa cultura uma das mais ricas do Brasil.

Enfim, não precisamos ter medo de dizer aos gaviões (e urubus) que nos espreitam para não comerem esse filhote que nos legaram os nossos pioneiros, pois Dourados é linda e se continuar sendo bem administrada por mais duas ou três gestões, haveremos de ocupar um lugar privilegiado no concerto dos demais municípios brasileiros.

É hora de buscarmos o equilíbrio. Ou seja, sem ufanismo, que é uma forma de amor exagerado, mas com o cuidado para não formarmos uma opinião pública de contagiante pessimismo.

O CAM e o MUSEU: uma cajadada, dois coelhos¹⁰⁶

“a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte.
a gente não quer só comida, a gente quer saída para qualquer parte”.

Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Brito

Sempre acho meio ridículo quando as pessoas ficam alardeando os seus feitos, sejam pequenos ou grandes, no entanto as circunstâncias muitas vezes nos obrigam. Em março de 2003, tão logo assumi a Secretaria de Governo, dentre as várias iniciativas que tomei, uma delas foi a de visitar as obras inacabadas que tínhamos em Dourados, fossem elas do próprio município, do estado ou federais. Achava um absurdo ver tantas obras importantes abandonadas. Dentre elas estavam o Hospital Universitário, o esqueleto onde seria a Câmara Municipal, o Parque Arnulfo Fioravante e o Centro Administrativo de Dourados, o CAM, próximo ao Estádio Douradão.

Falemos do CAM. Um funcionário solitário que tomava conta do local levou-me a conhecer a obra. Andamos por tudo quanto é canto e fui avaliando a situação. Ato seguinte tomei conhecimento do projeto arquitetônico completo da obra, dos recursos que haviam sido investidos no local, procurei me informar sobre a sua história, inclusive com a suspeita de provável malversação das aplicações.

Confesso que a situação não era muito animadora, mas, após cuidadosa avaliação dos prós e contras, levando em consideração principalmente a recuperação de um patrimônio público que estava se de-

¹⁰⁶ Postada em 2006 na seção de crônicas do site www.biasotto.com.br

teriorando e a economia que o município faria em aluguéis, tomei uma decisão: levar o prefeito Tetila ao local para discutir a situação no local.

Tetila tinha o hábito de sair aos domingos, pela manhã, para vistoriar obras, conhecer problemas dos bairros, enfim, conhecer a realidade que administrava. Eu, que muitas vezes o acompanhara, como líder do governo na Câmara, não tive dificuldades em levá-lo a visitar o CAM em um desses domingos. Novamente o guarda do local nos acompanhou. Não foi preciso convencer o prefeito Tetila, pois a retomada daquela obra que estava parada há mais de 6 anos já era plano seu.

Passo seguinte foi levar o Secretário de Finanças ao local. Também não foi preciso convencer o saudoso Alaércio Abraão. Ele tinha a convicção de que uma obra que tinha custado tanto aos cofres públicos não poderia ficar abandonada.

A questão passou a ser técnico-jurídica e financeira. Técnico-jurídica devido às inúmeras pendências e financeira porque Dourados não consegue investir devido à monstruosa dívida que consome receitas como o Gargantua de Rabelais, personagem insaciável.

As questões jurídicas foram resolvidas por acordo judicial entre a Construtora e a Prefeitura depois de um esforço concentrado da equipe da Procuradoria do Município, com a coordenação da Dra. Jovina Nevoletti. A questão financeira foi resolvida pela equipe do Dr. Alaércio Abraão, depois de muito esforço no convencimento dos brasilienses que coordenavam a aplicação de um recurso aprovado pela Câmara em 2002, graças aos votos da bancada governista e mais o voto do vereador Gabiatti que, mesmo sendo dos quadros da oposição foi favorável ao Projeto.

As obras foram retomadas, novos problemas evidentemente surgiram, mas foram sendo resolvidos pelas novas equipes que Tetila montou em seu segundo mandato e neste início de fevereiro de 2006, não

obstante o atraso, a obra está pronta para receber cerca de quatrocentos funcionários e o próprio gabinete do prefeito.

Quanto ao museu, as discussões foram encaminhadas desde a retomada das obras do CAM, entre o prefeito, a coordenadora de cultura e eu. Lelian Paschoalicke, Tetila e eu estávamos de acordo em transformar o casarão da Rua João Rosa Góes, que seria desocupado, em Museu Municipal e Arquivo Público Municipal.

CAM e Museu são sonhos realizados. Dois coelhos com uma só cajadada. É claro que nem tudo saiu exatamente como idealizáramos, mas paciência, as visões sobre administração pública diferem muito. O Arquivo Público um dia ainda sairá, provavelmente onde funcionava a Procuradoria do Município, no mesmo casarão.

O patrimônio histórico-cultural de um povo¹⁰⁷

...e não dizemos nada.
Até que um dia o mais débil dentre eles
entra sozinho em nossa casa, rouba nossa luz,
arranca a voz de nossa garganta e já não podemos dizer nada.

Maiakovisk

Deve haver no Centro de Documentação Regional, na UFGD, um dossiê que conta a história de luta de um grupo de professores e estudantes de Dourados pelo tombamento do Clube Social. Tetila e eu estivemos na vanguarda desse grupo. Organizamos abaixo-assinados, postamo-nos em frente do Clube com faixas e cartazes. Fomos à casa do cidadão que era presidente do Clube àquela época para entregar-lhe cópia do dossiê com centenas de assinaturas pedindo que não transformasse aquele patrimônio histórico-cultural em um frio edifício. Tudo em vão. Além de não sermos atendidos tivemos que ouvir da esposa do presidente que nós deveríamos pensar no futuro e não no passado, que Dourados precisava se modernizar.

Imagino se hoje, ao invés de ruínas de um edifício que nem sequer chegou a ser concluído tivéssemos lá, na Avenida Teixeira Alves, ao lado do Banco do Brasil, o imponente Clube Social, com as suas colunas majestosas no pórtico de entrada, ensinando-nos sobre o passado. Sim, ensinando-nos, estabelecendo um elo entre o passado e o presente, trazendo inquietação às crianças e jovens que ao se depararem com esse tipo de obra desejam saber sobre a sua natureza, sua origem, sua utilidade.

¹⁰⁷ Publicada no Dourados News e Dourados Informa: 08/05/2009.

Podemos até mesmo não gostar da obra artística em si, mas ela, além de uma incursão ao passado, possibilita-nos a interpretação dos padrões estéticos de determinada época e o estágio de desenvolvimento cultural de uma cidade em determinado período histórico.

Podemos não gostar do carroção implantado no meio de uma rotatória de nossa cidade, no entanto devemos ter a percepção de que esse carroção, no momento em que é posto na rotatória deixa de ser um carroção para ser obra de arte, para ser elo entre o presente endoidecido pela velocidade e o passado, não tão remoto, mais moroso, mais tranquilo.

Podemos também não gostar das floreiras ao longo da Avenida Marcelino Pires, mas elas refletem a concepção urbanística de uma administração escolhida democraticamente pelo povo de nossa cidade. O Monumento ao Colono pode ser considerado de mau gosto (embora de mau gosto realmente seja o seu apelido), no entanto ele representa uma justa homenagem ao trabalhador que transformou a paisagem dessa região. E que dizer da estátua de Antonio João, motivo de tanta zombaria pela sua posição de queda?

Vem-me à mente o primeiro ano da administração Tétila, quando fazíamos uma (re)urbanização da Avenida Marcelino Pires e tivemos dificuldades em encontrar a cerâmica amarela que enfeita as floreiras. Elas foram buscadas no Rio Grande do Sul, mas mantivemos a concepção original. Isso tem nome. Chama-se respeito à coisa pública.

A única destruição do Patrimônio Público e Cultural ocorrido na administração Tétila, foi a retirada da rotatória localizada na Avenida Weimar Torres esquina com a Hayel Bom Faker. Particularmente fui contrário. Argumentei que em Maringá os técnicos em trânsito encontraram uma solução que compatibilizou maior fluência no tráfego com a preservação da obra colocando semáforos especiais na própria rotatória. Àquela época escrevi o trecho que abaixo transcrevo, mas não fui entendido.

“Rodo ao redor do redondo da rotatória. Rodo com rodas redondas, porque as rodas são somente redondas, inspiradas talvez no arredondado da Terra, que é esfera e que roda também em torno do Sol, que a atrai para si, sem poder tocá-la, da mesma forma que ela, a Terra, quem sabe orgulhosa, quem sabe por vingança de ser atraída, atraí a Lua para si. E, atraído, rodo e não me canso de olhar. Quero penetrar a beleza de cada pétala de flor que enfeita a rotatória redonda, e rodo para ver o jarro pintado, o bicho esmaltado. Rodo e não me canso de ver. O belo não cansa. E vejo bustos de homens esculpidos. Bustos lustrados. Pioneiros ilustres. E rodo que rodo e busco um busto de mulher. Mas quem sabe? Onde estará? Talvez passando um café.”

Quem sabe dia desses eu não escreva também sobre o monumento ao ervateiro e sobre as nossas ciclovias embora correndo o risco novamente de não ser entendido?

Livres de carros¹⁰⁸

Leio no portal Terra – 17/05/2009 – artigo de Elisabeth Rosenthal, do New York Times, sobre experiência muito interessante que está sendo realizada em Vauban, na Alemanha, em relação ao uso do carro. Lá os 5.500 moradores abriram mão do automóvel em benefício da saúde ambiental do planeta Terra e da própria qualidade de vida de seus moradores. Locomovem-se a pé e de bicicleta em ruas estreitas e quando desejam ir à Freiburg, cidade sede do distrito que fica próximo à Suíça, recorrem ao bonde, que corta o centro da comunidade. Não obstante ser um residencial de luxo, apenas 30% dos habitantes de Vauban possuem carros, mas eles ficam guardados em estacionamentos especiais localizados em zona periférica.

Vauban, concluída em 2006, segundo a autora do artigo, faz parte de uma tendência que se alastra pela Europa e pelos Estados Unidos e que é conhecida como “planejamento inteligente”. Milhares de pessoas no mundo inteiro e alguns governos europeus, como o caso do inglês, aplaudem e apoiam esses tipos de empreendimentos “livres de carros” (car-free), não somente pelas vantagens que já mencionamos acima, como também pela segurança e tranquilidade (no stress) que eles representam para as pessoas.

Desde a Segunda Guerra o desenvolvimento do Mundo Ocidental alicerça-se no automóvel. No Brasil, especificamente, a partir do governo Juscelino Kubitschek as fábricas de carros começaram a se instalar em nosso país e ditaram o nosso planejamento urbano e rural.

¹⁰⁸ Publicada no Dourados News e Dourados Informa: 19/05/2009.

O trem e o bonde ficaram estacionados em suas respectivas plataformas transformando-se em peças de museu. O ônibus jaz engarrafado nos enormes congestionamentos e o metrô insiste em caminhar por baixo da terra encarecendo custos e avançando a passos de tartaruga.

De tal modo o automóvel impôs-se ao mercado que se transformou em sonho de consumo e de certo modo contribuiu para com o capitalismo financeiro à medida que os consumidores, para não se privarem dessa comodidade, apelam para o financiamento de carros. Não à toa, a recente e ainda vivida crise capitalista mundial atingiu como um raio o setor automobilístico e muitos governos, não vislumbrando alternativas socorrem essas indústrias e, por via de consequência, (re) alimentam o mesmo modelo de desenvolvimento.

Em 1997 antecipando-me à tendência atual, escrevi uma crônica intitulada “meu fusca 61” concluindo que tudo tem a sua época, mas que o carro ainda iria se tornar o inimigo número um do homem a menos que mudássemos radicalmente a política de transportes nesse país. Em 2002, se não me falha a memória, apresentei uma indicação na Câmara Municipal, para estudos de viabilidade da implantação de um Trem Universitário para a nossa cidade. Pouquíssimos foram os que aplaudiram a proposta, ao contrário, muitos até zombaram da ideia.

Não é difícil de entender, portanto, porque em Dourados a atual administração está arrancando as ciclovias: caminhamos na contramão da história.

E, para não dizer que não falei em anel viário, ele explica-se na mesma lógica do desenvolvimento da indústria automobilística, portanto, não é a obra mais importante para Dourados, como nos fazem crer. É sim, uma, dentre as várias de nossas prioridades.

O ervateiro: a deposição simbólica de uma obra artística¹⁰⁹

Afirmar certa vez que a palavra, uma vez proferida, já não pertence ao seu enunciador. Da mesma forma ocorre com a poesia, com a música, com as criações artísticas de modo geral. O artista é o criador, e até pode receber direitos autorais, não há dúvidas, mas a sua criação, a partir do instante em que é divulgada ou exposta, passa a pertencer ao público e é interpretada pela crítica segundo concepções artísticas e conforme a época em que for avaliada.

Sou de opinião que primordialmente a arte imita a vida. Assim é desde a primeira manifestação artística que se conhece: um nu feminino esculpido há 35 mil anos em osso de mamute, conhecida pelo nome de Vênus de Hohle Fels (cf. Folha, 14/05/2009).

O que torna uma obra, mesmo que primitiva, em obra de arte? Pelo que entendo, é a capacidade do artista em transformar o real em simbólico e abstrato.

Pensemos em produção mais recente e muito mais famosa que a Vênus acima referida. Um quadro imortalizado de Leonardo Da Vinci, produzido no início de 1500. Mona Lisa não é uma transposição para a tela de uma modelo que pousou à frente do artista florentino. O quadro transcende às interpretações. O sorriso enigmático e inimitável de Mona não foi dado, foi criado. É arte pura, mas imita a vida.

E que dizer da obra mais conhecida de Pablo Picasso: *Guerника*? O painel de Picasso não é a Guerra Civil Espanhola de 1937, é uma representação da Guerra. A guerra em si foi inspiração, sua

¹⁰⁹ Publicada em “O Progresso”: maio 2009.

representação é arte. Arte imitando a vida, mesmo que seja o fim da vida, a morte. Guernica, como Mona Lisa são obras perpetuadas, imorredouras.

Em Dourados temos várias obras de arte que também se perpetuam, embora em âmbito regional. Tomemos duas: a estátua de Antonio João e o Monumento ao Colono.

O caro leitor acredita mesmo que o nosso herói nacional, Antonio João, teria tombado da forma como é retratado pelo artista que produziu a sua estátua? Cá entre nós, convenhamos, a estátua é representação, é arte, é uma idealização do autor que transformou a morte brutal em uma queda suave e até romântica.

Poucos conhecem o idealizador dessa obra, no entanto, sabemos que o prefeito Totó Câmara, quando reformou a Praça Antonio João, em meados dos anos 70, retirou a sua estátua do local, mas teve o bom senso de recolocá-la no mesmo lugar.

Outra obra artística de nossa cidade é o Monumento ao Colono, arquitetado por Luís Carlos Ribeiro e construído na Administração Brás Melo. As mãos espalmadas colocadas no cimo de um pequeno morro artificial elevam a figura do colono a um plano superior. É obra de arte, é representação, é homenagem, no caso, não ao herói individualizado, mas homenagem ao coletivo, saudação às mãos que produzem e quase nunca são convidadas para o banquete.

Poderíamos tomar muitas outras exemplificações de obras artísticas postas em nossas avenidas e parques, mas encerremos a nossa crônica de hoje falando do ervateiro.

Talvez muitos preferissem que fosse colocada na confluência da Avenida Marcelino Pires com a Presidente Vargas a estátua de Thomas Larangeira, no entanto, a Administração Tetila optou em homenagear o trabalhador coletivo dos ervais de nossa região. O ervateiro, da mesma forma que o Monumento ao Colono, Antonio João, Guernica, Mona

Lisa ou a Vênus de Hohle Fels, é representação. É arte. Arte pura, arte imitando a vida, concebida por Mestre Ciço.

Sua destruição, ao contrário, é ato vandálico, mas que também se reveste de um simbolismo profundo. O atual prefeito nem pensa em destruir, por exemplo, o Aterro Sanitário, o HU, a UFGD, o Shopping, enfim, nenhuma das quinhentas e cinquenta obras trazidas pelo PT para Dourados. Destrói um símbolo com um ato simbólico: ao amputar as pernas do ervateiro a atual administração tenta amputar a administração petista. Seria de rir não fosse trágico.

Quanto à retirada das ciclovias, nem precisamos apelar para que Freud explique. A mais elementar das análises é suficiente.

7. SOCIEDADE

Por uma terra sem males: romance de Walter Spada Betoni¹¹⁰

No dia 19 próximo, às 20 horas no Teatro Municipal de Dourados, em comemoração ao aniversário de nossa cidade, Walter Spada Betoni lança o seu segundo romance: “Em busca da Terra Sem Males”.

Em seu primeiro trabalho, publicado, com o título de “Tapeira”, Walter Betoni (re)visita talvez a sua própria infância, passeia pelas primeiras plantações de soja da Colônia Municipal de Dourados, especialmente na região que constitui atualmente o município de Itaporá, envolve-se com a vida dos pioneiros, valorizando principalmente os colonos que puseram abaixo as altaneiras perobas, imburanas, ipês e tantas outras espécies da Mata de Dourados para transformar a mata virgem em terra cultivável. Venturas e desventuras, labutas e diversões da vida cotidiana fazem de “Tapeira” não somente um livro de leitura agradável, mas uma fonte documental de relevante importância para a nossa história.

“Em busca da Terra Sem Males”, assim como a obra anterior, merece a nossa atenção. Aproveitemos as férias que se aproximam e incluamos em nosso roteiro de leituras esse trabalho que, tenho certeza, agradará aos leitores de modo que muitos o lerão num só fôlego.

¹¹⁰ Esse texto constituiu-se no prefácio do livro escrito por Walter Spada Betoni: “Em busca da Terra Sem Males”. Ed. Dinâmica: Dourados, 2002. Encontra-se também postado em: www.biasotto.com.br, seção de crônicas, 2002.

Honrado pelo autor para escrever o prefácio de seu trabalho, torno-o público, como está abaixo, com o objetivo de divulgar essa obra de relevante valor literário, histórico, antropológico e sociológico.

* *

*

Por uma terra sem males: Mais fácil buscar uma terra sem males que acabar com os males da terra. A terra sem males reside no imaginário, no maravilhoso; os males da terra são mais presentes, sentidos, sofridos, e extremamente complexos.

Não obstante, felizmente são muitos os que combatem os males da terra. Cada qual, ou cada grupo, ao seu modo e com os seus meios. Walter Betoni Spada, por exemplo, encontrou uma maneira extraordinária de prestar a sua contribuição ao escrever um romance que, além de anunciar e denunciar algumas mazelas da vida, oferece esperança àqueles que acreditam em um mundo onde se possa viver feliz.

A terra sem males é bem ali. Tão perto, tão próxima, tão sonhada... Logo adiante. A terra sem males é tão generosa, bela e farta que bem poderia ser uma ilha, nossa Utopia; ou um pomar edênico encravado entre belas colinas, ou pensamentos, um pouco mais adiante, ao Leste.

Consequentemente, a terra sem males é perfeitamente atingível, senão da forma como historicamente foi buscada pelos nossos irmãos índios, sob o ponto de vista físico e geográfico, ao menos se a concebermos como um “estado de espírito”.

Nesse sentido, a terra sem males pode estar até mesmo sob os nossos pés. Walter Spada Betoni a encontra em sua obra, para os seus personagens. Encontra-a para aqueles que se complementam na realização de um sonho amoroso; para os que se libertam ao se arrependem de erros passados; encontra-a para os que obtêm vitória na luta pela

posse da terra; encontra-a também para aqueles que, com sua dor, sua resignação, ou sua morte, contribuíram para atingi-la. Enfim, todos têm direito a uma terra sem males, principalmente os que jamais permitiram que morresse a esperança de encontrá-la.

Esperança sempre renovada. Tanto que, no desenlace do romance, exatamente quando toda a trama converge para o final feliz, quando a festa comemorativa de uma vitória atinge o seu auge, rufam os tambores de guerra anunciando que mais uma injustiça precisa ser corrigida.

Portanto, a terra sem males, no romance de Walter Spada Betoni não é apenas aquela buscada geograficamente; é uma terra que brota da esperança e é regada tanto pelo amor como pela luta; que é dura, feita de pranto, de guerra, de dor. Não obstante, o mais importante é o sentimento de que a terra sem males é bem ali...

* *

*

Tive a satisfação de conhecer o primeiro esboço do trabalho de Walter Spada Betoni nos idos de 1997, portanto, o nome da obra não foi plagiado da Campanha da Fraternidade promovida pela CNBB em 2001. Houve uma feliz coincidência. Coincidência explicada pelo desejo, talvez inconsciente, mas que se universaliza, de nos juntarmos aos nossos irmãos índios na busca por uma terra sem males.

O leitor tem às mãos um texto que transcende a uma história de amor, por mais bela que seja, e acaba debruçando-se sobre um romance de cunho sócio-cultural.

O enredo amoroso faz parte do conjunto da obra, prende a nossa atenção, mas todo o cenário restante, o que seria o pano de fundo, é preenchido por uma narrativa vigorosa que nos coloca em contato com a realidade indígena de Dourados, quiçá, por analogia, com a de várias outras regiões brasileiras.

Enfim, uma bela obra, mescla de romance com história, antropologia e sociologia, a inspirar-nos o desejo de que o texto imaginado se torne realidade de fato, e que a realidade vivida (por nossos índios) possa um dia não passar de coisa imaginada.

A música como fonte de reflexão¹¹¹

A música *Procissão dos Retirantes*, de Pedro Munhóz, com letra de Martin Cezar Ramires Gonçalves, uma das dezoito que integram o CD: “Canções que abraçam os sonhos”, lançado em fevereiro de 1999 no I Festival Nacional de Reforma Agrária é, dentre tantas outras, mais uma prova inequívoca de que o MST não é formado por um bando de baderneiros, mas um movimento de cidadãos com consciência política dos graves problemas sociais brasileiros e com um limite de tolerância dificilmente encontrado em outros países.

Veja o meu caro leitor, em alguns trechos selecionados, se o teor da música não está perfeitamente correto: “Terra-Brasilis, Continente / Pátria-Mãe da minha gente / Hoje eu quero perguntar / Se tão grandes são teus braços / Por que negas um espaço / Aos que querem ter um lar? (...) Eu não consigo entender / que nesta imensa nação / ainda é matar ou morrer / por um pedaço de chão! (...) Eu não consigo entender / achar a clara razão / de quem só vive prá ter / e ainda se diz bom cristão! (...) Eu não consigo entender / que em vez de herdar um quinhão / teu povo mereça ter / só sete palmos de chão”.

Essa, a exemplo de tantas outras músicas, ao contrário de incitar a luta armada ou ao invés de alienar o povo, procura mostrar que é possível um mundo melhor, mais justo, mais solidário, um mundo onde se possa viver mais feliz. Músicas como esta deveriam estar tocando em todas as rádios, executadas em todos os canais de televisão e, o povo brasileiro, ouvindo-as, poderia se posicionar favorável a uma reforma

¹¹¹ Publicada em “O Progresso”: 15/09/2003.

agrária pacífica, que tirasse nossos irmãos debaixo das lonas pretas. Porque quem apenas passa por um acampamento não sente o que é viver debaixo de uma lona. Seria preciso que passássemos ao menos uns dias acampados e, nesses dias, conseguíssemos experimentar alguns fenômenos naturais, como uma chuva torrencial ou um calor de quarenta graus. E, se nesses dias experimentássemos também alguns problemas com a nossa saúde? Um desarranjo intestinal durante uma noite chuvosa? Uma dor de dente daquela que se inicia na cárie de quem não pode cuidar-se e parece penetrar no cérebro?

O desconforto de não se poder sequer arrotar debaixo da lona preta, devido a vulnerabilidade das paredes passa longe, muito longe da compreensão da extrema direita brasileira. A disciplina vigorosa imposta nos acampamentos, onde não se pode tomar uma cerveja ou piscar para uma garota também não é sequer cogitado no meio daqueles que não conseguem entender que o MST constitui-se num movimento de gente humilde, expropriada, que luta com dignidade e com consciência política de sua pobreza.

Olhando por esse ângulo, sou de opinião que as ocupações de terras devam ser avaliadas como estratégia política pacífica daqueles que, mesmo acampados ao longo de rodovias, não conseguiram ser enxergados pelos seus irmãos possuidores de terras, casas, carros, empregos. E vou além, se não conseguirmos enxergar os sem-terra, os sem-teto, sem-alimentos, sem-alfabetização, não conseguiremos evitar no futuro a radicalização desses movimentos, o que será muito pior para toda a sociedade.

No Brasil não se pode mais conviver com tanta desigualdade. As elites agrárias precisam entender que o mundo mudou. Não estamos mais na época em que a terra era o único sinônimo de riqueza e poder. Hoje, existem indústrias, edifícios, comércio, bolsa de valores e outras milhares de maneiras de se investir dinheiro e garantir rendas muito maiores que a exploração da terra.

Depois essa mesma elite é a primeira a pedir segurança.

A sociedade brasileira e os governantes que a representam têm que fazer muitas opções nesse terceiro milênio, dentre elas uma é construir cadeias de segurança máxima, outra é assentarmos essas pessoas, abriremos mão de alguns milhares de hectares que estão reservados à especulação para diversificarmos as nossas atividades e termos menos medo e mais alimentos em nossas mesas, menos cadeias e mais escolas.

Marchemos¹¹²

A turba avança destemida. Homens, mulheres e até crianças integravam a marcha. Passos firmes, destino certo: a capital. Tamanha determinação contrasta com o porte físico dos caminhantes: corpos desprovidos de qualquer espécie de celulite, rostos sofridos; usam sandálias e vestem roupas simples como a dos camponeses pobres.

Caminham. Como os peregrinos medievais, parecem não sentir cansaço. Talvez a endorfina liberada pelo organismo lhes traga alguma compensação. Quem sabe lhes mova a fé, o alento de conquistar melhores dias para os seus.

Na capital, homens bem apessoados, sempre alegres, mesmo quando fingem estar preocupados com algo, aguardam. Não há surpresas. Seus arautos já lhes informaram de tudo. Sabem quantos são, a hora e o minuto em que chegarão, onde serão instalados e até mesmo o que será dito por eles.

É verdade que houve um momento de apreensão. Os homens bem vestidos da capital se assustaram quando viram algumas fotos dos caminhantes. Pensaram que os instrumentos que portam fossem armas mortíferas e que as suas expressões indicassem ares maldosos.

Logo, entretanto, os homens de rosto rosado, ficaram tranquilos. Foram informados de que as expressões não eram maldosas, mas de sofrimento e que aqueles instrumentos eram apenas ferramentas primitivas de trabalho.

¹¹² Publicada em “O Progresso”: 17/04/1997.

Passado o susto inicial os bem apessoados da capital passaram a discutir a melhor estratégia para receber os caminhantes. Puseram-se a pensar e eu, por telepatia, captei dois desses pensamentos que jamais foram publicamente expressos. Um dos senhores pensantes da capital imaginou metralhá-los, mas logo desistiu da ideia porque se lembrou de Eldorado dos Carajás onde bastou que se matasse apenas dezenove para que houvesse repercussão internacional. Outro pensou em contratar bandidos fardados para exterminá-los em pequenos grupos, mas também desistiu da ideia porque recentemente um cinegrafista amador flagrou a polícia dando cacetada em cidadãos indefesos. Embora só tenha matado um, a imprensa, sensacionalista como sempre, repetiu a imagem à exaustão.

Finalmente um desses senhores, expôs alto e em bom som a sua ideia que, segundo ele próprio não tinha nada de novo e que já estava sendo utilizada no país há mais de quatrocentos anos: vamos recebê-los, disse ele, ouvi-los, vamos abrir o diálogo.

Ao fazer silêncio para ouvir os pensamentos dos homens de ternos finos não pude deixar de ouvir também, e com maior nitidez, o som dos passos da gente que caminha, que avança, que marcha resoluta na busca de um pedaço de terra. Quiçá da terra que lhes dará os frutos para criar seus filhos com dignidade, quiçá da terra que lhes cobrirá os cadáveres.

O anacronismo do MST¹¹³

Dia 10, quinta-feira, às 19h30min, teremos, na Câmara Municipal de Dourados, a abertura da exposição de fotos de Sebastião Salgado. A partir do dia 11 e até o dia 17, além da Câmara Municipal, a Exposição será feita também no CEUD/UFMS. Na oportunidade estarão à venda 45 fotos em 56 x 75 cm, um livro com textos de Saramago e um CD de Chico Buarque com o tema Terra.

Dourados não é, entretanto, a única cidade a merecer tão especial deferência, as fotos de Sebastião Salgado, além de se encontrarem à disposição dos usuários da Internet, estarão sendo expostas em outras 299 cidades em todo o mundo, concomitantemente.

Algumas das fotos de Sebastião Salgado enfocam o MST e são tão significativas que senti necessidade de escrever a minha crônica de hoje sobre esse Movimento que, a meu ver, precisa ser mais bem compreendido por amplos segmentos de nossa sociedade.

Todos os países desenvolvidos já realizaram cada qual ao seu modo e em seu tempo, a sua Reforma Agrária. E, se por um lado não podemos atribuir o estágio de desenvolvimento desses países única e exclusivamente à Reforma, por outro não podemos considerar uma mera coincidência o fato de que onde houve Reforma Agrária houve desenvolvimento.

No Brasil, jamais tivemos uma Reforma Agrária, apenas arremedos. Mas em nossa região, onde foi feita uma boa experiência, os resultados foram satisfatórios. Que o digam os moradores de Glória

¹¹³ Publicada em “O Progresso”: 09/04/1997.

de Dourados, Deodápolis, Fátima do Sul, Itaporã e Dourados, para ficarmos apenas na exemplificação de alguns dos municípios que se beneficiaram.

Hoje, provavelmente, com o avanço tecnológico, qualquer país possa prescindir de uma Reforma Agrária para entrar no clube dos desenvolvidos. A Reforma não é mais, em nossos dias, elemento indispensável para alavancar o progresso. Neste sentido é que acho o MST anacrônico. Teria sido mais útil à Reforma Agrária se as condições históricas tivessem favorecido o seu surgimento como precursor da Revolução de 30 ou em 43, só para tomarmos a data de implantação de nossa Colônia Agrícola.

Se no momento o MST está bem visível, não quer dizer que seja capaz de implantar a Reforma Agrária. Quisera que fosse, assim possibilitaria, ao menos, a abertura de novos empregos e traria de volta ao convívio social milhares de famílias. Não à toa, o MST foi premiado por contribuir para o desenvolvimento dos países do Hemisfério Sul, com 125 mil dólares, pela Fundação Rei Balduino, de um país onde existe muito mais justiça social que por aqui: a Bélgica.

A pergunta que resta: se o MST está fora de época, o que dizer das vozes que se erguem contra ele?

Rainha e o Radialista¹¹⁴

Não sei por que fui ligar o rádio do carro por volta das 8 horas do dia 23 de janeiro? Não foi, com certeza, somente para me aborrecer e indignar. O ato de girar um simples botão permitiu-me refletir sobre uma questão deveras preocupante na atual conjuntura brasileira: o preconceito e a tendência reacionária de algumas pessoas em relação aos despossuídos de terra.

O locutor anunciou que José Rainha, líder do MST no Pontal do Paranapanema, foi citado por um juiz de direito para comparecer ao fórum e prestar esclarecimentos sobre uma invasão, pelos sem-terra, de um prédio do INCRA. Ato seguinte o radialista, com voz limpa, entonação perfeita e uma ênfase de impressionar arrematou dizendo que *“Rainha deveria trabalhar, pegar na enxada, ao invés de ficar invadindo prédios”*.

Notícia seguinte: *“José Rainha será julgado por júri popular por suspeita de assassinato. O juiz afirmou que o líder dos sem-terra poderá pegar de 20 a trinta anos de prisão caso seja comprovada a autoria do crime”*. Comentário do locutor que parecia radiante com tal perspectiva: *“Tem que pegar mesmo 30 anos, 40 anos de cadeia”*.

Esse radialista não é o único no Brasil que se presta a reproduzir, com esse tipo de comentário, a ideologia da elite dominante. Rainha serviu-lhe desta feita de pretexto para defender os interesses dos grandes latifundiários. Já houve época em que outros radialistas, como esse a

¹¹⁴ Postada na seção de crônicas do site www.biasotto.com.br. É quase certo que essa crônica tenha sido publicada em “O Progresso”, mas não encontrei comprovação.

que me refiro, usassem um operário como pretexto. Lula, dentre todos os grandes líderes operários, nos últimos anos, foi o mais visado. Muitos locutores não se cansavam de insinuar que o líder sindical, principalmente depois de se tornar presidenciável, era um vagabundo, que nunca trabalhara e por aí afora.

Sem ter procuração para defender José Rainha ou o MST, mas preocupado com a situação social de nosso país, devo dizer que ele só é líder dos sem-terra por uma razão óbvia: existem sem terra. E convenhamos, é muito mais vergonhoso e criminoso termos sem terra num país como o Brasil do que termos um líder dos sem-terra.

E digo mais: se o atual governo brasileiro quiser realmente entrar para o Primeiro Mundo (como também desejava Collor) ele tem que realizar aquilo que o Primeiro Mundo realizou há muito tempo: a Reforma Agrária. O resto não passa de radicalizações retrógradas que somente servem para acirrar os ânimos e levar a conflitos sociais ainda mais violentos do que já assistimos em nossos dias.

Os baderneiros¹¹⁵

No dia 19 de maio deste, mais de mil prefeitos são barrados em Brasília.

Dia 20, a Record, a Globo e a Globo News foram unânimes em afirmar, antecipando as palavras do presidente, que o protesto em Brasília contra o desemprego foi obra de baderneiros. Por sua vez, o presidente em exercício, menos dotado para as dissimulações, foi mais objetivo ao declarar que o governo agiria dentro da lei e da ordem.

Em 21 de maio, dois dias depois da porta na cara nos prefeitos e um dia após a “baderna” dos desempregados, a Bandeirantes mostra uma cena impressionante. Integrantes do MST saqueiam vários caminhões de alimentos e levam para o acampamento. A polícia chega, toma posição de tiro, chega mesmo a atirar para o alto. Os sem-terra avançam com os seus facões, foices e machados. Estremeci no sofá, mas a polícia recuou e fugiu, enquanto a cena é cortada para uma possível comemoração dos saqueadores.

Voltemos no tempo: 1350 acontece na França a Jacquerie, denominação que a nobreza atribuía aos camponeses, embora essa revolta social tivesse características rurais e urbana. A nobreza francesa, apesar de derrotas iniciais venceu os Jacques matando 20 mil camponeses.

1381, na Inglaterra, os camponeses marcham sobre Londres após tomarem Essex e Kent. O rei os recebe e lhes promete melhorias. Enquanto os confiantes camponeses voltam para as suas plantações, os nobres formam um exército, sufocam a revolta, e executam os seus líderes.

¹¹⁵ Publicada em “O Progresso”: 23 -24/05/1998.

São revoltas de fome. Nada muito organizado. Coisas vulgares, de pobres! Busca da satisfação de necessidades primárias, como encher a barriga com alguma coisa que evite os rugidos dos gases nas tripas vazias.

Paremos com esses exemplos medievais. Pobres reis! Pobre nobreza! Não tinham inventado ainda as viagens internacionais e os títulos de doutor *honoris causa* para resolverem os problemas de seus reinos.

De qualquer forma parabéns a essa guarnição militar que praticou o ato heróico de fugir, talvez por compreender que as pessoas daquele acampamento que praticaram o saque não são bandidos fora da lei, mas gente que tem consciência política de sua pobreza e se abriga sob a bandeira do MST porque ela lhe dá a dignidade que tem sido negada pelo estado organizado.

Sem terra e sem aldeia¹¹⁶

Voltava da Universidade, *campus* próximo ao aeroporto. Fim de tarde, movimento intenso, como de costume, nessa rodovia que liga Dourados a Itahum. Apenas dois carros à minha frente, cada qual a uma distância de aproximadamente cinquenta metros. Todos os três veículos estavam em velocidade reduzida, como manda o bom senso quando se trafega por uma rodovia esburacada, sem acostamento e com movimentação intensa de bicicletas, carroças e pedestres.

Reduzi ainda mais a velocidade quando avistei um índio, de estatura mediana, avançando contra o primeiro carro que seguia à minha frente. Segurando uma ponta da camisa, enrolada numa das mãos, desferia golpes no primeiro veículo. Ziguezagueando voltou para o lado oposto da estrada e arremeteu-se novamente contra o segundo carro.

O homem estava embriagado. Fiquei apreensivo, o próximo a passar seria eu. Fechei o vidro. Devagar e atento segui em frente. Por sorte, ao desferir o último golpe de camisa contra o carro que estava à minha frente, o índio entortou para o seu lado direito e atravessou novamente a pista ziguezagueando. Felizmente, quando cruzei com ele, estava do outro lado. Mesmo assim acelerei para evitar uma nova arremetida.

Ter passado ileso não me confortou. Salvar a minha própria pele ou o meu veículo não é tudo na vida. Lembrei-me de uma vez que meu filho, ainda pequeno chegou dizendo que lhe haviam tomado o boné, mas não reagira porque segundo eu lhe havia dito era melhor

¹¹⁶ Publicada em “O Progresso”: 07/02/1997.

perder um boné ou um tênis que perder a vida. Naquela oportunidade creio que fui feliz em responder-lhe que realmente fizera bem, mas era preciso cuidado para não cair num outro extremo e transformar-se em um covarde.

Que fazer? Enquanto mil coisas se passavam pela minha cabeça, pareceu-me ter ouvido gente gritando: “*Quer morrer? Bêbado! Vai trabalhar vagabundo! Coitado!*”.

Não sei se o índio bêbado que encontrei ziguezagueando pela estrada ainda vive. Conforta-me um pouco a ideia de que pago impostos, cumpro as leis e tenho governos. Segui o meu caminho sinalizando para que os carros que cruzavam comigo fossem devagar.

Além disso, reli a entrevista concedida por Antônio Callado, quando completava oitenta anos, no último domingo, 26 de janeiro, à Folha. Queria comprovar se o consagrado romancista de “Guarup” havia afirmado realmente que não tinha mais esperanças quanto aos índios. Era verdade, lá está com todas as letras a sua declaração de que “*é lamentável, mas não há o que fazer com os índios. Passou o tempo*”.¹¹⁷

Callado morreu dois dias após a sua entrevista ter sido publicada. Desejo que tenha cometido ao menos um erro em sua vida: dizer que passou o tempo para aqueles que não têm mais o seu tekohá.

¹¹⁷ Antonio Callado nasceu em Niterói, em 26 de janeiro de 1917 e faleceu no Rio de Janeiro, em 28 de janeiro de 1997.

A complexidade da questão indígena (I)¹¹⁸

Encontrando-nos em Brasília no dia 30 de março, o prefeito Tetila e eu, tivemos a honra de tomar o café da manhã com o coordenador de projetos da UNICEF, Dr. Halim Girardi. Nesta oportunidade Dr. Halim nos informou da disposição da UNICEF em promover uma grande campanha em âmbito nacional visando arrecadar fundos para levar água potável a todos os índios de Mato Grosso do Sul.

Anteriormente, no dia 23 de março, o Dr. Halim estivera conosco em Dourados. Homem experimentado e atuante, em pouco tempo tinha formado opinião sobre a questão que estava em voga na mídia: a desnutrição das crianças indígenas. Os mais graves problemas detectados pelo representante da UNICEF seriam a falta de água de boa qualidade e a deficiência crônica de Vitamina A nas crianças indígenas.

Nessa oportunidade não nos passou despercebido que o Dr. Halim Girardi conhecia a boa vontade de várias instituições sediadas em Dourados em relação à questão indígena e a atuação de Tetila na Reserva, não somente na qualidade de prefeito, mas também como defensor histórico da causa indígena.

Graças a essa compreensão do Dr. Halim Girardi é que a UNICEF se propôs a realizar a campanha que mencionamos acima. O café da manhã do dia 30 ofereceu-nos a oportunidade de ouvir a proposta da UNICEF e ponderarmos sobre o assunto, afinal, mesmo sendo uma campanha para o bem da população indígena ela implicava em juízos de valor que nós tínhamos que avaliar.

¹¹⁸ Postado na seção de crônicas do site www.biasotto.com.br, ano 2005

Optamos por partilhar a decisão com a FUNASA e, felizmente, na mesma manhã conseguimos audiência com o Dr. Alexandre Padilha, Coordenador de Saúde Indígena da Fundação Nacional de Saúde.

Feliz coincidência. Ao chegarmos à reunião na FUNASA já estava se discutindo uma ampla campanha para suprir a deficiência de Vitamina A. Um problema a menos. E quanto à água?

Também era preocupação da FUNASA, no entanto os recursos seriam insuficientes para abastecer toda a população indígena do estado. Estava bem encaminhado um projeto para Dourados no valor aproximado de R\$ 1,5 mi. O ministro das Cidades Olívio Dutra, em audiência com o prefeito Tetila em 3 de março, encaminhara bem a questão. Por seu lado a FUNASA também encaminhava muito bem o abastecimento de água em Amambaí.

A UNICEF insistia, corretamente, que todas as aldeias deveriam receber água tratada. A FUNASA concordava, mas não tinha todo o recurso. A Prefeitura de Dourados, por sua vez, demonstrava que não bastava atender apenas Dourados por ter sido alvo da mídia, seria necessária uma ação conjunta para solucionar o problema de forma ampla, inclusive porque se uma reserva fosse privilegiada ela atrairia a migração dos parentes indígenas de outras localidades.

Nesse clima de discussão é que surgiu a ideia de uma reunião envolvendo as prefeituras da região, no dia 8 de abril, com a participação de várias outras instituições públicas e privadas que, de alguma forma, participam de ações junto às comunidades indígenas.

Dito e feito. Concluída a reunião do dia 8 registramos pelo menos quatro grandes avanços:

- 1) A FUNASA estenderá a rede de água para atender a 100% da aldeia Bororó, em Dourados e 100% da reserva de Amambaí;

- 2) A UNICEF lançará campanha nacional no próximo dia 13 para arrecadar recursos objetivando levar água potável a todos os índios do sul de Mato Grosso do Sul, com a utilização de caminhões pipa e caixas d'água residenciais ou coletivas;
- 3) Todas as instituições presentes se comprometeram em ajudar de alguma forma: o exército, por exemplo, poderá instalar as caixas d'água, a SANESUL poderá proceder aos estudos geológicos, análise da qualidade da água e acompanhamento de projetos, as Universidades se fizeram presentes e ratificaram apoio, da mesma forma tantas outras entidades que costumemente apóiam projetos na área indígena,
- 4) Esboçou-se a organização de uma rede de municípios com população indígena para discutir e elaborar ações conjuntas.

Foi grande o avanço. Semana que vem o prefeito Tetila convidará novamente as entidades que se fizeram presentes para dar continuidade aos trabalhos, detalhando o que competirá a cada um fazer e, dessa forma, avançaremos ainda mais.

Só lamentamos que essas ações, tão importantes, tenham sido ofuscadas por alguns dos presentes, inclusive indígenas, que preferiram continuar fazendo discursos criticando o não-índio pela situação do índio, criticando a falta de terra, a falta de assistência à saúde, a falta de oportunidade de falar, a falta de consulta à comunidade indígena. Discursos, discursos, discursos... Índios, antropólogos, historiadores, ONGs, prefeitos, deputados, vereadores, meios de comunicação. Tudo muito bem-vindo. Da discussão surgem os caminhos, das críticas nascem as ações... No entanto é hora de realizarmos ações efetivas e coordenadas dentro das Reservas de Mato Grosso do Sul. As teses levantadas são importantes, mas estamos a nos perder no meio delas, precisamos de uma síntese.

Não bastasse a confusão que nós, não-índios fazemos por estarmos cercados de tantas teses, observamos entre os índios uma profunda crise de liderança, uma crise de rumos.

Nosso consolo é que das crises de liderança nasçam propostas inovadoras. A questão é complexa. Muito complexa. Nos próximos dias contribuiremos com algumas ideias que temos defendido em ambientes mais restritos. Gostaríamos, no entanto, de adiantar que não é mais suportável ficarmos ouvindo as mesmas propostas que são defendidas há trinta anos.

Preservar a cultura é uma coisa, querer manter os índios no mesmo estágio civilizatório de 500 anos atrás é outra, bem diferente. Penso que devemos começar por aí a discussão que pretendemos fazer.

A complexidade da questão indígena (II)¹¹⁹

Em matéria disponibilizada no site www.biasotto.com.br dissemos que não obstante a complexidade da questão indígena, como cidadão douradense, nos propúnhamos a contribuir com algumas sugestões. Aproveito para começar hoje, dia em que se encontra em Dourados uma Comissão interministerial designada pelo presidente Lula, a pedido do prefeito Tetila em pleito que protocolizamos na Casa Civil em 30 de março do corrente ano.

Digo como cidadão porque entendo que os douradenses de forma generalizada devem se envolver nessa questão. Não simplesmente para dar um cobertor em época de frio, mas abraçar a reserva indígena porque apesar dela ser território federal, os índios que nela residem devem ser tidos e havidos como cidadãos que ajudaram a construir a identidade de nosso Município. Isto quer dizer que deve haver um processo de alteridade, um respeito “ao outro”, uma interação igual a que existe entre os não-índios de variadas raças que convivem e também constroem a história e os destinos de Dourados.

Não adianta buscarmos soluções sem que antes tenhamos assimilado que os índios, embora de cultura diferente, nos enriquecem não nos empobrecem. Ou nós outros, não-índios, entendemos que não temos nada a aprender com eles? Mesmo que pensássemos assim, o que seria errôneo, deveríamos refletir se somos civilizados suficientemente para convivermos com a pluralidade racial e a diversidade cultural.

¹¹⁹ Postado na seção de crônicas do site www.biasotto.com.br em 2005.

Essa é, portanto, a primeira questão que precisa ser resolvida. A prefeitura de Dourados, através de sua Secretaria de Educação deveria promover uma ampla campanha, conscientizando a sociedade douradense de que os índios de Dourados ao mesmo tempo em que devem manter a sua cultura e as suas crenças, precisam avançar no processo civilizatório, mesmo porque, por estas bandas não haverá mais caça e pesca abundantemente suficiente e a agricultura de subsistência não satisfaz mais a todos os indígenas, principalmente aos jovens.

Para evitar mal entendido voltemos por um tempo à questão do cobertor acima posta. Se os índios estiverem com frio devemos sim providenciar o cobertor, se tiverem sede providenciar a água. Seria relativamente fácil resolvermos esse tipo de questão emergencial. Bastaria uma grande campanha envolvendo prefeitura, câmara, sociedade organizada, universidades, escolas de ensino médio e fundamental. Portanto, não estamos nos posicionando contrários a esse tipo de ação que muitos entenderiam como assistencialista, pelo contrário, penso que deveríamos, como disse, abraçar a nossa reserva, os nossos irmãos índios e respondermos positivamente às suas necessidades básicas.

Quando exercemos o mandato de vereador tínhamos convicção de que necessitávamos de uma ação firme para reflorestarmos as duas reservas de Dourados (Francisco Horta e do Panambizinho), no entanto, quando vimos que os índios estavam acendendo o fogo com talos de pés de quiabo não tivemos dúvidas em atender à proposta do professor Jorge Eremites e encaminhamos ao prefeito Tetila uma indicação para que a prefeitura fizesse chegar a lenha da poda de árvores da cidade até a reserva. Resolveu o problema? Claro que não, mas minimizou, centenas de caminhões com lenha foram enviados nos últimos anos.

Da mesma forma que atuamos em relação à lenha, o Rotary douradense atuou doando cerca de 100 fogões e outras entidades fizeram ações semelhantes. O que tem faltado é ação conjunta, coordenada. Se nos organizássemos poderíamos resolver emergencialmente o problema

da água, por exemplo. O UNICEF está pronto para oferecer um filtro para cada casa dos 18 municípios do sul de Mato Grosso do Sul, basta a água.

Avançemos agora para uma outra questão. A complexidade da causa indígena em Dourados passa pela questão da terra, porque na verdade não temos uma reserva indígena, mas uma área de confinamento indígena. Contraditoriamente não basta aumentar a área, como foi feito no Panambizinho, porque se não houver lenha, por exemplo, os índios são capazes de colocar no fogo caibros, vigotas e ripas, que para os não-índios teriam outras serventias.

Muitos não-índios não se conformam com esse tipo de procedimento, no entanto, o fogo é algo necessário, é sagrado para eles. Fogo de lenha, lenha que vem da árvore, que deve ser plantada, cultivada, aproveitada racionalmente. Para tanto é preciso terra. Por essa e mais uma centena de razões é necessário ampliar a reserva. Mas até quando ou até quanto? E além do mais somente a terra não resolve, é preciso também técnica, técnica que os índios não têm porque nunca precisaram plantar árvores. Não basta dar a muda, os índios não combateriam as formigas, porque nunca precisaram combater formigas.

Percebe o leitor porque os índios não executam certos trabalhos?

O espaço é exíguo. Voltaremos a escrever sobre algumas outras sugestões. Ficam de antemão registradas algumas ideias. 1) As ações dentro das reservas indígenas não podem continuar pulverizadas como estão, é preciso uma comissão permanente, com um coordenador geral para tocar as ações; 2) O governo federal deve instituir um percentual *per capita* indígena para repassar aos municípios que tenham reservas indígenas, através do Fundo de Participação dos Municípios; 3) A escola deverá ser o centro de todas as atividades nas reservas e as crianças deverão permanecer nelas em tempo integral; 4) As atividades na escola devem atingir jovens e adultos; 5) A escola não deverá ter apenas o papel educativo teórico, mas exercer um acompanhamento das práticas

ensinadas; 6) A escola formal nas reservas, sendo o centro das atividades da comunidade indígena, deverá ser diferenciada a ponto de oferecer atenção a todos os ramos das atividades indígenas, inclusive a cultura, o lazer e o esporte, tão ausentes e necessários nas reservas; 7) Todos os não-índios que trabalharem nas escolas das reservas deverão estar conscientes de que não estão lá para assimilar o índio à sua maneira de pensar e agir, mas contribuir no avanço do estágio civilizatório em que se encontram.

Diante da complexidade da questão não pretendemos resolver tudo com uma simples série de artigos, nossa intenção é contribuir de modo a nos afastar das mesmices que têm sido propostas ao longo dos últimos anos. Voltaremos ao assunto.

Meu reconhecimento à inteligência do Deputado Gabeira¹²⁰

Reconheço e aprecio a inteligência humana. As pessoas inteligentes dentre outros predicados, são aquelas que estão no lugar certo na hora certa e dizem a palavra exata no momento oportuno.

Quando o Deputado Gabeira esteve em Dourados entre 12 e 13 deste mês fiquei me perguntando o que teria vindo fazer. É óbvio que veio para ver como estava a situação das crianças indígenas, responderão os mais apressados. Eu lhes digo que é óbvio mesmo, mas veio para mais, veio sondar o ambiente para avaliar a situação e decidir-se pela sua participação na Comissão Externa da Câmara que averigua no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul a morte de crianças indígenas por desnutrição.

Ora, qual deputado federal do alto clero deixaria o seu estado duas ou três semanas seguidas sem fazer uma avaliação criteriosa dos prós e contras resultantes dessa ausência? Poderão me dizer que o Deputado Gabeira é um defensor da causa indígena e que a sua visão humanitária o teria levado a vir para Dourados.

Não discordo. Mas o deputado poderia ter feito dois ou três veementemente discursos na Câmara Federal e resolvido o assunto. Mas não, ele veio, averiguou e ingressou na Comissão.

Creio que dois fatores influenciaram o ingresso do Deputado Gabeira na Comissão. O primeiro é que ele não deve ter detectado dolo ou má-fé. Isso é fundamental para ele ter ingressado na Comissão porque o deputado não é dado às futricas próprias do baixo clero. Se-

¹²⁰ Postado na seção de crônicas do site www.biasotto.com.br em 2005.

gundo, ele deve ter constatado que as mortes por desnutrição não são exatamente por falta de alimentos, mas que um dos fatores das mortes está associado à falta de água potável. A reserva não chega a ter 40 km de rede de água, precisaria de mais 60 km e as crianças são as que mais sofrem com a falta de saneamento.

Muito bem, cá veio o Deputado Gabeira novamente no dia 21 de março quando, junto com a Comissão percorreu novamente a reserva. No dia 22, no auditório da OAB, ouviu várias autoridades, inclusive o prefeito Tetila.

Gabeira deve ter tomado conhecimento de que Tetila se preocupa com a questão indígena muito antes de ser prefeito, muito antes de ser vereador e percebido também que trabalhou muito pela reserva e ainda, que não queria “briga” com a Comissão e sim contribuir.

Ora, foi fácil. Gabeira disse alto e bom som. A reserva precisa de água e eu posso ajudar com R\$ 1.5 mi e, ainda, conclamou os deputados douradenses João Grandão e Geraldo Resende a entrarem com R\$ 250 mil cada. Palmas para Gabeira, talvez ele nem soubesse que o Ministério das Cidades está para liberar entre R\$ 1.5 a R\$ 2.0 mi para completar a canalização de água na reserva. Mas, agora, com esse empurrão, a verba deve sair.

De resto, o Deputado Gabeira sugeriu a criação de uma Secretaria Especial para Assuntos Indígenas. Bravo! Eu já havia proposto isso há muito tempo. Mas ao que parece santo de casa não faz milagre.

Com certeza amanhã os jornais douradenses estarão louvando ou ao menos destacando as propostas do Deputado Gabeira. O Rio de Janeiro deve se orgulhar e (re)eleger o seu deputado.

Eu, particularmente, cumprimento Gabeira não só pela sua inteligência como também pela maneira madura de fazer política. Torço para que as suas propostas sejam concretizadas.

De minha parte penso que uma alternativa bem mais abrangente seria a elaboração de um projeto de lei objetivando que o governo federal acrescentasse ao repasse que faz por intermédio do Fundo de Participação dos Municípios, uma importância extra aos municípios com população indígena. A proposta é relativamente simples: compõe-se de um determinado índice *per capita* a exemplo do que é feito com a Merenda Escolar ou com o FUNDEF, multiplica-se esse índice pelo número de índios residentes nos municípios e faz-se o repasse.

Outra ideia seria a criação de uma Comissão Interministerial para atuar na Reserva com coordenação unificada. Aí a Secretaria para Assuntos Indígenas funcionaria.

Quem gosta de greve?¹²¹

Primeira greve: 1958 ou 1959, nem sei ao certo. Tinha onze ou doze anos e participei sem ter plena consciência daquele movimento, sei que alunos mais velhos e politizados conseguiram colocar a pequena cidade de Itápolis de pernas para o ar, objetivando tirar três professoras de sala de aula. Desde então temos testemunhado muitas greves e até mesmo participado de várias delas.

A primeira greve é algo como um primeiro amor: a gente nunca esquece. E, de fato, lembro-me muito bem da minha experiência nesse campo. Era um garoto ingênuo que cursava a primeira série ginásial (hoje quinta série), em Itápolis, quando, no Instituto de Educação Valentim Gentil, os alunos resolveram dar um bota-fora em três professoras. O Valentim Gentil era enorme, uma espécie de Escola Presidente Vargas aqui em Dourados. Meu pai acompanhou-me, queria que eu assistisse às aulas normalmente.

Duas quadras antes de chegarmos fomos abordados por uma comissão de alunos veteranos. Eram moços feitos, cursavam o que corresponde hoje ao segundo grau (Científico, Clássico e Normal naquela época). Não me recordo dos argumentos usados, sei, entretanto que voltamos para casa e eu só retornei à escola quando as professoras foram definitivamente afastadas. Minha participação nessa greve foi a de um estudante completamente alienado. Nem sequer sei com certeza os motivos do repúdio às professoras. Parece-me, entretanto, que um dos motivos era a defesa que faziam da Teoria Evolucionista, de Darwin.

¹²¹ Postada em 1996 na seção de crônicas do site www.biasotto.com.br.

Sei que a Igreja esteve ao lado dos alunos, o que sem dúvida, contribuiu para a vitória dos grevistas.

A partir de então participamos de muitas greves, inclusive da primeira realizada pelo magistério de Mato Grosso do Sul, em 1981. Quem nos viu percorrendo todo o sul desse Estado, ao lado do Moretti, Biffi, Sultan, Tetila, Euzébio Barrios, e tantos outros companheiros, podem testemunhar o nosso entusiasmo na defesa do direito de greve. Isso, entretanto, não significa dizer que gostássemos de fazer greve. Nós tínhamos, na época, esgotado todos os nossos argumentos em defesa da valorização do magistério. Desde 1978 tentávamos obter algum avanço junto aos governantes sem que tivéssemos êxito. A greve foi, portanto, um recurso extremo.

Muitas outras greves se sucederam no magistério público estadual. E no CEUD as coisas não foram diferentes. Chegamos a fazer uma greve inclusive para que o reitor contratasse professores. Isto também porque embora houvéssimos demonstrado a necessidade das contratações não fomos atendidos.

Greve e violência¹²²

A greve é um direito legítimo do trabalhador, garantido pela própria Constituição e, pelo que temos visto, tem sido utilizada como recurso extremo, sendo deflagrada somente quando se esgotam as possibilidades de negociação. Portanto, enquanto houver diálogo, enquanto for possível colocar trabalhadores e patrões, servidores e governantes, em torno de uma mesa, não há necessidade de paralisações.

Se os funcionários públicos federais estão em greve desde 16 de abril é justamente porque uma das partes não quer conversa. Os funcionários, desde dezembro, pretendem negociar suas perdas salariais sem que sejam sequer recebidos pelo Ministro Bresser Pereira. A arrogância e prepotência desse ministro chegam a ser irritantes. Marca e desmarca audiências, cancela-as em última hora; nega descaradamente que a data-base dos servidores seja em janeiro; mente ao dizer que não há dinheiro e que já reajustou vencimentos e por aí afora.

Por outro lado, recorrer à Justiça tem se mostrado uma atitude inócua. Os tribunais não têm demonstrado agilidade suficiente, os recursos do governo só se esgotam no Supremo e, pior, para uma mesma natureza de ação existem sentenças diferenciadas.

Existem atualmente pelo menos quatro grandes pendências judiciais em relação aos servidores públicos federais. Plano Bresser, Plano Verão, Plano Collor e os 28,87% concedidos aos militares em janeiro de 93, apesar de a Constituição de 1988 estabelecer que não pode haver aumento diferenciado aos servidores da União. Algumas ações se arras-

¹²² Publicada em “O Progresso”: 24/05/1996.

tam morosamente pelas diversas instâncias dos tribunais federais desde 1989 sem que tenham ainda um desfecho. Sem contar que em relação a essas pendências ocorrem coisas bizarras, como é o caso de se verificar numa mesma repartição um funcionário ter ganhado uma determinada ação e outro tê-la perdido.

O mais desanimador de tudo é que, apesar da greve, o governo mantém-se irredutível, como se nada estivesse ocorrendo, como se não tivesse obrigação de negociar, como se não precisasse demonstrar com transparência onde emprega o dinheiro público. Comporta-se como um príncipe absolutista que a ninguém precisa prestar contas. Soberbo e inconsequente o que mais sabe fazer é execrar, vilipendiar e estigmatizar o funcionalismo público como privilegiado e ocioso.

Isso tudo explica porque os funcionários, beirando ao desespero, radicalizam: porque o governo já radicalizou há muito tempo. Resta apenas saber se essa radicalização se dá por pura incompetência do Ministro Bresser Pereira ou por deliberada política de aniquilamento do funcionalismo para facilitar a privatização (ou doação?) do patrimônio público ao capital estrangeiro?

Graças as nossas elites babonas já temos a radicalização de vários movimentos no Brasil, esperamos que esse estado de coisas não se agudize a ponto de termos brevemente convulsões sociais mais contundentes.

Tempos Modernos¹²³

Quando encontrei minha colega, professora, com o filho ao colo, ao invés de dirigir-lhe a palavra falei com a criança, perguntando-lhe se não havia sentido falta da mãe. E prossegui perguntando se ele, o neném, não achava sua mamãe meio doida, por deixá-lo aos cuidados do pai, com apenas quatro meses, durante uma semana inteira, para ir participar de um congresso?

Repentinamente, surpreendi-me: o que dissera em tom de brincadeira à criança, na verdade eu gostaria de tê-lo dito à mãe. No meu íntimo estava imaginando não ser correto tal procedimento, afinal mãe é para cuidar dos filhos, ou não?

Com esse pensamento saí de meu trabalho para entregar na redação de “O Progresso” uma crônica, condenando a truculência do Estado na época da ditadura militar. Em frente ao jornal, exatamente naquela hora, passavam em passeata, outros colegas, os professores da rede estadual de ensino, em sua maioria mulheres, empunhando faixas e cartazes, protestando pelos baixos salários e atrasos no pagamento.

É provável que muitas dessas professoras tenham deixado em suas casas filhos pequenos. Passou-me pela memória então, como num filme, a grandiosa passeata realizada em Campo Grande no dia 27 de março de 1980, quando reivindicávamos melhores condições salariais. Para organizar essa passeata, que foi a maior e mais ordeira que o Centro Oeste brasileiro já viu, segundo um jornal da época, percorremos dezenas de cidades do interior, realizando Assembleias Gerais, tentando

¹²³ Publicada em “O Progresso”: 22/08/1996.

convencer os colegas da importância daquele ato público para demonstrarmos a nossa força.

Em várias dessas Assembleias vimos professoras levantarem-se e, publicamente, dizerem que gostariam muito de participar, concordavam com os nossos argumentos de que o magistério não era um sacerdócio, mas uma profissão, mas, entretanto, tinham marido e filhos para cuidar.

Parado, ouvia as palavras de ordem dos colegas professores que passavam. Não me pareciam vozes de protestos, mas gritos de dor. Na crônica que tinha à mão e entregaria naquele momento à redação do jornal, defendia Marighella e Lamarca mortos pela repressão. Vieram-me à mente retratos dos campos de concentração: multidão comprimida, à beira do desespero, com fome e sede.

Ah! Velhos tempos! Quando se imaginaria, vinte ou trinta anos atrás, que uma professora saísse às ruas para protestar? Ou que deixasse o filho com o marido para atualizar-se?

Quantas mudanças, quantas contradições em tão pouco tempo?

Muita gente passa, a população parece não preocupar-se, o comportamento das pessoas deixa-me a impressão de que nada tem a ver com aquilo. Ou engano-me? Os que me veem ali parado não podem pensar também a mesma coisa de mim?

E os governos se sucedem. Explicam. Convencem. Reelegem-se. O pai cuida da criança, a professora recicla-se, especializa-se. Ainda há esperança.

E quando for o exército?¹²⁴

Com o exemplo da polícia militar mineira, que entrou em greve recentemente, vários outros Estados brasileiros tiveram que enfrentar situações inusitadas nos últimos dias com as suas polícias. Em Alagoas a situação é tão grave que provocou a queda do próprio governador, embora a mídia nacional, em sua esmagadora maioria, insista em minimizá-la, seduzida que está pelas reformas neoliberais do governo FHC. Sem contar que esclarecer devidamente os fatos desnudaria a farsa *collor(ida)* montada especialmente pela Globo. Não era de Alagoas que vinha o caçador de marajás? O redentor do sofrimento do povo brasileiro?

Por essas e outras Alagoas devia ter sofrido uma intervenção federal. O governo FHC só não a fez porque havendo intervenção em algum Estado da Federação o Congresso não pode votar reformas constitucionais, o que teria colocado em risco a reeleição e, por via de consequência, o plano do atual governo de permanecer 20 anos no poder. E, se agora, após a ascensão do vice-governador, o governo federal faz uma intervenção branca em Alagoas, é para continuar com as reformas constitucionais, porque na verdade, uma intervenção séria era inevitável.

Penso que os Estados, na situação de Alagoas, precisam ser pensados com mais seriedade. Não é possível que arrecadem tão pouco. Não é possível que gastem tão inadequadamente os seus recursos. Parece-me que em épocas de mutação, que trazem o surgimento dos bichos chupa-cabras, pode estar havendo também o aparecimento da espécie

¹²⁴ Publicada em “O Progresso”: 26-27/07/1997.

homem-gafanhoto (ou homem-político-gafanhoto), que provoca destruição total por onde passa..

Três anos sem reajustes salariais para o funcionalismo público federal, num quadro inflacionário que beira os 65% ao longo do plano real, poderá levar brevemente o próprio exército a manifestações análogas a das polícias militares. E então, quem poderá salvar-nos?

Não criemos pânico. Qualquer exército do Grupo dos 7, especialmente o dos Estados Unidos, estará pronto a nos ajudar nessa época de globalização neoliberal. Em dois ou três dias os nossos poderosos aliados se colocarão diante dos soldados tupiniquins e, da mesma forma que o exército conteve os policiais militares, as forças estrangeiras garantirão a nossa paz.

Particularmente faço um “*mea culpa*”: sabendo que o salário dos soldados é indigno, sabendo que o dinheiro público está sendo malversado, sabendo que diante desse quadro é de se esperar a vigência da corrupção no seio das corporações militares, calei-me e, se alguma coisa fiz para reverter isso, foi pouco. E não me serve de consolo saber que boa parte da sociedade fez menos ainda.

Greve de fome¹²⁵

Dezenove professores de Universidades Federais fazem greve de fome em Brasília. Poderiam ser muito mais não fosse o pedido do Sindicato da categoria [ANDES-SN] solicitar que não houvesse mais adesões.

Que força pode levar um grupo de pessoas bem nutridas a abster-se de comida num país onde milhares de conterrâneos caminham léguas e léguas em busca de uma cesta básica? Que tipo de preocupação pode levar uma pessoa empregada, com salário mensal em torno de mil e duzentos reais, à greve de fome, quando sabemos que milhões de brasileiros trabalhariam dez horas diárias ao longo do mês para ganhar um décimo dessa importância?

Na verdade essa greve de fome dos professores universitários revela muito mais que a mera reivindicação salarial, desnuda para a sociedade internacional uma imagem paradoxal: justamente quando assume a Presidência da República um professor universitário, doutor *honoris causa* em várias partes do mundo, a Universidade brasileira vai sendo pouco a pouco sucateada.

A greve de fome desses professores é, portanto, um ato que dignifica toda a categoria e desperta os nossos brios para a defesa de um dos patrimônios mais importantes que a sociedade brasileira possui: a universidade, pública, gratuita e de boa qualidade.

O lamentável é que a mídia nacional parece estar mais preocupada em mostrar a aliança no dedo direito do Ronaldinho do que essa

¹²⁵ Publicada em “O Progresso”: 25/06/1998.

greve de fome. Não que devamos ser indiferentes à felicidade e paz do melhor jogador do mundo, nele repousam afinal as nossas esperanças de sermos penta campeão mundiais. Mas convenhamos, no Brasil estão em jogo projetos infinitamente superiores ao penta. Está em jogo a própria existência da Universidade Pública.

O que leva, portanto, nossos colegas à greve de fome, como eles próprios afirmam, é “a culminância de um longo processo no qual vimos esgotadas todas as tentativas de estabelecer um efetivo diálogo com os representantes do governo FHC”.

Que triste constatação: na Presidência da República um professor universitário, no ministério um ex-reitor e ex-dirigente de uma Associação de Professores.¹²⁶ Deveríamos todos, país, alunos, professores, estar comemorando uma revitalização jamais vista da Universidade Pública, no entanto, a arrogância de nossos dirigentes não lhes permite sequer o diálogo.

Confesso que gostaria de estar junto com os meus colegas, e com eles, dizendo aos meus filhos e a todos os jovens universitários brasileiros: *“Privo-me da comida porque me privam da palavra que tem fome de ser. Privo-me da comida porque me tiram a voz, o salário e tentam tirar-me o respeito. Tenho fome de verdade. Tenho fome de saber. Tenho fome de justiça”*.

¹²⁶ A referência a professor universitário é feita ao então Presidente Fernando Henrique Cardoso e o Ministro da Educação era Paulo Renato.

Se todo brasileiro fosse um craque...¹²⁷

Originário na Inglaterra, o futebol ganhou fronteiras tornando-se o esporte preferido por milhões de habitantes da Terra. Sem dúvida é um esporte sadio e muito bonito que merece inclusive apoio. Em certos países, entretanto, como é o caso do Brasil, existe certo exagero devido talvez à excessiva profissionalização de nossos atletas.

O ordenado de nossos jogadores, como é do conhecimento de todos, não é nada mal se comparando com os de outros profissionais. Tomemos como exemplo um caso, possivelmente o mais exorbitante que existe, o de Zico. Para ganhar o que Zico fatura mensalmente é necessário que um executivo trabalhe seis meses; um professor secundário, quase quatro anos e o trabalhador que recebe salário mínimo quase quinze anos.

Mas não fica apenas nisso a exorbitância da coisa. Ainda ontem, data em que se iniciaram oficialmente as disputas da Copa do Mundo, as emissoras de rádio noticiaram que uma comissão de jogadores da seleção brasileira reivindicava em nome dos jogadores, um “bicho” de nada mais nada menos que um milhão de cruzeiros, caso o Brasil sagresse campeão.

Fatos dessa natureza chegam a se tornar revoltantes porque enquanto essas estrelas de nosso futebol enxergam apenas cifrões, nós torcedores, incluídos os que ganham salário mínimo, corremos o risco de sermos considerados antipatriotas se não torcermos pela seleção canarinho.

¹²⁷ Publicada no Jornal de Notícias: 02/06/1978.

Evidentemente a culpa não cabe somente aos jogadores, estes, aliás, tem certa razão. Uma vez que o bolo é grande eles pretendem tirar boas fatias. Com quem dividir a culpa? Com o povo que optou por outras profissões diferentes do futebol?

Enquanto isso a propaganda vai correndo solta. “Todo o brasileiro é um técnico” dizem por aí, e nós ficamos intimamente satisfeitos sem percebermos que na verdade estamos sendo enganados porque todo brasileiro deveria ser um craque, isto sim. Bem, mas nem todos sabem dominar a bola com perfeição e então esta possibilidade não existe, mas bem que se poderia pensar em empregar as gordas rendas da Loteria Esportiva em quadras de esportes e campos de futebol modestos, mas que propiciassem o “esporte para todos”.

De qualquer forma haveremos todos de torcer por mais uma vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo.

